

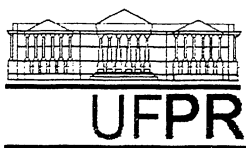
CLEUSA MARIA FUCKNER

**MAGISTÉRIO e CASAMENTO : MEMÓRIA e FORMAÇÃO
no COLÉGIO de EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ.
(1953-1986)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Serlei Maria Fischer Ranzi.

CURITIBA
2000



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PARECER

Defesa de Dissertação de **CLEUSA MARIA FUCKNER** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO.

Os abaixo-assinados, DR^o SERLEI MARIA FISCHER RANZI; DR^a MARIA TEREZA S. CUNHA E DR. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“MAGISTÉRIO E CASAMENTO: MEMÓRIA E FORMAÇÃO NO COLÉGIO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ (1953-1986)”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo, aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

Professores

Apreciação

DR^a SERLEI MARIA FISCHER RANZI (Presidente)

Aprovado Sidel

DR^a MARIA TEREZA S. CUNHA (Membro Titular)

Aprovado Sidel

DR. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA (Membro Titular)

Aprovado Marcus Levy



Curitiba, 12 de junho de 2000

Maria Auxiliadora Schmidt
Prof^a Dr^a Maria Auxiliadora Schmidt
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

COLÉGIO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ

Ensino de 2.º Grau

Mantido pela Associação de Educação Familiar e
Social do Paraná.



MAGISTÉRIO

Reg. SEED, n.º 347 em 21/6/54
Mec, Nível Colegial
Portaria n.º 81 de 13/3/61
Normal Colegial, reconhecido:
a) Decreto 13.878 de 10/1/64
b) Decreto 10.677 de 17/6/68
Decreto de Reorganização n.º 6.387
de 29/3/79
Rec. Portaria n.º 131/82

*"A educação será tanto mais
humanizadora quanto mais se
abrir para a Transcendência,
ou seja, para a Verdade e o
Sumo Bem".*

Puebla, 1024

Rua Bento Viana N.º 765
Bairro Água Verde - Fone : 242-1155
80.000 - Curitiba - Paraná

COLÉGIO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ

Ensino de 2.º Grau

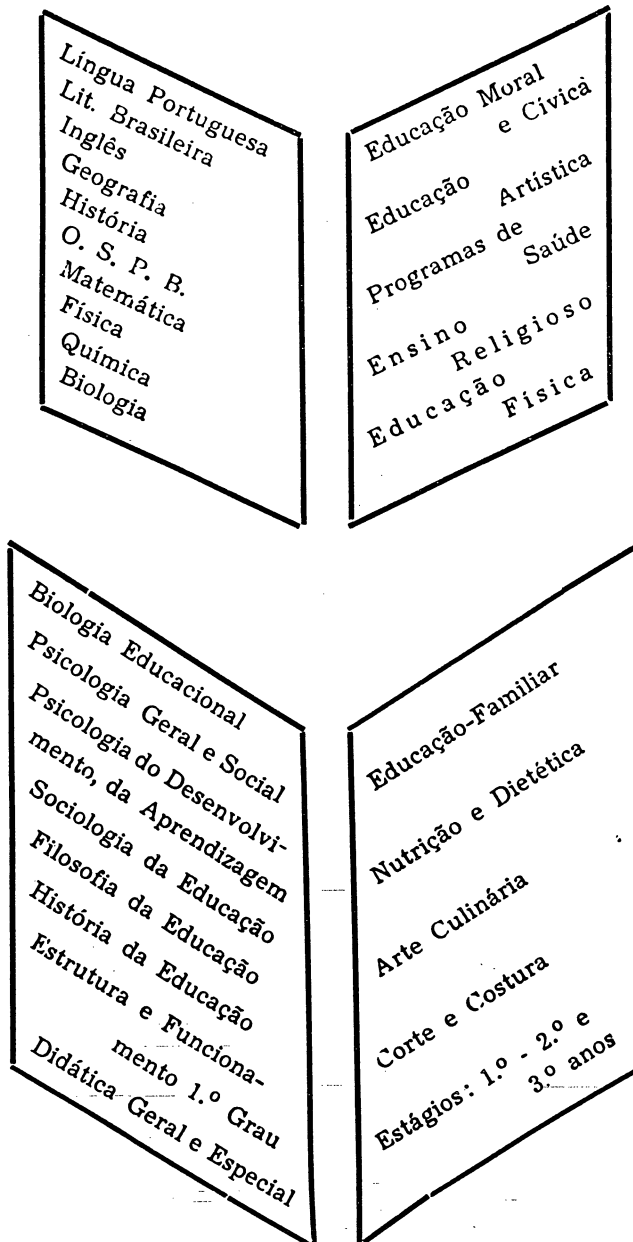
Visa levar a jovem a desenvolver sua formação integral e habilitar-se ao desempenho do Magistério.

Convida-a a se converter em sujeito, não só do seu próprio desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade: educação para o serviço.

(cf. Puebla, 1030)

Toda a organização curricular e administrativa está voltada à consecução destes objetivos.

CURRÍCULO



INFORMAÇÕES GERAIS:

O Curso de Magistério do Colégio de Educação Familiar do Paraná - Ensino 2.º Grau, prepara:

- a Professora de 1ª a 4ª Série do 1.º Grau
- o ingresso às Faculdades
- à exercer a função de Educadora

como Mãe

Professora

Educadora Familiar e Social

CONDIÇÕES DE MATRÍCULA:

data: a partir de 1.º de dezembro

Local: Colégio de Educação Familiar do Paraná

Ensino de 2.º Grau - Fone: 242-1155

Rua Bento Viana nº 765 - Curitiba - Pr.

Horário: Das 8:00 hs. às 12:00 hs.

as 13:00 hs. às 16:00 hs.

Documentos:

Fotocópia da Certidão de Nascimento

Dois (2) Históricos Escolares de 1º Grau (Ficha 18 - uma via original e outra fotocópia).

Atestado de Boa Conduta do Colégio anterior.

Quatro (4) fotos 3 x 4.

OBS.: Os documentos acima, em casos especiais, poderão ser apresentados até o dia 10 de fevereiro.

HORÁRIO DAS AULAS:

Diariamente das 7:25 hs. às 12:00 hs.

DURAÇÃO DO CURSO:

Três anos.



ESCOLA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR
DO PARANÁ

DIPLOMA
DE

Educadora Familiar

*Conferido a Senhorita Josélia de Faria Amorim
que obteve pleno êxito nos exames escritos, orais, práticos e pedagógicos de Especialização
em Ciências Familiares e Domésticas.*

Curitiba, 15 de Dezembro de 1955

*Stella Missino Quérios
Diretora*

*S. J. Ameghini
Inspetor*

A ALUNA

Josélia de Faria Amorim.

*Stella Missino Quérios
de P. Missino Quérios
E. F. A. 57*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
1 Introdução.....	1
2 A Cidade se moderniza - a educação das mulheres neste contexto.....	26
2.1 Curitiba no início dos anos 50	26
2.2 A Educação feminina em Curitiba nos anos 50.....	30
2.3 A mulher vista pela Imprensa de Curitiba.....	39
2.4 A Igreja, a congregação e a proposta de educação feminina.....	49
3 Colégio de Educação Familiar do Paraná : origem e consolidação.....	60
3.1 A Relação entre a Escola de Serviço Social e as origens do C. E. F.....	60
3.2 A Proposta Pedagógica	66
3.2.1 A Formação Religiosa.....	67
3.2.2 A Formação Familiar e a Economia Doméstica.....	71
3.2.3 A Formação para o Magistério.....	81
3.2.4 A Preparação para o curso superior.....	91
3.3 A Proposta de intervenção social - sensibilização das elites.....	94
4 O cotidiano e as memórias do processo educacional no “caça”.....	103
4.1 As representações e o cotidiano das alunas no “caça-marido”.....	103
4.2 Cotidiano escolar - relação professor alunos e a questão da disciplina.....	111
4.3 Processo educacional e as permanências resultantes da formação.....	118
4.4 Avaliação das alunas e fechamento do Colégio.....	123
5 Considerações Finais.....	129
Referências de Pesquisa.....	133
Referências Bibliográficas.....	139
Anexos.....	146

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer especialmente à Prof^a Dr^a Serlei Maria Fischer Ranzi pela orientação segura, pelo carinho e compreensão ao longo de todo o caminho.

Agradeço à Prof^a Dr^a Maria Tereza S. Cunha e ao Prof^o Dr^o Marcus Levy Albino Bencostta pelas excelentes sugestões na banca de qualificação , o que permitiu a forma final deste trabalho.

Agradeço às minhas entrevistadas que trouxeram à tona suas lembranças, dividindo comigo memórias claras e lúcidas, vindo ao encontro do presente depois de se ter banhado nas visões de um outro tempo.

RESUMO

O objetivo norteador deste trabalho foi a constituição principalmente a partir da memória da trajetória desta instituição : O Colégio de Educação Familiar do Paraná - um estabelecimento de ensino católico de Curitiba, da segunda metade do século XX (1953-1986). Através da retrospectiva histórica, pretendeu-se analisar a educação desenvolvida por este centro de formação feminina , investigando a formação profissional e o cotidiano de uma ação pedagógica que iniciada na década de 50, atendendo aos discursos da época quanto ao papel feminino, permanecendo até 1986 quando se delineou o encerramento de suas atividades. Este colégio que começou como um curso de preparação para o casamento, tornou-se uma importante escola de formação feminina que marcou época na sociedade curitibana. Destinado à formação de moças da elite, era ponto de referência e de encontro para o público masculino, ficou conhecido como “caça marido”, sendo esta uma representação ainda presente no imaginário e na avaliação das ex-alunas. Por outro lado, o colégio tinha uma proposta diferenciada das demais escolas Normais da cidade, vinculada aos objetivos da congregação mantenedora que era a sensibilização e a “conscientização” das mulheres privilegiadas economicamente através do contato com a realidade social das camadas marginalizadas. Foi analisada também a relação entre a proposta de educação desenvolvida pelo estabelecimento e a relação com a Igreja Católica. Assim como a visão de mulher construída pela imprensa curitibana nas décadas de 50 a 70. Tendo como referencial teórico as discussões contemporâneas sobre memória, gênero e educação foram utilizadas fontes escritas e orais. As fontes escritas são constituídas por jornais: dois laicos e um católico, por documentos preservados pela congregação e pelas entrevistadas. As fontes orais são resultantes de entrevistas com professoras religiosas, professoras leigas e ex-alunas, com isso procurou-se avaliar os resultados da ação pedagógica e assistencial da instituição através das apropriações na prática das alunas entrevistadas. A justificativa para esta pesquisa foi a busca de construção da memória da instituição e de uma forma de educação feminina em Curitiba. Esperamos com este trabalho ter contribuído para a configuração de um quadro da história da educação paranaense e que o mesmo possa servir de base para outros trabalhos que aprofundem o tema.

ABSTRACT

The guiding objective of this work was the constitution mainly from the memory path of this institution : O Colégio de Educação Familiar do Paraná – teaching catholic foundation of Curitiba, in the second half of 20 th century (1953-1986). Through the historic retrospective; it pretended to analyse the education developed by this center of feminine formation, investigating the professional formation and the quotidian of a pedagogic action that had begun in the fifty decade in view of epoch discourses as the female paper until 1986 when delineated the finishing of its activities. This school, that began with one course of training for wedding life, became an important school of feminine formation, that marked out the epoch in the curitibana society. It has destined to form elite lady, it was reference point and meeting for the masculine public it has known as “look for a husband” (Caça Marido), being this a representation till present in the imaginary and in the valuation of ex-pupils. In another side the school had a differentiated proposal besides normal schools of Curitiba, bond to the goals of congregation that keep it which was the sensitizing and the consciousness of ladies by economically privileged class through the contact with social reality of the excluded class. It was also analysed the relation between the education proposal developed by the school and the relation with catholic church. As well as the woman view made of opinion published by the curitibana press in the 50 to 70 decades. Having as theoretician reference to the contemporarian discussions about memory, humankind and education were utilized written and oral means. The written means were constituted by newspapers two seculars and a catholic one, to protected documents by congregation and by interviewee people. The oral means were resultant of interview with religious teachers, outsider teachers and ex-pupils; with this it had found to evaluate the result of pedagogic and assistance action of the institution through the permanences in the practical of the interviewed pupils. The justification for this investigation was searching of memory process of the institution and the feminine education in Curitiba. We hope with this work have had contributed for the configuration of history step of Paranaense education and that the same can serve as principle for other works which makes a profound study theme.

INTRODUÇÃO

As questões de gênero consolidadas nas duas últimas décadas têm sido objeto de pesquisa que perpassam diversas áreas da produção acadêmica, desde História, Sociologia e mais recentemente estudos na Educação, e nesta, aqueles estudos que envolvem instituições de formação feminina. A pesquisa aqui apresentada tem por objeto, o estudo de uma instituição de ensino feminina católica já extinta – o Colégio de Educação Familiar do Paraná , tendo como recorte temporal o período de sua existência, (1953-1986).

Em Curitiba sete trabalhos podem ser citados por apresentarem e abordarem temas referentes à mulher, às questões de gênero e educação numa perspectiva histórica. Primeiramente cita-se a obra de *Etelvina Maria de Castro Trindade*, intitulada - *Clotildes ou Marias : Mulheres de Curitiba na Primeira República*. Esta obra foi publicada em 1996 a partir da tese de doutorado defendida em 1992, a qual traçou um perfil da mulher curitibana no período compreendido entre 1890 e 1930 e seus espaços de interação e formação na constituição da cidade. TRINDADE analisou a participação feminina na vida pública da cidade, através de atividades sociais, do exercício do trabalho e das atividades culturais. Neste período em que a sociedade passava por transformações a mulher era

educada para o mundo interior, é uma mulher solicitada a dar uma contribuição externa que inclua tanto o desembaraço e a efusão, quanto recato e a modéstia. A mulher da família, esquecida de si mesma, que vive em ambientes restritos e horizontes estreitos, a educação acrescenta uma face externa treinada para a vida social e para os campos, ainda que limitados, do trabalho. Ela torna-se assim figura participante das festas e reuniões da alta sociedade, para exibir com propriedade, suas “toilettes” e sua beleza. Mas também está presente nas festas populares, onde

se esbalda, namora, dança, participa das rixas, apanha e também bate. (TRINDADE, 1996, p.14)

Em segundo lugar, tem-se a pesquisa de *Ana Paula Vosne Martins - Um lar em terra estranha : A aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60*, na qual a autora analisou o papel da mulher na sociedade e o acesso à formação universitária de moças do interior do estado.

O terceiro trabalho é o de *Léa Resende Archanjo - Gênero e Educação*, publicado em 1998, a partir da dissertação de mestrado defendida em 1996, que analisou as relações de gênero no Colégio Estadual do Paraná nas décadas de 50-60. A autora inicia a obra partindo do questionamento do papel da educação escolar na construção das desigualdades presentes entre homens e mulheres na década de 50, período em que as mulheres já tinham acesso às profissões de nível médio como o magistério, mas que predominava ainda uma escolha pela vida familiar. Salienta-se que ao discutir a formação feminina em Curitiba na década de 50 e as questões de gênero no espaço institucional do Colégio Estadual esta obra faz referências ao Colégio de Educação Familiar do Paraná, objeto de estudo da presente pesquisa.

Outro trabalho sobre o tema mulher é a dissertação de mestrado de *Cynthia Roncaglio - Pedidos e recusas mulheres , espaço público e cidadania,(1890-1934)* onde a autora busca compreender como as mudanças do significado histórico da esfera pública e da esfera privada no mundo ocidental propiciaram a inserção da mulher no espaço público e o direito ao exercício da cidadania. Um dos capítulos é dedicado ao estudo da prática e da vivência da cidadania pela mulher curitibana do

século XIX até a década de trinta deste século.

Analisando o trabalho feminino fora do sistema fabril a dissertação de *Ana Maria Ganz - Vivências e Falas : Trabalho Feminino em Curitiba (1925 –1945)* procura resgatar diferentes personagens femininas a partir de matérias publicadas na imprensa local. GANZ resgata a história das mulheres e seus saberes e trabalhos, desde as que possuem saberes místicos como os das benzedeadas e das parteiras, dos saberes institucionalizados como das médicas, advogadas, professoras, e das mulheres domésticas e ambulantes.

Nesta mesma perspectiva de análise em 1996 a dissertação de mestrado de *Roseli Boschilia - Condições de Vida e trabalho : A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*, é construída a partir da história oral de vida em que a autora se debruça sobre o cotidiano e as relações sociais e familiares de mulheres operárias.

Também datado de 1996, o trabalho de *Wilma de Lara Bueno - Curitiba, uma cidade bem amanhecida vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX*, tem como referencial teórico as obras de Michelle PERROT; constrói a caminhada de mulheres imigrantes polonesas em Curitiba; utiliza, além da documentação oficial da imigração, entrevistas com descendentes de segunda e terceira geração das primeiras famílias polonesas da cidade. Segundo a autora a

temática – mulheres e etnia – pode ser uma contribuição aos estudos históricos que contemplam a questão da identidade, cultura e cidadania, à medida que desloca a atenção para a margem da história, para a experiência das pessoas comuns, que ao seu modo considerando suas bagagens culturais trouxeram sua efetiva participação na coletividade. Junto às pessoas comuns emerge o cotidiano (em contraposição ao espaço oficial do público e político ocupado essencialmente pelas personalidades masculinas e governamentais) como um lugar de produção de conhecimento e de sentido para a vida. (BUENO,1996, p. 8)

Os trabalhos citados relacionados têm como objeto principal de análise questões femininas; por trabalharem com a formação feminina perpassam o âmbito da educação informal. Os trabalhos de MARTINS e ARCHANJO trabalham diretamente com a mulher inserida numa instituição de caráter educacional, a Casa da Estudante Universitária (CEU) e o Colégio Estadual do Paraná. Estes trabalhos constituem-se de referência para esta pesquisa, visto que são pioneiros em estudos sobre gênero e educação no Paraná.

O título deste trabalho Magistério ou casamento sintetiza a trajetória de origem e desenvolvimento da instituição de ensino pesquisada. A Memória como fonte, traduz-se na perspectiva metodológica adotada e a compreensão do conceito de Formação segue a reflexão proposta por Forquin na relação entre cultura e educação.¹

O objetivo norteador do presente trabalho é constituir principalmente a partir da memória a trajetória da instituição pesquisada. Investigar a formação profissional e o cotidiano de uma ação pedagógica que iniciada na década de 50, atendendo aos

1. Jean Claude Forquin ao discutir a relação entre educação e cultura propõe o seguinte entendimento: "Quer se tome a palavra educação no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa : conhecimento, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de ' conteúdos da educação" (1993,p.10).O autor analisa o conceito de cultura em três sentidos, a cultura como qualidades cultivadas (termo tradicional ,elitista), como modo de vida de uma sociedade (termo usado pelas ciências sociais) e como transmissão cultural que também envolve os dois sentidos anteriores, aqui se localiza a perspectiva de uso do conceito de cultura escolar, de educação que abrange a idéia de formação como um processo no qual interagem as relações pedagógicas, a proposta educacional, as experiências individuais e coletivas, a relação com a sociedade na qual se insere a instituição pesquisada.

discursos da época quanto ao papel feminino, permaneceu até 1987, quando o Colégio de Educação Familiar cessou suas atividades.

Neste sentido este trabalho procurou resgatar elementos históricos da origem e criação do colégio, contextualizando-o no período histórico referente a sua fundação bem como sua trajetória pedagógica e o cessamento das atividades.

Segundo DIAS a opção por uma abordagem histórica enfocando a instituição é uma “ das múltiplas opções que se apresentam para a delimitação de abordagens metodológicas para os estudos da mulher.” (1992, p.42)

Já as questões femininas são inerentes ao estudo da instituição e o conceito de gênero propriamente dito será tomado na perspectiva citada por SCOTT “no seu uso descritivo o gênero é então um conceito descritivo associado ao estudo das coisas relativas as mulheres. O gênero é um novo tema , um novo domínio de pesquisas históricas” (1990, p.8).²

De acordo com Jane Soares de Almeida

[...] num sentido mais restrito o conceito de gênero refere-se aos estudos que têm a mulher como objeto; num sentido amplo este deve ser entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais. Portanto o conceito de gênero não se refere especificamente a um ou outro sexo, mas sobre as relações que são socialmente construídas entre eles. Essas relações estão imbricadas, por sua vez com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcaram a sociedade. (ALMEIDA, 1998, p. 40)

2. Neste artigo citado o conceito de gênero elaborado por Scott discute a superação deste na forma como o mesmo era utilizado pelas feministas baseado num arcabouço que rejeitava as diferenças biológicas e entendia que os estudos sobre a mulher, sobre o feminino necessariamente tinham que se contrapor ao masculino.

Retomando SCOTT é necessário lembrar que os estudos sobre gênero “ampliam o foco da história das mulheres, cuidando dos relacionamentos macho / fêmea e das questões como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres.” (SCOTT, 1992, p. 88)

O Colégio de Educação Familiar do Paraná, conhecido em Curitiba como “caça-marido”, oferecia uma formação específica para moças, fazia parte de seu currículo a preparação para o matrimônio . A clientela era formada por alunas da classe média alta e classe alta, e assim muitas representantes das famílias tradicionais de Curitiba passaram por lá. Mães que estudaram no colégio no seu início, faziam questão de que as filhas tivessem acesso à mesma formação. Investigar esta representação no imaginário de ex-alunas passa por uma tentativa de desvelar as relações entre educadoras e educandas, a partir do currículo escolar, da organização do tempo e do espaço escolar. Esta análise do cotidiano escolar objetiva compreender a inserção social da instituição e a sua relação com outros segmentos da sociedade curitibana.

Na historiografia brasileira uma obra de referência sobre o tema mulheres é a de Mary Del Priori - *História das mulheres no Brasil*, a autora reunindo artigos de diferentes pesquisadores das áreas humanas traça um panorama da mulher brasileira em diferentes realidades e temporalidades, discutindo a partir dos aspectos cotidianos como a mulher aparece nas “ mais variadas realidades : o campo e a cidade, o norte, o sudeste e o sul. Os mais diferentes espaços : a casa e a rua, a fábrica e o sindicato, o campo e a escola, a literatura e as páginas de revistas. E,

finalmente os últimos extratos sociais : escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas , heroínas românticas, donas de casa, professoras, bóias – frias.”(PRIORE, 1997, p.8)

No capítulo intitulado *Mulheres do Sul* da obra citada, *Joana Maria PEDRO* resgatando Saint Hilaire demonstra como a mulher dos três estados foi descrita pelo viajante - as de Curitiba “ têm as feições mais delicadas do que as de todas as regiões do país [...] elas são menos arredias e sua conversa é agradável “ (SAINT HILAIRE apud : PEDRO, p. 278). Discutindo a questão a partir da formação da população pela imigração, a autora resgata o retrato que a imprensa paranaense constrói da figura feminina criando tipos típicos que permanecem até hoje no imaginário local como a polaquinha, conceito que caracteriza as empregadas domésticas de origem polonesa “ a criada polaca além de não ficar por muito tempo num emprego, quando a noite [...] saía à rua para comprar biscoitos ou outra coisa qualquer, o bando de coiós não a deixava. Mas tinha razão, porque a Mariazinha era uma tetéia : toda perfumada, empoada de chinelinhas na ponta dos pés, muito corada e sadia, tentava mesmo.” (PEDRO,1997, p. 296)

Citando diversos exemplos deste retrato construído pelos periódicos Joana Maria PEDRO conclui que a “ universalização das imagens para homogeneizar comportamentos desconhece a diferença expressa na pluralidade étnica exposta na arquitetura das cidades, no colorido da população e nas diferenças socioeconômicas.” (PEDRO, 1997, p.298)

A publicação de estudos referentes a instituições de ensino em diversas regiões do país também tem sido um dos enfoques da historiografia recente. Aqui

são citados apenas exemplos de trabalhos que envolvem instituições de ensino feminino. Um dos trabalhos a ser destacado é o de *Guacira Lopes LOURO – Prendas e Anti prendas*, no qual a autora enfoca o Instituto de Educação de Porto Alegre, uma instituição pública e laica, que fundada no período imperial como escola normal, destinava-se a formação do magistério masculino e feminino, porém “ se estruturou e consolidou, desde o seu início como uma instituição preponderantemente feminina” (LOURO, 1987, p.13). A pesquisa de Guacira LOURO aprofundou o estudo no período compreendido entre 1930-1970, período este em que a escola foi uma instituição destinada à educação das mulheres das camadas médias da sociedade de Porto Alegre. “O Instituto de Educação como escola normal de moças das camadas médias, permite a formação como professora. Isto representa uma possibilidade de profissionalização para esse extrato social, mas cercada por toda uma orientação que aproxima o mais possível a profissão de professora à função de mãe.” (LOURO,1987, p.15). A autora desvela as relações, contradições e conflitos no interior da escola, compreendendo que a escola ajudou a “consagrar os tradicionais papéis femininos – o que é provavelmente parte da verdade, mas não toda verdade. Parece ser necessário ir além desta resposta imediata , ir além da aparência” (1986, p.26) . Este trabalho é um exemplo da abordagem de gênero e educação no conceito amplo de SCOTT.

Outro trabalho recente é o livro de *Ivan MANOEL– Igreja e educação feminina*, publicado em 1996, no qual o autor analisa a educação feminina no período entre 1859 a 1919 nas escolas das irmãs de São José de Chamberry, escolas católicas e privadas, destinadas à educação das filhas da elite conservadora, o autor analisa o trabalho da escola como uma estratégia da Igreja

Católica que através da educação das mulheres buscava construir uma nova sociedade, na qual a mulher fosse o eixo do projeto social católico. No mesmo período as famílias enviavam os filhos do sexo masculino para os colégios protestantes, nos quais havia uma proposta de desenvolvimento intelectual, enquanto para as mulheres a educação tinha por objetivo refiná-las :

não era mais o bastante que as mulheres soubessem apenas dirigir a casa e governar os escravos. Tornava-se necessário e até imperioso que as mulheres soubessem ler, escrever, conversar, que conhecessem ao menos por informações, um pouco do mundo situado além dos muros de suas casas e das paredes das paróquias mais próximas. Em outras palavras era necessário educar e cultivar as jovens. Não se tratava portanto de uma educação profissionalizante, mas uma educação voltada para o polimento sociocultural das mulheres. (MANOEL, 1996, p. 22)

Outro trabalho publicado em São Paulo é o de *Arilda Inês Ribeiro - A educação feminina durante o século XIX : o Colégio Florence de Campinas (1863 – 1889)*, uma instituição laica e privada fundada por Caroline Florence, neste a autora traça a trajetória da família Florence em Campinas e a sua inter-relação com o colégio. Esta reconstituição é feita a partir de cartas familiares e de periódicos regionais. O trabalho com tais fontes permitiu a autora a análise do colégio e a sua inserção no contexto político social da cidade num período de expansão da economia cafeeira, mas também de crises sociais marcadas pelas epidemias de febre amarela. Segundo a autora “ o Colégio Florence, na medida em que ensinava a função do trabalho como forma de aprimoramento do espírito, preparava as mulheres para estarem à frente dos negócios da família, junto ou não dos respectivos maridos.” (RIBEIRO, 1996, p.148)

A tese de mestrado de *Marinel Abbade*, defendida em julho de 1995 na

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – *Uma trajetória singular : A instituição Sagrada Família e a educação de meninas e moças*, também elaborada a partir de fontes preservadas, traça a trajetória de uma instituição católica, que no início do século XX foi fundada pela Congregação da Imaculada Conceição com o objetivo de educar meninas de origem negra, geralmente filhas de ex-escravos e que “ alterou sua rota por volta de 1918 , quando passou a receber meninas de outra origem social, e porque não dizer racial.” (ABBADE, 1995, p.3)

A obra *Memória e Educação* , lançada em 1999 pelo Centro de Memória da UNICAMP (CMU) reúne artigos de vários pesquisadores que estudaram instituições educacionais em suas diversas modalidades - escolas laicas e religiosas : católicas e protestantes, estabelecimentos públicos e privados. Entre eles destaca-se o de *Maria Iza Gerth da CUNHA – Formar Damas cristãs, cultas e virtuosas, polidas, sociáveis*, analisa o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu : “Esse Colégio caracterizou-se por ser uma escola de refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas, preocupando-se muito mais em torná-las damas aptas ao convívio social, virtuosas, polidas, religiosas, convictas de tal forma que pudessem educar os filhos. “ (CUNHA, 1999, p.178)

Os colégios religiosos para moças, segundo CUNHA (1999) tinham inspiração no modelo de mulher a ser construído , eram um abrigo seguro, onde as meninas, tendo Nossa Senhora como parâmetro materno estariam isoladas e a salvo das maldades mundanas pois exercitavam a submissão e a obediência irrestrita.

Após esta breve exemplificação de trabalhos que estudam instituições educacionais , o presente trabalho foi construído numa perspectiva metodológica com intuito de responder aos seguintes questionamentos :

- Como explicar a implantação de uma escola Normal, destinada à elite e com características tão diferenciadas de outras Escolas Normais, num momento em que a escola pública de formação do magistério era a escola freqüentada na sua maioria pela camada alta da sociedade curitibana ?
- Por que uma congregação religiosa - a Sociedade das Filhas do Coração de Maria, criada num contexto revolucionário (na França no século XVIII) para atender camadas marginalizadas desenvolvia um trabalho destinado a educação de moças de camada social alta?
- Como se desenvolvia a educação das meninas e moças no Colégio de Educação familiar?
- Quais as representações de ex-alunas quanto ao casamento e o magistério construídas durante o curso no Colégio de Educação Familiar?

Um dos eixos iniciais da pesquisa foi também entender e explicar a relação entre o Colégio de Educação Familiar e a Igreja Católica. Inicialmente foi levantada como hipótese a possibilidade de que o objetivo da instituição era a construção de um *tipo ideal* de mulher , patrocinado pela Igreja e referendado pela sociedade curitibana , na qual o colégio seria o instrumento desta construção. Para tanto foram realizadas pesquisas nos arquivos da Confederação dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Cúria Metropolitana e analisados documentos que tratavam do tema Família e Educação, além dos Anuários e Boletins da Arquidiocese de Curitiba.

Outras fontes escritas utilizadas são constituídas por cópias de documentos preservados do arquivo do colégio, atualmente em posse da Congregação da Sociedade das Filhas do Coração de Maria, como Relatórios Anuais, Convites,

Boletins internos, Regimento Escolar, Sistema de Avaliação, etc. Com a desativação do colégio em 1987, os documentos referentes ao estabelecimento foram catalogados por duas historiadoras, que obedecendo ao rigor metodológico de tratamento das fontes realizaram um levantamento historiográfico e apontaram na época a riqueza dos documentos e a necessidade de uma pesquisa sobre a memória do estabelecimento. A guarda dos documentos, ficou então a cargo da Secretária de Educação, responsável pela sua preservação. Dos documentos retirados do Colégio, a própria Secretária de Educação manteve apenas a documentação referente à vida estudantil das alunas. As diversas idas à Secretária de Educação se mostraram infrutíferas, nem mesmo o processo de cessação da escola existe mais, pois o mesmo estava armazenado numa sala que sofreu um alagamento; tendo sido destruído assim como centenas de outros documentos referentes às escolas paranaenses até o ano de 1985.

Recuperar a documentação foi um dos primeiros desafios desta pesquisa. O que foi conseguido a partir da colaboração das irmãs do Instituto Social que atualmente funciona no prédio que abrigou o colégio por três décadas e que permitiram acesso a documentação preservada, tanto referentes ao Colégio, quanto à congregação fundadora do estabelecimento - A Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

Outros documentos utilizados são derivados de informações jornalísticas. Foi realizado um levantamento de dois jornais laicos: *O Estado do Paraná* e a *Gazeta do Povo* entre o período de 1954 até 1975 e do principal jornal católico de Curitiba : *A Voz do Paraná* no período entre 1956 até 1975. Foi escolhido este recorte temporal que finaliza em 1975 para a pesquisa com fontes jornalísticas devido à

mudança de enfoque perceptível na imprensa em relação às questões femininas já a partir do início da década de 70.

A utilização de fontes orais já prevista na construção do projeto de pesquisa, em função da ausência de documentos assumiu um papel preponderante constituindo a fonte principal deste trabalho. Foi a perspectiva delineada para uma tentativa de reconstituição da memória do colégio. Segundo Guacira Lopes LOURO

a história oral pode e deve ser realizada não só para pesquisar sujeitos ou temas aos quais não se teria outra forma de acesso, mas também e com destaque, para responder as novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos temas, abrir outras perspectivas de análise, estabelecer relações e articulações entre fatos, sujeitos e dimensões de um estudo. Estas preocupações podem algumas vezes, ser atendidas através do exame de registros escritos, mas ainda assim a análise de fontes orais representará um enriquecimento significativo. (1990, p.22 - 23)

A medida que as entrevistas foram sendo realizadas foram trazendo à tona novas fontes como documentos iconográficos e materiais preservados pelas entrevistadas. Josélia Amorim, aluna da primeira turma da escola, depois diretora do colégio por um período de quase vinte anos e praticamente a organizadora do colégio cedeu uma pasta contendo grande parte de fontes valiosas que foram utilizadas como os programas das disciplinas da habilitação Magistério e da Economia Doméstica, conferências proferidas nas décadas de 60 e 70 sobre o tema: educação familiar e o papel da mulher, técnicas de participação e avaliação desenvolvidas na instituição, apostilas e textos utilizados. A relação completa dos documentos pesquisados encontra-se nas referências de pesquisa.

A seleção das entrevistadas inicialmente ocorreu com informantes que tendo vivenciado a prática do colégio aceitaram participar da entrevista, a medida que o trabalho foi se construindo fez-se necessário selecionar as entrevistadas por

décadas, visto que a motivação para trazer à tona as memórias do colégio foi despertando interesse e muitas ex-alunas se prontificaram a participar da pesquisa, o que pela exigência do rigor metodológico necessário no tratamento das fontes no uso de história oral teve que ser restringido, pois “ história oral é mais do que entrevistas ou, pelo menos entrevistas tomadas no seu conceito mais restrito. Ela envolve histórias de vida, o que talvez constitua a sua fonte mais rica. “ (LOURO, 1990, p. 22).

O relato oral foi transcrito literalmente e depois entregues às informantes , quando foram lidas e autorizadas transformaram-se em fonte³. (Anexo 1 e 2) Todas as entrevistadas autorizaram o uso de seu nome e são identificadas no trabalho pelo seu primeiro nome. Ao todo foram realizadas dez entrevistas⁴:

A ex-professora e religiosa, ainda pertencente à Congregação, atualmente aposentada, Irmã Berta Sampaio Lobo é portuguesa, naturalizada brasileira . Ela atuou na escola desde 1961 até o seu fechamento como professora de culinária e conta como veio para o estabelecimento:

³ As entrevistas foram realizadas na casa das informantes individualmente , com exceção de Albanize Zanom que morando fora do país se prontificou a responder a entrevista por escrito via Internet (através de e-mail) , mesmo não havendo contato presencial com a informante o relato escrito por ela trouxe à tona as expectativas, as lembranças e a avaliação da experiência vivenciada de forma mais sintetizada que nas entrevistas gravadas. É possível comparar a semelhança dos relatos tendo eles sido coletados em momentos diferentes sem que as entrevistadas tivessem contato uma com a outra. Cada entrevista durou em média 2 horas na primeira etapa e de três a quatro horas no segundo momento quando elas liam a transcrição. Com algumas das informantes, este segundo momento ocorreu de duas a três vezes, de acordo com a necessidade de esclarecimento ou da solicitação por elas da retirada de informações que não deveriam constar no trabalho público.

⁴ As ex-alunas entrevistadas têm idades que variam entre 36 e 51 anos. Entre as que foram professoras, a faixa etária varia entre 61 e 78 anos, com exceção da Irmã Berta, que tem 87 anos.

Eu nasci em 17 de maio de 1913, na cidade de Favarios do Douro, em Portugal, fiz agora 86 anos. Eu fiz primário e ginásio em Portugal, eu fiz francês e latim, depois eu vim para o Brasil em 1946. Eu já queria ser irmã em Portugal, por causa da minha vó que era doente, e eu cuidava não pude [...] meus pais falaram que no Brasil também tinham muitas congregações. Eu vim e aqui eu conheci a Sociedade das Filhas do Coração de Maria, aí eu entrei. Antes tirei contabilidade e também trabalhei num escritório, fui chefe do escritório da Urca, uma loja importante na época. Depois então eu conheci a Sociedade e fui convidada para entrar. Era lá na Rua Jaime Reis, já tinha uma escola de Serviço Social e Educação Familiar, mas muito restrita. [...] Depois fui para o Rio de Janeiro fazer o curso de educadora familiar. Estive lá 4 anos. Era curso de nível universitário na Escola de Serviço Social e Educação Familiar do Rio de Janeiro que também era da Congregação. Eu tirei Educação Familiar junto com as assistentes sociais. Claro que tinha a parte específica. Depois fiz os votos religiosos e fui trabalhar em Fortaleza. Trabalhei 6 anos em Fortaleza. Voltei em 1961 para Curitiba, que meus pais estavam aqui. Daí comecei a trabalhar na nossa escola de Educação Familiar, em junho de 1961. Como eu tinha o curso e os votos tinha que trabalhar nas obras da congregação, por isso que eu vim trabalhar aqui. Quando comecei aqui a Escola de Educação Familiar já era mais ampla, eu dava curso de nutrição, culinária, administração do lar e religião.⁵

Professora da parte de formação familiar, na disciplina específica de corte e costura, na época irmã na congregação, atualmente aposentada, Florença Carnaciali, atuou no período de 1960 a 1982 também marcou presença:

Eu já tinha feito umas matérias no Educação Familiar. Eu fui convidada porque me parece que na ocasião eles estavam com falta de uma professora de costura e como minhas amigas que me conheciam, sabiam que eu costurava, a diretora da escola, a Josélia, era minha amiga e me convidou. Eu fui pelas duas razões, uma por ser religiosa e precisava trabalhar nas obras da congregação e outra por dominar bem a arte de costurar. Eu não pensava em trabalhar com costura propriamente, mas eu fui ser religiosa na congregação e aí então eu comecei a lecionar corte e costura na escola.

A segunda diretora e praticamente a que consolidou a Instituição, estando a sua frente por quase 20 anos, entre 1956 e 1976, Josélia de Faria Amorim, iniciou o Curso de Educação Familiar no Rio de Janeiro como religiosa, vindo a concluí-lo em Curitiba. Foi aluna da primeira turma formada pela escola, relatou :

⁵ Desde 1964, o estabelecimento passou a ser colégio por ministrar ensino secundário, porém só em 1974 é que foi mudado o nome do para Colégio de Educação Familiar do Paraná. As professoras entrevistadas mantêm a memória de Escola de Educação Familiar.

Em 1953 eu tive conhecimento da congregação através dos jesuítas. Aí o padre que me orientava achou que era uma congregação moderna, aberta, então me levou lá. Era na Jaime Reis. Ali eu fiz o curso de Economia Doméstica. Eu não estava bem satisfeita com o curso básico. Aí entrei para fazer Filosofia na Universidade do Rio de Janeiro. Voltei para Curitiba e fiz o curso agora profissionalizante de Educação Familiar, terminei e até fui escolhida oradora da turma. Naquela época eu já tinha entendido que orientação familiar era um meio de educar a população que tinha menos recursos. A própria congregação já tinha um centro social na Vila Guaíra. Quando eu comecei a fazer o curso aqui éramos só três, a Lorete Scaramuzza e a Rosa Shizuka Miazaki. Então vi na educação familiar um processo educativo e social, que visa preparar as famílias para atender suas funções básicas. A provincial escutou, e acho que ela gostou da minha definição, aí eu fui mandada para São Paulo em 1954, para fazer um aprimoramento. Eu já era irmã a congregação podia me mandar para onde quisesse. Fiquei lá um ano trabalhando numa escola de crianças que tinha sido fundada há pouco, outra irmã da Sociedade também ficou. Ai mandaram-me de volta. Quando voltei já assumi como diretora, porque a Dona Estela Missino Guerios que fundou o curso aqui, tinha sido enviada para a França para fazer um [aprimoramento] da vida religiosa, então eu fiquei no lugar dela.

Josélia Amorim assumiu a direção da escola, um ano após ter saído de lá como aluna, ela mesma analisa com surpresa a indicação da Congregação devido ao fato de ser muito jovem e de existirem outras irmãs com mais experiência. As outras professoras entrevistadas que conviveram com ela na direção destacaram o seu período como de expansão e reconhecimento da instituição devido a sua competência e visão de mundo que extrapolava um projeto social de educação feminina da década de 50. Josélia Amorim solicitou afastamento da opção religiosa em 1972, mas continuou na direção até que a congregação preparasse outra religiosa para substituí-la. A partir de 1976, quando deixou a direção do colégio foi atuar como professora de Língua Inglesa no Instituto Inter Americano.

Outra entrevistada foi professora da habilitação magistério e supervisora pedagógica do Colégio que lecionou no período entre 1967 e 1976, Adelaide Maria de Souza Freitas. Pedagoga, formada pela faculdade de Jacarezinho e aposentada como professora e como pedagoga na Telecomunicações do Paraná (TELEPAR):

Eu vim de Jacarezinho já formada para trabalhar em Curitiba, vim mais para fazer companhia para a minha irmã que estava estudando aqui e também porque eu queria sair da cidade do interior. Eu vim pra cá em dezembro de 1964. Uma amiga que era professora no Educação Familiar - Ieda Tomas ia se casar. Então pediu se eu podia substituí-la na disciplina de Didática por uns três meses, depois ela decidia se ela ia voltar ou não. Comecei em março de 1967. Recebi três turmas de terceira série de magistério [...] Eu comecei como professora de didática, mas também acompanhava as alunas na parte prática de ensino no estágio em várias escolas e colégios aqui da capital. Depois de dois anos que eu estava lá e sempre me identifiquei muito, sempre gostei da minha profissão como professora, eu já tinha uma bagagem de experiência de lecionar no curso primário, naquela época no ginásio e segundo ano do colegial. E a minha experiência maior estava sendo como professora do magistério e em paralelo com a experiência no Estado que eu era professora do Estado também. E era ainda auxiliar da assistente técnica que hoje é a mesma coisa que a supervisão pedagógica.

De professora substituta Adelaide passou a professora efetiva da escola. Após dois anos foi convidada pela diretora Josélia para assumir a supervisão pedagógica e juntas organizaram uma equipe pedagógica no estabelecimento que direcionou toda a continuidade da escola.

Ninon Puppi Glaser, também foi entrevistada. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, foi professora do estabelecimento por 28 anos, desde 1959 até o fechamento do Colégio, onde permaneceu mesmo tendo se aposentado. Atuou em sala de aula e nos últimos anos também na Orientação Pedagógica :

Inicialmente fui trabalhar na Escola de Serviço Social que funcionava na época no mesmo prédio do Colégio e que hoje é o Instituto Social. A diretora do colégio D. Josélia Amorim me pediu também para lecionar lá na Escola de Educação Familiar. No começo havia matérias que depois foram alteradas de acordo com a proposta curricular que a escola foi tendo. Um exemplo é a disciplina de pedagogia. Para os primeiros anos eu lecionava Psicologia Geral, para os segundos Psicologia da Criança e para os terceiros ano Psicologia da Aprendizagem. Fiquei sempre na área de Psicologia, principalmente lecionando Psicologia do Desenvolvimento, mas também lecionei outras matérias da formação de professores, Filosofia, História da Educação, e Filosofia da Educação.

As cinco ex-alunas que estudaram no Colégio nas três décadas abrangidas pela pesquisa, ingressaram no estabelecimento por razões diferentes. Quatro seguiram carreira no magistério. A única que seguiu outra profissão foi Maria de Fátima Silva Lobo (1965-1967), após o curso no Educação Familiar fez Comunicação Social na UFPR, tendo cursado jornalismo e se especializado em administração de empresas, marketing e processamento de dados, atualmente exerce estas funções em cargo administrativo na Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL) :

Sinceramente acho que era uma fase em que a gente não tem muito claras as decisões. Às vezes você acha legal. Eu vinha do Colégio São José, que era um colégio religioso, onde estudei lá desde o 4º ano primário. Eu acho que o Educação Familiar dava alguns itens a mais. Não era só o magistério. E também a minha mãe sempre falava que a mulher tinha que saber tudo nem que fosse para saber orientar. Foi mais ou menos isto. E ainda as facilidades. Eu tinha boas notas e não precisei nem fazer o vestibular. Naquela época tinha a seleção. Eu sai do São José e passei direto para lá. Não houve nem a necessidade de fazer seleção por causa da minha média. Eu sai da quarta série ginásial que agora é oitava série e fui direto para lá. Várias coisas me influenciaram, facilidades, visões de outras disciplinas que não havia em outros lugares. Eram dois cursos juntos, isto não tinha em outro lugar, então chamou-me muito a atenção.

Foram entrevistadas três ex-alunas da década de 70 porque constatou-se no levantamento preliminar de fontes que este período foi de grande crescimento e expansão da escola na sociedade curitibana:

Thais Maria T. Gusso Bozza, (1975-1977), Formada em Pedagogia, especialista em Educação Infantil. É atualmente vice-diretora da Escola Municipal Sidônio Muralha :

Primeiro eu queria ser professora, a minha mãe não se importava, porque ela era professora. O meu pai não queria filha professora. Mas como eu queria, então foi escolhido o Colégio de Educação Familiar. A gente ouvia falar muito bem do CEF, um colégio que já formava [...] aquela história para o lar, para casar e também para o vestibular além do magistério. Como unia os três, então a intenção foi essa. Por isso, porque além do magistério você tinha as matérias para formação do lar. Aquele negócio de corte e costura, aprender a bordar, aulas de etiqueta tinha um apelido “caça marido” que na nossa época a gente chamava de “caça trouxa”.

Albanize Zanon Wagner (1976-1978), formada em Pedagogia, atualmente mora em Orlando, nos Estados Unidos, onde atua como professora de Língua Portuguesa para estrangeiros:

Muitos fatores contribuíram para a escolha, na época para uma adolescente de 15 anos o fato de ser um bom colégio, da maioria das amigas também optarem pelo mesmo, o uniforme ser muito charmoso. Mesmo sendo dirigido por irmãs, representava mais liberdade [...] Para a minha família o motivo foi ser um colégio muito bem conceituado, por ser religioso, dar um ensino integral para uma moça e por ter um bom nível.

Elisa Maria Dalla Bona (1976-1978), formada em Pedagogia e Mestre em Educação pela UFPR, professora há 20 anos, tendo atuado desde as séries iniciais até o 3º grau, atualmente é professora do Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN) da Universidade Federal do Paraná . Ela foi encaminhada para o Colégio porque :

Primeiro, porque eu era uma menina muito irrequieta e eu estudei no Divina Providência a vida inteira desde educação infantil até a 8º série. E neste período todo, a gente tinha uma turma de amigas que sempre estudavam juntas, e nós éramos terríveis, éramos medonhas, nós aprontávamos muito, éramos muito irrequietas. E as freiras estavam cheias do nosso comportamento, quando estávamos ficando adolescentes nosso comportamento estava cada vez pior. E as freiras perguntaram com toda gentileza onde íamos estudar no 2º grau. Algumas já estavam decididas a irem para o Educação Familiar, outras como eu, pretendiam ficar no

Divina Providência, mas as freiras sutilmente nos incentivaram a ir para o Educação Familiar. Olha, vão estudar lá que é uma escola forte. Então na verdade foi uma pressão para a gente sair da escola, porque nós aprontávamos muito. Segundo porque minhas amigas iam para o Educação Familiar e terceiro minha mãe achou bom porque lá no Educação Familiar eu ia aprender tudo que era necessário para o casamento. O sonho da minha mãe era que eu casasse e fosse feliz para sempre.

Percebe-se que a preparação para o casamento foi um dos fatores que motivava a escolha da escola pelas mães, visto que o Educação Familiar era o único a ter esta especificidade em Curitiba :

Foi a opção da minha família, a minha eu não pensava muito nisto, eu pensava mesmo em ser professora, o magistério era o que eu queria, na época já havia os cursos de análises clínicas, os profissionalizantes do segundo grau. Eu optei por não fazer, porque eu queria mesmo era ser professora. [...] Mas eu tinha pensado inicialmente em continuar no Divina Providência. A Educação Familiar foi uma contingência que acabou aparecendo, ai logicamente que o ideal da minha mãe que poderia completar a minha formação como professora aprendendo a lavar, cozinhar, passar, cuidar do bebe, o que seria fundamental para a minha vida de casada, como esposa. (Elisa)

A entrevistada da última década foi Claudia Moreira Sales (1979-1981), formada em Estudos Sociais pela UFPR. Atuou no Magistério desde o início do curso, atualmente faz faculdade de Psicologia . Ela foi aluna da antepenúltima turma da escola, percebe-se no seu depoimento a motivação pela escolha do Colégio baseada numa identificação de classe social, além do preparo para o casamento :

Eu queria ser professora, e como tinha as amigas mais velhas que estudavam lá eu achei que eu me encaixava perfeitamente naquele perfil que a escola propunha. O magistério e também a parte de culinária , artes domésticas e costura. As duas coisas além do magistério esta formação para o casamento. Eu achava que eu nunca iria trabalhar em outra coisa além de ser professora. E claro a parte de culinária, corte costura, arte de receber e etiqueta. E principalmente porque as minhas colegas, naquela época todas que terminavam o ginásio iam para o Educação Familiar. Eu não pensava nem em cursar faculdade eu achava que o Educação Familiar ia me dar base para ser professora e para casar e ser feliz para o resto da vida. A minha mãe

também queria, ela acabou influenciando por ter várias filhas de amigas dela que estudavam lá e as mães estavam satisfeitas. Por ser uma escola particular. Porque na época o “ caça” era acho eu o único colégio particular de magistério. Era um colégio de nome e atendia bem ao ego das mães em ter as filhas estudando lá.

O trabalho com a memória sobre instituições como colégios permite “recuperar determinadas memórias que ficaram à margem de um processo de reificação, porque essencialmente o ato de trazer à luz estas memórias é recuperar o seu sentido político.” (SOUZA, 1996, p. 268) Especialmente no caso de uma instituição que atuou por mais de três décadas na formação de mulheres.

Sobre o uso da história oral na pesquisa sobre a história da educação, Guacira Lopes LOURO aponta que

Na educação esta abordagem histórica pode trazer uma compreensão mais densa das salas de aula, da representação do trabalho para professores e estudantes; pode iluminar os lugares ocultos da vida escolar, apontar as formas mais sutis de resistência desenvolvida pelos diferentes agentes do processo educativo; sublinhar os efeitos de currículos, normas, diretrizes, permitir uma leitura mais ampla do educativo que existe nas relações familiares, comunitárias, políticas, etc. (1990, p.23)

Entendendo que pesquisar a história de uma instituição escolar é conhecer também as relações sociais e políticas que permearam a sua trajetória, porque o tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política , religiosa, cultural afetiva [...] que nos arrebatam e condicionam quase que inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira. (ROUSSO, apud : RANZI,1998 p.5).

Ainda segundo ROUSSO, as memórias individuais podem constituir uma memória coletiva quando apresentam “ caráter recorrente e repetitivo” , pois é

contatar um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional.” (1996, p. 94)

Para Joan del Alcàzar GARRIDO

o uso das fontes orais permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos, mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impedem que apareçam nos documentos escritos. Assim portanto as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora. (1988, p.36)

Entendendo que o trabalho com a história oral vai possibilitar recolher as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, do cotidiano escolar apontado pelos documentos que no caso deste estabelecimento em estudo desenvolvia sistemáticas de vivências em situações do cotidiano feminino, além de inserção social determinada que permitia um contato entre as alunas provenientes da elite e camadas marginalizadas da sociedade com as quais eram desenvolvidas práticas de assistência social. Espera-se verificar se a vivências destas práticas foram incorporadas a cultura escolar. Pensando como Ecléa BOSI que “ uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ele entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação.” (1987, p. 331)

No seu estudo sobre vida de professoras Selva Guimarães FONSECA também discute a instituição escolar e o seu papel de produção de vivências sociais e culturais destacando que “estudos diversos sobre a instituição escolar

demonstram que, nas sociedades modernas, a escola não é apenas o lugar onde se investe e produz riqueza, onde se estabelecem relações sociais e políticas, mas sobretudo o espaço social de transmissão e produção de saberes e valores culturais.” (1997, p.27-28)

A tentativa de apreensão deste cotidiano em que as relações são permeadas por valores, visões de mundo e representações é um dos desafios na construção de um trabalho narrativo em história da educação porque “ escrever a história é mais do que realizar uma exposição de achados. É o efeito de uma transformação pela qual passamos enquanto sujeitos que nos assumimos e assumimos os riscos pressentidos na escrita. É dialogar não exatamente com os outros, mas com o nosso próprio pensamento.” (NUNES, 1990, p.43)

Esclarecendo a opção pela história narrativa faz-se necessário parafrasear François HARTONG quando este aponta “ finalmente para que surja a questão da narrativa, basta que o historiador acabe por se fazer esta simples pergunta, que lhe foi soprada por Michel de Certeau : o que eu estou fazendo quando faço história?” (1998,p.201)

Acreditando que a narrativa é a possibilidade de aproximar a discussão historiográfica da reflexão com o cotidiano que a partir da narração trabalha o caráter de cientificidade da história. O objeto pesquisado pertence ao momento presente trabalhar com o tempo presente a princípio pode representar facilidades pela abundância de fontes escritas e orais, aqui foram encontradas dificuldades exatamente pela ausência de fontes que tiveram que ser construídas. Além de que esta construção implica em ter presente que

Ora, a história do tempo presente mais do que todas as outras, mostra que há entre a ficção e a história uma diferença fundamental, que consiste na ambição da história de ser um discurso verdadeiro, capaz de dizer o que realmente aconteceu. [...] Simplesmente reconheçamos que a história do tempo presente, pela própria natureza de suas preocupações, permite reconhecer a historicidade fundamental das condições de produção e de validação do saber histórico, atrelando nosso ofício à exigência de conhecimento verdadeiro que o fundamenta. (CHARTIER, 1996, p. 217-218)

A preocupação com a interpretação das fontes orais e escritas constitui um eixo norteador da produção acadêmica tendo claro porém que “este exercício, quando vira um texto publicado e [ou] lido, manifesta explicitamente o seu poder. Nesse exercício é preciso que lembremos, corremos incessantemente o risco do erro. Mas com o erro aprendemos, desde que tenhamos generosidade e respeito para com o processo vivenciado”. (NUNES, 1990, p. 41)

Como este é um primeiro trabalho sobre o Colégio de Educação Familiar do Paraná, espera-se poder apontar com esta pesquisa, dados que possam contribuir para as discussões da memória e da instituição escolar na formação de professoras e na questão da educação feminina. Entendendo que esta é uma leitura que pode e espera-se, seja base para outros trabalhos que possam ajudar a aprofundar aspectos pesquisados.

O trabalho está organizado em três capítulos cada um contendo subdivisões.

No primeiro capítulo buscou-se contextualizar Curitiba no início da década de 50, situando a educação feminina na cidade. Além de uma análise da visão de mulher construída pela imprensa católica e laica neste período. Bem como a relação entre a congregação e a Igreja Católica de Curitiba para investigar as razões que levaram a fundação do Colégio de Educação Familiar do Paraná .

No segundo capítulo pretendeu-se resgatar a origem do colégio associado à

Escola de Serviço Social do Paraná. Também neste capítulo fez-se a discussão da trajetória institucional do colégio e a análise da proposta pedagógica e assistencial desenvolvida pela Congregação da Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

A dinâmica escolar , dando especial ênfase às relações pedagógicas e à organização do cotidiano escolar, às memórias e representações das entrevistadas, quanto ao casamento e ao magistério resultantes do processo de formação, assim como buscar analisar as razões que levaram ao fechamento do Colégio serão discutidas no terceiro capítulo.

2. A cidade se moderniza – A educação das mulheres neste contexto

2.1 Curitiba no início dos Anos 50

No início da década de 50 Curitiba preparava-se para as comemorações do 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, a se realizar em 1953 com a construção de obras arrojadas para a época como o Centro Cívico, um conjunto de prédios que passaria a concentrar os órgãos administrativos do Estado, a Biblioteca Pública e o Teatro Guaíra.¹¹ O então governador do Estado, Bento Munhoz da Rocha Neto, criou uma comissão especial de obras do Centenário que organizou a Exposição Comemorativa montada em pavilhões especiais na região do Tarumã, onde inclusive foi aberta a Avenida Victor Ferreira do Amaral para que a população pudesse visitar a exposição e “celebrar o desenvolvimento ou o progresso do Estado do Paraná” (Santos, 1995, p. 112).

O cronista Evaristo BISCAIA², que na década de 50 escreveu sobre as mudanças pelas quais passava Curitiba naquele momento, ao rememorar a cidade do passado afirma:

A cidade de Curitiba, nestes últimos cinco anos, atravessa incomensurável surto de progresso. O centro comercial, as construções de arranha-céus, o aumento crescente dos bairros dão a cidade um aspecto de metrópole. O intenso movimento comercial e o vulto das transações bancárias colocam Curitiba em lugar de destaque entre suas congêneres no Brasil. Curitiba, possui atualmente quase uma vintena de bancos, índice eloqüente do seu desenvolvimento econômico e financeiro. (1996, p.37)

¹ O teatro Guaíra só foi inaugurado em fins de 1974, duas décadas depois de iniciado. (Paraná Turístico –uma interpretação didática.)

² Evaristo Biscaia, escreveu em 1951 uma coletânea de crônicas que foi editada na época pela Papelaria Requião, em 1996 foi editado o livro pela Fundação Cultural de Curitiba.

Segundo SANTOS, “para as pessoas que viveram os anos 50 em Curitiba, não seria difícil perceber o quanto a cidade foi transformada. Um dos índices mais evidentes desta transformação é o número de pessoas que circulam diariamente pelos quatro cantos da cidade.” (1995, p.36)

A cidade contava com aproximadamente 200 mil habitantes e a cada ano aumentava a sua população com a chegada de pessoas para estudar ou trabalhar. Segundo a Revista Anuário Sul do Brasil, Curitiba era a 6ª cidade do país com maior número de indústrias. Curitiba começava a vivenciar os problemas trazidos pelo crescimento urbano e pelo progresso econômico. Em torno de 50% da população morava na região central, enquanto que 30% morava no subúrbio e 19% se localizavam na área rural da capital. Área esta formada por 16 povoados variando numa distância de 5 a 15 km do centro da cidade.³

A proliferação dos arranha-céus caracterizava a formação de uma nova metrópole. O centro da cidade sofria um processo de urbanização e modernização em que “ reconhecia-se que o ‘governador Bento’ iniciará a transformação de Curitiba no que ela é hoje com as obras inauguradas naquela ocasião. “ (SANTOS, 1995, p.59) . Por outro lado :

a expansão urbana, ocasionada pelo rápido aumento populacional, e a conseqüente pressão da especulação imobiliária, empurravam para fora da região central da cidade as novas famílias de trabalhadores vindas principalmente do interior. Essas levas de habitantes provocaram o surgimento de novos bairros que eram habitados na maior parte, por famílias operárias, e onde a vida estava longe de ser um mar de prosperidade. [...] Aliás no início da década de 50 , Curitiba serviu de palco para uma população empobrecida, agitada e algumas vezes enfurecida pelo alto custo de vida, fenômeno de nível nacional, criado pela política econômica e agravado pelo chamado Plano Aranha, plano econômico implantado durante o segundo governo de Vargas pelo ministro Osvaldo Aranha. A situação da capital paranaense era a mesma da do

³ Dados de IBGE Departamento Estadual de Estatística. Sinopse Estatística do Município de Curitiba. Curitiba, 1950.p.22.

restante das principais cidades do país, tendo como agravante os problemas criados pelo rápido crescimento populacional urbano em função do êxodo rural.(BOSCHILIA, 1996, p.19- 20)

No centro da cidade, na Rua XV de novembro, circulavam os bondes, carros importados e lotações. Ali estavam localizadas as principais lojas , cafés e confeitarias como a das Famílias. O edifício sede do Clube Curitibano, na esquina das ruas XV com Barão do Rio Branco, com seus nove andares era considerado um verdadeiro marco na cidade. Lá funcionava o restaurante Caverna Curitibana, ponto de encontro das camadas altas e médias. “ As reuniões do clube Curitibano sempre marcaram época na nossa vida social, e inúmeras gerações têm vivido com alegria as horas de arte e os bailes de gala proporcionados aos associados. O Clube Curitibano é, sem dúvida alguma , a sala de visitas da cidade.” (BISCAIA,1996, p. 81)

Em depoimento para Memória Urbana de Curitiba, José Maria VALDUGA planejador do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) lembra a Curitiba dos Anos 50

A Boca sempre foi tradicional. Ali tinha a Fontana de Trevi, era o centro da paquera. Quem ia ao cinema ia ao Ópera , Avenida ou ao Luz, no Edifício Moreira Garcez. Do outro lado havia o Cine Arlequim, depois o Lido. Os carros entravam não sei se pela Jesuíno Marcondes ou pela Voluntários da Pátria, subiam a Avenida e desciam a Barão do Rio Branco. (VALDUGA, 1991, p. 96)

A praça General Osório era então uma das poucas praças ajardinadas de Curitiba. Ela “está situada num magnífico ponto da cidade, próximo a Cinelândia. Sempre foi um dos pontos preferidos pelos namorados para passeios de mãos entrelaçadas.” (BISCAIA,1996, p. 36)

Já a Praça Rui Barbosa era praticamente um descampado imenso usado para piqueniques, porém ali estavam situados a Igreja do Senhor Bom Jesus, com a já famosa festa de Santo Antônio, a Santa Casa, a Faculdade de Medicina, o Quartel e os Colégios: Bom Jesus, Iguaçu e São José. Ali era também o lugar dos grandes eventos “ porque a praça era nua, era um chão batido [...] e era então ali o lugar disponível da cidade onde se faziam comemorações de recreio, de exposições, de feira. Eram freqüentes os [eventos ali]. Havia acho que a cada dois anos uma coisa assim, faziam-se estas exposições e feiras. Nesses intervalos usava-se a praça para circo, quando havia circo em Curitiba.” (BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, 1996, p.48)

Fora estes grandes eventos e os piqueniques, as opções de lazer na cidade eram ainda restritas ao círculo familiar e as práticas religiosas. Para os jovens, uma possibilidade era assistir aos filmes de Hollywood nos cinemas.

O divertimento número um do pobre e do rico aqui na cidade sorriso é o cinema. O cinema representa o paliativo para todos os males. [...] Não temos teatro, nem outro local de diversões. O cinema é o único refúgio, a não ser aos domingos à tarde o turfe e o futebol. [...] Curitiba hoje conta com ótimos cinemas, porquanto o negócio é bastante compensador. A freguesia é certa e a renda e os lucros são positivos. Temos quatro cinemas considerados de primeira categoria: Avenida, Ópera, Palácio e Ritz. Em segundo plano o Cine Luz e Marabá e os cinemas populares assim denominados: Odeon, Curitiba, América e Broadway. Para que o conforto seja completo, falta somente a instalação de calefação e refrigeração. Os filmes aqui em Curitiba são exibidos, muitas vezes em primeira mão, demonstrando o cabal prestígio da cidade, dada a grande freqüência e os sucessos de bilheteria. (BISCAIA, 1996, p. 139-140)

A ida ao cinema era também o momento para a conversa com os amigos e para desfilarem as roupas elegantes, já que as salas de projeção só abriam dez minutos antes da sessão começar. Enquanto isso as pessoas conversavam e ouviam as valsas, polcas e outras músicas da época tocadas no piano ou no violino.

Após o cinema o programa era fazer o *footing* pela Rua XV, onde as moças sempre acompanhadas pelas tias e amigas passeavam e discretamente se expunham ao contato com o mundo masculino.

A Rua das flores é sem dúvida o centro da vida da cidade onde se cruzam as mentalidades mais diversas e onde as mulheres passam para ser vistas – acompanhando as manifestações da moda nos quarteirões mais freqüentados; local das lojas, magazines e floriculturas que se prolongam nela a chamada Rua Augusta de Curitiba – a Comendador Araújo. (ALBUQUERQUE, 1989, p.119)

Era considerado de bom tom e feminino na época “ser vista, sem se expor” afinal as qualidades mais valorizadas na mulher eram a obediência, a docilidade e o recato. Atitudes arrojadas eram consideradas características masculinas e as moças precisavam tomar muito cuidado para não serem consideradas ‘levianas’, o que as tornariam mal-faladas e as comprometeria para conseguir um futuro casamento.

A Rua XV era freqüentada principalmente pelas mulheres de classe média e da elite que desde a década de 40 passeavam por lá trajando luvas e chapéus. As moças que moravam na periferia geralmente não realizavam o *footing*, pois após o cinema dependiam de ônibus para chegar aos locais de moradia.

2.2 A Educação Feminina em Curitiba nos anos 50

O surto cafeeiro ocorrido na década de 40 no estado do Paraná e o aumento populacional gerou a necessidade de expansão da educação pública através da construção de mais prédios escolares. Em 1953 o “ Estado, no setor do ensino

primário [possuía] mais de 3 mil escolas isoladas e 204 grupos, além de 656 escolas municipais, contando-se entre escolas particulares mais de duzentas. Quanto ao ensino secundário [existiam] 6 colégios estaduais, 33 ginásios, e 127 escolas normais. “ (LINHARES, 1953, p.284) .

Curitiba, como já foi visto passava por transformações na estrutura física que também se refletiam na estrutura educacional. É possível perceber nos discursos oficiais do governo Bento Munhoz da Rocha Neto, uma política direcionada para a transformação da cidade em capital universitária. É deste período a construção das Casas de Estudantes Universitários (CEUC e CEU) a formação e instalação da Sociedade Paranaense de Cultura (mantenedora da Pontifícia Universidade Católica) , a construção do prédio atual do Colégio Estadual do Paraná, considerado na época o maior colégio da América Latina que segundo LINHARES “vem representando como ponto de referência a visitantes e turistas” (1953, p.300).

Neste período ocorreu uma expansão de escolas particulares confessionais, que junto com o Instituto de Educação disputariam espaço na formação de meninas e moças, como o Colégio de Educação Familiar do Paraná, objeto deste estudo. A vida estudantil na cidade

se dava principalmente pela presença de um grande número de estudantes vindos de outras cidades. Tal situação proporcionava uma intensa sociabilidade com festas, bailes, concursos de misses, chás e tardes dançantes, passeios e churrascadas. Além disso ‘Repúblicas estudantis’ iam se formando. [...] Assim o meio universitário de Curitiba ia se povoando cada vez mais de jovens, rapazes e moças oriundos das mais diferentes regiões do Estado e do país e até mesmo de outros países, dando a cidade um movimento mais intenso. A UPE e os diretórios acadêmicos empenhavam-se em congregar estudantes não somente em torno de temas políticos mais amplos como o nacionalismo e a defesa das liberdades democráticas. (MARTINS, 1992, p.13)

Essa organização e participação política no movimento estudantil em nível secundário e universitário já contava com a presença feminina, predominando porém os homens, as moças tinham participação mais nas atividades sociais, visto que havia diferenciação na educação masculina e feminina.

As moças de famílias com recursos estudavam nos colégios religiosos como o da Divina Providência, o Sion, o Cajuru. O Ginásio Paranaense (atual Colégio Estadual do Paraná) oferecia turmas separadas para moças e rapazes que freqüentavam os cursos profissionalizantes. A mais tradicional escola pública para a formação feminina era o Instituto de Educação desmembrada do Ginásio Paranaense em 1922, como Escola Normal de Curitiba, quando se tornou uma escola exclusiva para a formação de professoras.

O Instituto era considerado nos anos 50

o maior laboratório pedagógico do Estado, novas realizações são feitas ao lado da mais efetiva participação no setor da pedagogia. Novo espírito ali se implanta diante do imenso caudal de idéias em ebulição lançadas por notável equipe de professoras com base para as futuras atividades da instituição. [...] Criou-se o serviço de Orientação Educacional do curso ginásial atendendo-se às alunas no setor de estudos da conduta e da vida social. (LINHARES, 1953, p.299) .

A preocupação com a formação de professoras vem desde o início dos tempo republicanos quando havia uma política educacional do governo federal direcionada para formar professores. Em todo o país ocorreu um processo de valorização da Escola Normal. A Escola Normal considerava o papel atribuído a mulher pela família como mãe. E ser professora era dar continuidade a este 'dom natural' a esta 'missão' estabelecida pela família e pela sociedade. A Escola Normal

de Curitiba, passou a ser muito procurada pelas famílias e aos poucos se tornou predominantemente feminina. No início do atual século

o ensino secundário mantinha seu caráter elitista, a Escola Normal, atendia tanto aos interesses das alunas que precisavam profissionalizar-se, como aos daquelas que se destinavam exclusivamente ao casamento e à vida do lar. Devido às resistências da sociedade à profissionalização ou mesmo à instrução da mulher, as escolas normais respondiam as necessidades da população feminina ao aliar às suas funções de formação profissional e de formar, boas donas de casa e mães. Criada como instituição de ensino profissional, a escola normal apresentava-se como uma das poucas oportunidades de continuação dos estudos para as mulheres, o que explica o aumento da procura feminina pelos cursos normais. (ARCHANJO, 1996, p.29)

Nos anos 50 o magistério ainda era o curso mais procurado pelas moças “o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada ‘cultura geral’ adquirida na escola normal.” (BASSANEZI, 1997, p.625)

Ser professora no início dos Anos 50 era considerada pela sociedade uma conceituada opção de profissionalização para as mulheres. O trabalho fora do lar, começava a fazer parte da realidade de muitas mulheres modificando o padrão ainda existente da fragilidade e da passividade que o trabalho do lar oferecia. Começava a se construir a idéia de uma nova mulher

No processo de formação de uma ‘nova mulher’ a educação tinha um grande destaque, principalmente para as mulheres das camadas médias urbanas, que viram em alguns cursos secundários a possibilidade de profissionalização e de acesso às universidades, embora o casamento ainda fosse o ideal mais disseminado. [...] Apesar do incentivo ao trabalho e a educação o que se visava era, acima de tudo uma adequação da condição feminina aos novos tempos, ou seja desejava-se romper com o passado em todos os sentidos – econômico, político, cultural – e a imagem submissa e inativa da mulher recolhida ao lar começava a ser questionada. Exigia-se da mulher uma nova atitude, mais dinâmica, mais eficiente. (MARTINS, 1992, p. 27-28)

O universo feminino construído a partir da formação escolar, familiar e religiosa era então povoado por modelos diferenciados, o da mulher que tentava se inserir no mercado de trabalho, o de professora, o de mãe e dona de casa. Também a literatura contribuía na construção da visão de mundo feminina. Maria Teresa Santos CUNHA, analisou os romances publicados pela coleção 'Biblioteca das Moças' que na década de 50 eram populares no Brasil. Os romances desta coleção, principalmente os de M. Delly, produziam heroínas que vinham ao encontro do modelo da época em que a visão de amor e casamento estava perfeitamente inserida num sistema de obediência, moralidade e submissão. Segundo a autora através da leitura se construía uma imagem do

[...] magistério como "ocupação ideal para mulheres", junto com outras idéias expressas por educadores que argumentavam ser o magistério carreira mais adequada à natureza feminina, pois requeria amor, dedicação, minúncia e paciência. Figuras maternais e puras... imagens construídas sobre os atributos da mãe ligam-se visceralmente à imagem da professora. O papel da professora seria a extensão de uma atividade que já ocorria dentro de casa. (CUNHA, 1994, p.143)

Portanto a literatura a que as moças tinham acesso sustentava os modelos de esposa e de mãe mantendo o ideal do casamento que era visto como a realização principal, responsável pela aceitação social, o ideal para as 'moças de família' visto que

uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como encalhada, candidata a ficar para titia. Aos 25 anos, considerada uma solteirona, já era fonte de constrangimentos. Um homem de 30 anos solteiro, com estabilidade financeira, ainda era visto como um bom partido para as mulheres mais jovens. (BASSANEZI, 1997, p. 619).

Para realizar o sonho de chegar ao altar, as moças precisavam dominar a arte das prendas domésticas: “o bom desempenho nas tarefas domésticas, especialmente cozinhar bem, era visto como uma garantia de conquista do esposo e manutenção do casamento : a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago.” (BASSANEZI, 1997, p. 627)

Havia portanto uma preocupação com o aprendizado de disciplinas voltadas para o lar. A Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942 já recomendava a disciplina de Economia Doméstica, além de incluir outras recomendações específicas para a educação secundária feminina como :

- 1- É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino secundário de exclusiva frequência feminina.
- 2 – Nos estabelecimentos de ensino secundário freqüentados por homens e mulheres, será a educação destas ministradas em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério da educação.
- 3- Incluir-se-á na 3ª e na 4ª série do curso Ginásial e em todas as séries do curso clássico e científico a disciplina de economia doméstica.
- 4- A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar. (BRASIL – 09/04/42)

Essa proposta de organização da educação feminina estava inserida num contexto da reforma educacional proposta durante o período do Estado Novo e visava formas de controle do Estado sobre a família. Na prática o que se consolidou como educação feminina foi a implantação da Economia Doméstica nas escolas secundárias.

As associações femininas católicas, tradicionalmente ligadas à educação e à assistência de meninas prestariam inestimável contribuição a este tipo de ensino. A Liga das Senhoras católicas de São Paulo organiza, logo depois de promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário, um curso de emergência para a preparação de professores de economia doméstica ‘sob os auspícios do Ministério da Educação e

Saúde' [...] o programa destinado a educação das meninas de 12 a 15 anos destinava-se a 'dar as mocinhas que terminaram o seu curso primário uma formação complementar que possa facilitar-lhes o futuro acesso às boas colocações, tornando-se ao mesmo tempo boas donas de casa e mães de família. (SCHWARZMAN, 1984, p.110)

Esta disciplina, porém ficou relegada ao segundo plano até os anos 50, quando a discussão sobre os papéis femininos e masculinos estavam vindo à tona. Foi então que começaram a ser ministrada tanto em escolas particulares, quanto públicas as disciplinas voltadas para o lar, a família, e o desenvolvimento de habilidades manuais. Por outro lado havia objetivos diferenciados para homens e mulheres e mesmo para as classes sociais:

As artes da costura, então, eram direcionadas para as meninas pobres. Mesmo nas escolas públicas, a disciplina de Trabalhos Manuais, até os anos 60 do nosso século, era diferentemente tratada conforme o sexo que a recebia, denotando a persistência de um "discurso dos ofícios" que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis, no dizer de Michelle Perrot, referindo-se à sociedade francesa: "Aos homens, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos" [...] Completavam o plano de estudos" aulas de civildade, momentos formais dedicados à inculcação de valores e das representações acerca da vida, da família, enfim do poder e do espaço feminino na sociedade burguesa. (NADAI, 1991. p. 24)

Esta citação de NADAI retoma uma permanência social : a consideração da costura como atividade própria para as camadas mais pobres. Este aspecto também foi analisado por Maria Odila Leite DIAS ao relatar sobre o cotidiano paulista no século XIX, "[...] fiar e costurar eram ofícios humildes, que se associavam a escravidão doméstica."(1984, p. 172).

A ampliação do valor atribuído às atividades manuais e principalmente à costura no século XX vem ao encontro do projeto social atribuído a mulher e de sua "aptidão natural" para a vida familiar. Esta valorização das disciplinas voltadas para a

família encontrava respaldo nos discursos oficiais como o do ministro Capanema em que

[...] o homem deve ser preparado com tempera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida no lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base da nossa organização social e por isso colocada sobre a proteção especial do estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois compete na educação que lhe ministra, prepará-la conscientemente para essa grave missão. (SCHWARTZMAN, 1984, p. 107)

Nas discussões no meio educacional a preocupação com as disciplinas de formação pedagógica ocupam destaque. A Revista *Atualidades Pedagógicas* durante a década de 50 traz diversas matérias sobre o ensino de Economia Doméstica. Na revista nº 3, *Isabel de Almeida Serrano*, autora do livro “ Noções de Economia doméstica” o qual teve grande aceitação e uso nas escola brasileiras escreve :

Se a metodologia moderna preceitua que se faça da escola um prolongamento do lar, com respeito a nenhuma outra disciplina a realização deste desiderato é mais necessária do que com relação á economia doméstica. Matéria complexa e geralmente ministrada em ambientes inadequados, requer da professora muita habilidade para que o seu ensino se torne agradável e acessível ás alunas. Temos conseguido desempenhar satisfatoriamente esta tarefa, tanto em cursos destinados a professoras e senhoras da sociedade quanto em aulas a ginásianas procurando atingir certos objetivos. (ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, nº 3 Maio/junho 1950 , p.4)

Segundo esta mesma autora um dos objetivos da Economia Doméstica era inculcir nas alunas a consciência de que o papel da mulher era a formação de um verdadeiro lar que consistia em “ qualquer coisa de profundamente espiritual e só um conjunto de múltiplos fatores circunstâncias, sentimentos e tradições, poderá constituí-lo.”(ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, Maio/junho 1950 , nº 3, p.4)

À mulher era atribuída grande parte da responsabilidade pelo sucesso do casamento e a Escola como formadora da sociedade tinha o papel de garantir a sua formação, assim

Cumprimento portanto preparar a mulher para o exercício de profissões compatíveis com as tendências e aptidões do sexo, preservando-lhe a feminilidade. Do resto se encarregar a natureza. A mulher é, por natureza, doméstica. Aspira, sempre, a um amor, a possuir um lar, a ter filhos. Não trabalha "por gosto". Mais agradável seria, para ela, ter o tempo livre para passeios, visitas, chás, concertos, leituras, estudos, etc. Do que ela gosta no trabalho, é da independência econômica que este lhe proporciona. Com o trabalho fora de casa procura a mulher, principalmente, fugir a insipidez do serviço doméstico, das compras na feira, das meias a cerzir. Troca apenas um gênero de atividades por outro mais agradável, menos grosseiro. Apareça-lhe entretanto, um marido que possa mantê-la confortavelmente, para ela colorir com uns tons de romance seu quadro familiar, e não exitará em abandonar o emprego e dedicar-se por completo, à vida doméstica.

(ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, mar/abril 1950, nº 2, p. 28)

Num artigo da citada revista que rebatia uma crítica publicada no jornal Diário de São Paulo, contra os disciplinas de trabalhos manuais o autor justifica esta necessidade no currículo a partir dos teóricos da educação

Citar todos os baluartes da educação, seria não terminar nunca. Citarei apenas alguns dos milhares que em todos os países se dedicam e se dedicaram ao estudo do problema. E quando emitem uma opinião, não o fazem por acharem simplesmente, e sim baseados em pesquisas, experiências e estudos profundos de pedagogia, psicologia e sociologia, etc... Ernesto Nelson, Comenius, Bacon, Locke, Rebelais, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Thevenin, Montaigne, Fallemborg, Kindermann, Salzmann, Ernest Barth, Anaxágoras, Scherer, Herbart, Froebel, Hensinger, Bidermann, Beyer, Kerchensteiner, Vitor Della Vons, Otto Salomon, Caetano de Campos, Charles Ham, William James Dewey, Payot, Montessori, M. Devaud, Plinio Olinto, Corinto da Fonseca, Ferrieri e milhares de outros provam concludentemente a necessidade do trabalho manual na escola.

(ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, jul /agosto 1953, nº 22, p.3)

O ensino das disciplinas voltadas para o lar era portanto , recomendado e inclusive justificado no discurso da época, tanto pela sociedade, quanto no meio educacional, e na imprensa em geral. Esta situação era constante nas propostas de educação feminina no Brasil; para as camadas privilegiadas através de propostas específicas como a do Colégio de Educação Familiar ou nas escolas públicas através de disciplinas de Economia Doméstica ou Técnicas para o Lar.

2.3 A mulher vista pela Imprensa de Curitiba

A pesquisa em jornais laicos e religiosos demonstrou que a preocupação com as questões referentes à família durante a década de 50 e 60 ocupavam espaço significativo na imprensa. Na *Gazeta do Povo* aos domingos era publicada a Página Feminina com dicas sobre moda, culinária, decoração, comportamento e educação dos filhos. É possível perceber na mentalidade da época a discussão do papel social da mulher como nesta matéria da *Gazeta* em 1954

Responsável a mulher pelo aumento da criminalidade

Até mesmo certas cores dos vestidos – frisa o policial - são um estimulante para as idéias maldosas dos homens. O branco por exemplo, numa mulher clara mantém-se calmo, praticamente inofensivo, o que já não se dá quando se trata de uma morena. Por sua vez, o preto, que embora assente bem em qualquer tipo de mulher, quando usado por uma loira, destaca mais o alvor da pele e o doirado dos cabelos, isto é torna-a excitante. Maior ainda é a força de atração do vermelho sobre o instinto masculino, pois é a cor que ressalta os encantos tanto das loiras quanto das morenas. (O ESTADO DO PARANÁ, 03/ 01/ 1954)

Em geral as reportagens fazem destaque à questão do comportamento. Assim como nas revistas da época, a preocupação de como deveria se comportar a mulher nas diferentes atividades é constante

As moças afeiçoadas aos esportes devem usar roupas pesadas ou leves, conforme o caso. Aconselhamos que por mais severo que seja o seu traje de esporte não deve descuidar-se dos toques de encanto feminino. Assim por exemplo a moça alguma deve faltar um toque de perfume, ao praticar qualquer esporte sua fragrância será sempre feminina devendo portanto irradiar uma sensação de feminilidade para que seu companheiro sinta que sua companheira é uma dama de bom gosto. (O ESTADO DO PARANÁ- 31/07/ 1955)

Em público a mulher deveria ter atitudes coerentes com a sua educação :

Não fica bem a mulher discutir em público seja com o namorado, o noivo e muito menos o marido. [...] Nas salas de espera dos cinemas por sua vez ou em qualquer lugar onde haja aglomeração não fica bem para a mulher cenas de exibicionismo, retoques de beleza e (embora isso seja bastante corriqueiro hoje em dia) cruzar as pernas de cigarro na boca... Ao iniciar-se a sessão tão pouco é correto a mulher empurrar os demais, procurando abrir caminho para a sala de espetáculo [...] da mesma forma sempre que se achar em lugares públicos a mulher deve abster-se de citar nomes de pessoas em voz alta [...] Evitando tais coisas a mulher estará se comportando como deve em público, colocando-se em seu devido lugar. (O ESTADO DO PARANÁ – 15/08/1954)

Da mesma forma o jornal católico *A Voz do Paraná* tem como preocupação as atitudes femininas e recomenda como a mulher deveria agir ao conversar com um homens

Uma mulher é hábil conservadora quando sabe convencer o seu interlocutor para que fale dos argumentos que lhe interessam. Pode ser o seu trabalho no que o enobrece ou preocupa. O esporte que o fascina, o seu passatempo predileto o labor que o absorve mais que o seu trabalho normal, a música, a jardinagem, a fotografia, a pintura, a biblioteca. Demonstrem ser excelentes políticas femininas mostrando-se interessadas e sentindo prazer em ouvi-los falar. [...] entretanto dois pontos capitais deve a mulher observar, não adote em suas conversas argumentos demasiados parciais não levantando polêmicas acerca dos direitos femininos, ainda que possam competir com eles, sejam diplomáticas e valorizem aos seus olhos somente as suas qualidades mais femininas. [...] toda mulher deve tomar nota desses acentados conselhos e estudar a forma natural de manter-se calma em todas as ocasiões. (A VOZ DO PARANÁ – 09/04/1961)

Um aspecto muito abordado pelos jornais é a questão do casamento, geralmente este é apontado como a realização suprema para a mulher , visto que esta é a sua “vocação natural “ O trabalho fora do lar é apenas uma contingência

Ela deve conservar a limpeza da casa ou do apartamento deve preparar a comida: fazer as compras, consertar o vestuário; alimentar as crianças, etc. Se a mulher já tem filhos mais crescidos, ela aproveita para corrigir suas lições de casa, para-lhe responder as perguntas imprevistas . Ela tem mil e uma coisa para realizar e estas coisas nunca podem esperar – devem ser resolvidas rápida e sistematicamente, para não atrapalhar a vida da família [...]

A mulher moderna começa a compreender que se o trabalho fora de casa é recompensado pelos salários bastante elevados pelas rendas, ao mesmo tempo em casa a desordem tomou conta, o que ela não pode resolver durante as poucas horas da noite, quando está em casa [...] e não se pode dizer que o trabalho executado por uma empregada possa substituir completamente o trabalho realizado por uma dona de casa. [...] Sem sombras de dúvida o lugar da mulher é no lar. (GAZETA DO POVO – 24/01/1954)

Em outra reportagem da *Gazeta do Povo* a opção pela função de dona de casa é justificada a partir de que “ O exercício de atividades profissionais por parte de mulheres casadas envolve graves perigos. Os encargos duplos da dona de casa, originam facilmente certo nervosismo, conflitos psíquicos e dificuldades matrimoniais. “ (GAZETA DO POVO - 01/05/1955)

A preocupação com o casamento vem desde a infância quando as mães deveriam ensinar as meninas a executar pequenas tarefas que além de desenvolver-lhes a responsabilidade ajudariam a tirar responsabilidade das costas da mãe : “Com oito anos de idade a menina já pode ir tendo o seu lugar no governo do lar. Tomará a seu cargo preparar a mesa para as refeições, limpar os pratos, retirar a mesa e levar os pratos servidos para a pia [...] A mãe deve mostrar a filha que ela mais tarde será dona de casa : terá sobre os seus ombros o governo de um lar e o que é necessário ir aprendendo como agir.(GAZETA DO POVO - 11/02/1961)

A mulher ao longo de sua infância e adolescência deveria ter como meta a busca do companheiro ideal e sempre seria de sua responsabilidade a manutenção deste casamento, numa reportagem da *Gazeta do Povo* de 1957 intitulada “ Você acertou ao escolher o marido?” na coluna de Mulher para Mulher, a matéria discorre

sobre as características essenciais para manter um relacionamento : “ passa por higiene da mulher, saber se vestir, saber se portar e saber cozinhar sem exageros nos temperos pois “o excesso de sal já deu motivo a muito desquite. “ (21/03/1957) Nesta mesma coluna a autora aconselha às mulheres em geral a “ apresentar-se graciosa e jovem às primeiras horas do dia. O auto-controle para conseguir levantar-se dez minutos antes do marido e providenciar sua beleza, é quase uma obrigação. “ (21/03/1957).

Os cuidados com a beleza estão referenciados em grande parte das matérias , em outra coluna na *Gazeta do Povo* a reportagem afirma : “ Os cuidados consigo própria não devem ser esquecidos, pois conservar um marido é quase tão difícil como conquistá-lo. “ (GAZETA DO POVO – 17/01/54)

O sucesso no casamento passa ainda segundo outra reportagem intitulada “Caminho certo para o sucesso no casamento” pelos “papéis da mulher” que consiste em “ por obrigação ser mais controlada e paciente do que o homem “ este controle passava pelas opiniões a serem emitidas, pelo cuidado com a casa, com o respeito ao orçamento e principalmente em saber fazer a feira pois” se não entrar em campo o indispensável auto-controle, acabaremos fazendo uma feira de anti-pastos sem nenhum resultado prático.” (GAZETA DO POVO – 17/06/ 1956)

Em geral as matérias publicadas atribuem a mulher a responsabilidade pela manutenção do casamento, principalmente quando ela sabe colaborar com o seu marido, cabe a ela segundo A VOZ DO PARANÁ “ Normalmente o melhor auxílio que uma esposa pode oferecer ao marido é manter o lar bem dirigido, calmo, um ambiente sereno, sem problemas, cuja harmonia maior contribuíra para a sofisticação pessoal e o sucesso profissional.” (18/05/1957)

A maternidade é também enfatizada como a maior realização feminina, além de ser uma obrigação “ [...] uma mulher só alcança a plenitude da maternidade quando quer ser mãe. Não quando pensa desfrutar do matrimônio e das liberdades que obtém ao casar-se, das prerrogativas da mulher casada e dona de casa.” (A VOZ DO PARANÁ -09/05/ 1965)

Por outro lado mesmo responsabilizando a mulher pelo sucesso ou fracasso numa família, muitas matérias publicadas justificam a necessidade de preparo para o casamento da mesma forma que para o exercício de uma profissão. As notícias referentes à disseminação do divórcio muitas vezes atribuíam a causa do fracasso dos casamentos à falta de preparo das mulheres ou o seu interesse por outras funções que não o lar, por isso a preocupação com a ‘formação para o lar’:

[...] concluiremos então que 90 em cada 100 moças não tiveram quem lhes ensinasse que o casamento é uma vocação como o magistério, a advocacia, a medicina, etc. E tanto quanto para estas é necessário preparo para exercer o casamento. Mas mesmo assim elas se casam ignorando as características principais da boa esposa, da dona de casa perfeita, da mãe amantíssima: paciência sem limites, tolerância infinita, capacidade de perdoar, indulgência e um desprendimento espontâneo capaz de renunciar a todos os seus interesses em favor dos interesses da família.

A mulher é a base do casamento e se ela não estiver devidamente habilitada a assumir os compromissos que a vida conjugal lhe impõe a união não será perfeita e tanto quanto ela, o marido, os filhos a família então serão os maiores prejudicados. (GAZETA DO POVO –19/05/1960)

Além de discutir a questão, a imprensa trazia exemplos de outras propostas educacionais nesta perspectiva. Como por exemplo a reportagem do jornal *O Estado do Paraná* de novembro de 1952 , que traz ampla reportagem sobre a “Escola da Felicidade” existente no Canadá, mostra que a educação desenvolvida por aquela escola tem conseguido impedir os divórcios, pois prepara as “jovens para o casamento, ensinando-lhes todos os segredos da vida conjugal”:

Em todas as atividades na escola de esposas, dá-se maior atenção a ensinar a mulher a gostar realmente de todo trabalho que executa, seja cozinhar, costurar, etc. Mas em primeiro lugar deverá amar o marido e os filhos e saber como criar um ambiente feliz, não só para ela, mas também para os que vivem na mesma casa [...] Concluindo o curso para ser realmente feliz essa “bacharel de felicidade” necessita apenas de um marido verdadeiro. [...] Assim anima os moços ao casamento segundo o seguinte slogan: “vale mais uma esposa formada na Escola da Felicidade”, que uma herdeira rica ou “você encontrará seu ideal à saída da Escola da Felicidade”. Mas o maior triunfo desta escola é a estatística. Todas as jovens diplomadas casaram-se e, até agora ainda não houve um só caso de divórcio entre elas. (O ESTADO DO PARANÁ - 15/11/1952)

As matérias e as discussões da imprensa propagandeiam os cursos de formação familiar existente em outros países e dão destaque aos que são criados no Brasil

Uma mulher no caso a Dr^a CW Willenge Prins foi recentemente nomeada professora da escola superior de agricultura em Wagenengen na Holanda fato que causou grande sensação já que pela primeira vez uma mulher é chamada a exercer uma atividade até agora exclusivamente reservada aos homens na referida escola. A Dr. Willenge Prins dirigirá a Cátedra de artes domésticas especializada em assuntos que tratam da manutenção e direção do lar, preparação de alimentos, arrumação da casa e cuidados que devem ser dispensados. A conservação de roupas, etc. Assim o curso será direcionado a todos os problemas relacionados com as obrigações da dona de casa, os quais serão tratados não só quanto a parte técnica mas estudados também quanto ao lado social e econômico. A Dr.^a WP que é deputada... é também membro do conselho social econômico da Holanda e presidente da união das mulheres que conta atualmente 40.000 associadas. Foi idéia sua a nova cátedra de artes domésticas na escola baseando-se em experiência nos Estados Unidos. (GAZETA DO POVO – 22/05/1958)

A discussão da formação feminina passa pela aceitação de que a mulher poderia se destacar no “aprendizado de diferentes culturas” (O ESTADO DO PARANÁ 02/06/1957), mas para isso precisa ser preparada. Nesta mesma reportagem o autor cita um artigo publicado pelo jornal do Brasil sobre as escolas domésticas.

O autor citado considera como uma lacuna injustificável a falta de preparação doméstica na educação da mulher brasileira, sugerindo interessantes providências para transformar a futura dona de casa em eficiente defensora da saúde e da vida da criança. Hoje em dia a par da eficiente instrução recebida pelas mulheres conterrâneas em inteira igualdade com aquela ministrada ao homem, já não se precisa mais lutar com tabus arcaicos e estuda-se continuamente os métodos que produzem os melhores resultados referentes a educação da mulher patricia sempre com os melhores proveitos para todos, pois que a educação eficiente do elemento feminino proporciona a oportunidade de melhores dias como se tem sobejamente demonstrado nos mais diferentes setores da atividade humana.
(O ESTADO DO PARANÁ - 2/06/1957)

Na cidade do Rio de Janeiro, em Fortaleza e em Porto Alegre já tinham escolas destinadas a esta formação, fundadas por Congregações religiosas e por grupos ligados à Igreja Católica. A Congregação mais atuante neste tipo de formação foi a “Sociedade das Filhas do Coração de Maria” .

Esta Congregação surgiu na França no século XVIII e construiu tradição em educação feminina. As Escolas de Educação Familiar do Rio de Janeiro e de Fortaleza foram fundadas por irmãs francesas que vieram para o Brasil com a “missão de organizar a educação familiar”. (BOLETIM INTERNO DA CONGREGAÇÃO –1957).

A escola do Rio de Janeiro oferecia inclusive um curso universitário que formava professoras para atuarem nas disciplinas de formação para o lar em nível secundário. Estas escolas tinham como finalidade “ melhorar o nível de vida familiar no país”. (ESTADO DO PARANÁ – 23 /08/1957).

Percebe-se que a imprensa escrita neste período tinha influência significativa na formação da opinião pública, foi constatado que tanto os jornais laicos pesquisados, quanto o jornal católico têm praticamente o mesmo enfoque quanto a questões femininas durante as décadas de 50 e 60.

Até maio de 1962 o Jornal *A Voz do Paraná* publicava a *Página Feminina*, escrita por Suzete Dubard, a partir daí passou a publicar a coluna *Casamento, morada da felicidade*, escrita pelo padre Lazaro de Pauli, porém permaneceram no jornal artigos escritos por Suzete Dubard com questões de cunho mais doutrinário como consciência, amor, pátria e civismo. A partir de 1966, neste jornal não tem mais a coluna especificamente dirigidas à mulher, mas permanecem reportagens cujo conteúdos são direcionados à mulher. Em 1974 novamente o jornal volta a publicar uma coluna destinada ao público feminino intitulada *Mulher*, assinada agora por Maithe.

Os jornais laicos mantêm até a década de 70 matérias e suplementos direcionados ao público feminino, mas também ampliam as discussões quanto ao papel da mulher. É possível no início da década de 70 perceber nos jornais exemplos que constataam que a imprensa começava a trazer a tona à mudança neste papel

A mulher ser humano, ser racional, caminha hoje ao lado do homem na conquista de um mundo melhor. Saindo das limitações impostas a ela por milenares convenções, vem provando dia a dia que é capaz de desempenhar na sociedade humana qualquer função a que for solicitada. A luta sempre foi e continua sendo árdua. O homem de modo geral, custa a aceitar a mulher dentro de um mesmo nível de desempenho. Para muitos ela continua sendo o frágil ser destinado apenas ao lar. Para outros que vivem o momento, ela já alcançou o status a que seu valor intelectual lhe dá direito. Através dos séculos poucas oportunidades lhe foram dadas para que pudesse marchar no passo célere masculino na conquista dos ideais que foram comuns. Apesar dela não ter participado ativamente da revolução do mundo, esteve em todos os momentos nos bastidores de todas as grandes realizações. Hoje ela é não só a incentivadora mas também a promotora do processo evolutivo que a humanidade está vivendo. (O ESTADO DO PARANÁ – 21/05/1972)

É necessário ressaltar que formas de mudança no papel da mulher vêm ocorrendo já em décadas anteriores. Conforme Jane Soares de ALMEIDA, após o término do Estado Novo o Brasil emergia para uma nova realidade na qual não era

mais possível negar o papel assumido pela mulher durante os anos da Segunda Guerra, porém ao mesmo tempo que o Brasil passava por um processo de modernização econômica, as relações sociais e na família permaneciam tradicionais

Para a ordem estabelecida a liberação econômica das mulheres por meio do trabalho remunerado e sua autonomia intelectual, representada por uma educação não diferenciada da dos homens significava a ruptura com os acordos tacitamente estabelecidos desde outras épocas e poderia promover desordem social ao alijar do sexo dominado essa subordinação. Portanto tornava-se necessário que fossem educadas, porém somente se o lar, o marido e os filhos fossem com isso beneficiados. (ALMEIDA, 1998, p.33)

Este retrato de mulher preocupada somente com a casa , os filhos e o marido construído pela imprensa nas décadas de 50 e 60 vem ao encontro desta necessidade de manter a ordem estabelecida. A imprensa laica mantém o discurso do papel tradicional que somente no início da década de 70 começa a ser rompido. Já a *Voz do Paraná*, representando a imprensa católica, na coluna específica dirigida às mulheres, ainda mantém artigos semelhantes à década anterior na qual o casamento era a preocupação central :

A felicidade do lar é a meta que toda mulher assume com o casamento. Para alcançar tal objetivo deve a mulher dispensar e despender todos os esforços, pois 90% das responsabilidades de um lar feliz está em suas mãos, muitas dizem ser isto difícil e não sabem como conseguir o alvo tão desejado e tão sonhado desde os tempos de namoro. Mas não é tão difícil assim na maioria dos casos. Ela tem de procurar em si mesma todas as responsabilidades de compreensão, deverá abrir mão de muitas coisas até mesmo de seu orgulho ou amor próprio evitando discussões, rixas, procurando sempre acertar e procurando também o que é justo. (A VOZ DO PARANÁ – 22 à 28 de setembro de 1974)

Por outro lado também este jornal publica matérias que reafirmam as discussões que estavam presentes na sociedade como:

Se nós dermos uma boa olhada no mundo veremos quão diferente está a posição da mulher em comparação ao tempo de nossos avós. Já não podemos ter os desmaios românticos de outrora, nem suspiros melancólicos ou usar os chazinhos de milícia ou de rosa para nos acalmarmos. Muito menos ficarmos em casa de braços cruzados a esperar que as horas passem numa cadência cansativa infrutífera ou monótona. A mulher tem sobre seus ombros uma grande responsabilidade, uma vez que participamos de todos os movimentos e de todas as iniciativas. Hoje mais do que nunca a figura da mulher é requisitada e exigida mesmo na resolução dos problemas que afligem o mundo.

Somos chamadas ao trabalho político, religioso, social, assistencial, educacional e até mesmo esportivo [...] já não podemos nós mulheres nos contentarmos com um papel passivo e sem expressão. Nossa colaboração deve ser antes de mais nada consciente e inteligente [...] a mulher precisa ser atualizada e inteligente, pois a responsabilidade que tem junto a formação do mundo é grande. (A VOZ DO PARANÁ – 11ª 17 de agosto de 1974)

A preocupação dos jornais católicos em incluir estas novas discussões podem ser analisadas por documentos da Igreja naquele período que vem trazendo a discussão à tona, como neste exemplo da carta do Papa Paulo VI ao senhor cardeal Maurice Roy, presidente do Conselho de Leigos e da comissão da Carta Apostólica Pontifícia Justiça e Paz intitulada : “O lugar da mulher”, publicada em encarte especial pelo jornal *A Voz do Paraná*

Faz-se necessário um estatuto da mulher ao qual faça cessar a efetiva discriminação existente e estabeleça relações de igualdade e de respeito pela sua dignidade. Não falamos obviamente daquela falsa igualdade que negasse as distinções estabelecidas pelo mesmo criador e que estivesse em contradição com o papel específico e quantas vezes capital da mulher no coração do lar e também na sociedade. A evolução da legislação deve ao contrário orientar-se no sentido de proteger a sua vocação própria e ao mesmo tempo de reconhecer a sua independência enquanto pessoa e a igualdade de seus direitos e participar da vida cultural, econômica, social e política. (A VOZ DO PARANÁ – Jun de 1970 – Encarte/ Documento 2)

Percebe-se que a Igreja Católica reconhece que a mulher naquele momento estava gradativamente ocupando outras posições na sociedade e no mercado de trabalho, e que o trabalho feminino não era apenas para complementar o orçamento doméstico como na década de 50. Esta inserção social da mulher e os movimentos

reinvidicatórios precisam ser compreendidos no contexto da sociedade brasileira no qual “ o Estado mantém em seus programas sociais e de assistência a mesma filosofia dos governos anteriores, admitindo como interlocutores algumas categorias profissionais e os chefes das famílias institucionalmente constituídas; neste contexto a maior parte das mulheres continua sendo contemplada apenas indiretamente como cidadãs.” (GIULANI, 1997, p.643) .

O documento da Igreja aqui citado reconhece a necessidade da garantia de direitos e de tratamento iguais para homens e mulheres, por outro lado reafirma a posição da mesma em considerar ambos com papéis diferentes na sociedade como atitude ‘naturalmente’ aceita já que é uma deliberação do Criador. Esta justificativa da Igreja pode ser explicada pela sua proposta ideológica enquanto instituição

Manter , na medida do possível, a família sob seu controle ideológico, senão jurídico, parece ser de crucial importância para a sobrevivência institucional da igreja. É o que se pode concluir não tanto de postulados teóricos, quanto da multissecular e sempre renovada estratégia pastoral católica de garantir sua influência sobre a instituição família. [...] Para a igreja a base da sociedade é a família. É nela que a sociedade têm origem, como é ela que garante sua preservação, estabilidade e coesão. (PIERUCCI, 1978, p.15)

Em síntese é possível perceber que a imprensa tanto a católica quanto a laica referendavam e reforçavam o discurso e a ação da sociedade quanto ao papel feminino.

2.4 A igreja , a congregação e a proposta de Educação Feminina

A Igreja Católica em Curitiba, historicamente tem-se constituído numa instituição forte na definição dos papéis da mulher. Na década de 50 a religiosidade

fazia parte da vida das famílias e é descrita inclusive pelos cronistas que associam a prática religiosa à vivência cotidiana

Hoje em dia a missa das 11 é tradição de Curitiba. A igreja fica superlotada e a maioria dos presentes assiste o Santo Sacrifício em pé, pois o espaço é pequeno e o número de pessoas é muito grande. A elite da cidade está sempre representada neste local. A praça Rui Barbosa fica cheia de automóveis, e os rapazes na sua maioria estudantes, fazem fila para aguardar a passagem de suas eleitas. As moças mais bonitas e mais chics da capital são freqüentadoras assíduas da missa. Durante os trinta minutos que permanecem na igreja são devotas, esquecem por alguns minutos as coisas frívolas. (BISCAIA, 1996, p.66)

Por iniciativa do Arcebispo de Curitiba D. Manuel da Silveira D' Elboux, o governador Bento Munhoz da Rocha determinou em 1954, a inclusão do ensino religioso como disciplina de Currículo dos cursos primário, secundário, normal e profissional também em toda a rede pública. Esta atitude conseguida do governador “coincidia com a linha pastoral de que a catequese constituía o fundamento de toda ação apostólica em Curitiba e regional do Paraná.” (COSTA, 1986, p.29) . A preocupação das autoridades governamentais e eclesiais com o ensino religioso era um objetivo tanto para estudantes do sexo feminino quanto masculino. Em carta circular ao clero em 1957 novamente aparece esta preocupação quando é dado destaque as diversas instituições de caráter educacional religiosas existentes em Curitiba, inclusive a Escola de Serviço Social de Curitiba e também destacado o reconhecimento pelo MEC das faculdades católicas “Diante deste fato altamente auspicioso, para a vida cultural católica do nosso estado não podemos deixar de reunir esforços no sentido de uma feliz concretização de velho sonho : a criação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (BOLETIM ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE, n.º 34, 1957, p.13)

Em outra carta ,em 1961, ao discutir a crise de vocações na Igreja, o arcebispo conclama os padres a se interessarem pela questão educacional e a “procurar vocações em toda parte : na igreja, nas famílias, nas escolas paroquiais, nos grupos escolares , nos colégios, etc.” (BOLETIM ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCESE, n.º 37, 1961, p.4)

Devido à impossibilidade de citar todas as referências quanto a questão educacional presentes nos documentos da Igreja em Curitiba pode-se aferir que a educação era uma dos tópicos de interesse destacado pela Arquidiocese tanto pelo seu aspecto religioso quanto social.

Quanto a educação feminina neste período, é necessário lembrar que as principais escolas para mulheres de Curitiba, com exceção do Instituto de Educação, eram escolas católicas : Divina Providência, Santa Maria, Sagrado Coração e Sion. Estas escolas foram fundadas por congregações religiosas e educavam as mulheres de acordo com os princípios da Doutrina Católica.

Nos eventos religiosos conclamados pela Arquidiocese professoras e alunas participavam “E a Praça do Congresso ficou repleta de moças e senhoras, todas compenetradas de que a sorte da família e dos povos está em suas mãos , como educadoras da nova geração. Se a mulher é destinada a ser Rainha do Lar, seu reinado nunca será tão sólido como quando fertilizado por uma vida eucarística. “ (PRIMEIRO CONGRESSO EUCARISTICO PROVINCIAL DO PARANÁ, nov. de 1953, p.85)

A articulação da Igreja com os sistemas de educação feminina no Brasil vem desde a metade do segundo reinado, diversas congregações religiosas masculinas e femininas européias vieram para o Brasil para estruturar uma organização

pedagógica destinada à educação das elite, numa “estratégia que podemos denominar de ‘teoria dos círculos concêntricos’ : da mãe cristã para filhos cristãos, de filhos, cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna.” (MANOEL, 1996, p.49). A educação feminina foi uma das metas para esta prática, educando as mães estas criariam seus filhos de acordo com os princípios católicos.

Segundo CUNHA e LEAL :

Em termos de oportunidade de educação escolar para as mulheres, é inegável que a ação dessas ordens religiosas francesas, alemãs e italianas no Brasil representou uma notável ampliação. No entanto deve-se lembrar que eram quase exclusivamente as filhas das elites e dos extratos mais privilegiados que se beneficiavam dessa expansão, dado o caráter privado de suas escolas, bem como seu custo elevado.

Por outro lado constituiu-se numa educação permeada pelos valores do catolicismo que, tendo as mulheres como inferiores e suspeitas, as destinam as tarefas domésticas, centradas na produção e manutenção da prole. Leão III, na Encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, diz: Trabalhos há que não se adaptam tanto à mulher, a qual a natureza destina, de preferência, aos arranjos domésticos, que, por outro lado, salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação e a prosperidade da família. (1991, p.27)

A questão da mulher está presente nos principais documentos religiosos da Igreja Católica. Maria Lygia Quartin de MORAES também analisou estes documentos e relata :

[Na] leitura das Encíclicas conhecidas como *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII; *Quadragesimo Anno* (1931) e *Casti Connubi* (1930) de Pio XI, e os pronunciamentos do papa Pio XII demonstram bem como a doutrina católica limitava a mulher aos papéis familiares e domésticos. A própria defesa de seus direitos como trabalhadora só é feita em nome da proteção à infância. É assim por exemplo que Pio XI no *Quadragesimo Anno*, defende a necessidade de maior salário para os pais para que as mulheres não precisem trabalhar fora de casa descuidando os cuidados e deveres próprios e sobretudo a educação dos filhos. Mas a mudança pode ser observada tanto na dignificação maior que a doutrina cristã dos tempos modernos concede a mulher, como também pela abertura do espaço social à ação feminina. Na *Pacem in Terris* (1963) de João XXIII as mulheres são chamadas a participar, como co-

responsáveis, na construção da comunidade humana, atuando também na esfera pública. (1985, p 38- 39)

Esta mudança de visão emitida pelo Vaticano II é registrada pelo Jornal *A Voz do Paraná* a ao reproduzir a mensagem do episcopado ao povo brasileiro, a mensagem às mulheres foi :

Chegou a hora em que deve cumprir-se totalmente a vocação da mulher. Nossa técnica corre o perigo de desumanizar-se. Reconcilia o homem com a vida e sobretudo vigiai-nos o exploramos em favor do futuro de nossa espécie. [...] Pensai sempre que uma mãe por meio de seus filhos pertence a este futuro que talvez não veja. Mulheres ajudai a imbuir com o espírito deste Concílio a vida diária em todas as suas manifestações desde a escola até o lar. Mulheres de todo o mundo sois encarregada de salvar a paz do mundo. (*A VOZ DO PARANÁ* - 12/ 12/1965 p.1)

Para analisar a ação de uma congregação feminina que atua na formação de meninas e moças é necessário pensar sobre o papel das mulheres religiosas, ou o papel desempenhado pelas congregações, quanto a isto Maria José Rosaldo NUNES afirma que

Praticamente até o Concílio Vaticano II (1962-65) , somente os homens elaboravam o saber teológico e orientavam a vida espiritual das mulheres. Até hoje, somente homens tomam assento nas assembléias de Roma, sede do governo e do catolicismo.

Nem por isso as religiosas podem ser tomadas por passivas receptoras do discurso masculino e seguidoras fiéis de práticas determinadas por eles. Tampouco constituem um grupo homogêneo, respondendo de maneira unívoca às exortações eclesiais. As reações das congregações e das religiosas mesmo foram variadas no decorrer do tempo e mostram bem as margens de ação dos sujeitos implicados no jogo das relações sociais. A Igreja do seu lado, tenta muitas vezes ajustar suas proposições às condições reais apresentadas pelas diferentes situações históricas e mantê-las em conformidade com as reações dos atores envolvidos no processo. A história da vida religiosa feminina no Brasil é marcada por submissões e transgressões, passividade e criatividade. (1997, p.482-483)

É considerando-se esta perspectiva citada por NUNES, que vai ser analisada a Congregação fundadora do Colégio de Educação Familiar do Paraná – a Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

Esta congregação foi criada na França em 1790 em plena Revolução Francesa. Naquele momento as ordens e congregações religiosas foram dispersas, os votos religiosos foram proibidos e muitos representantes da Igreja, tanto homens como mulheres, foram guilhotinados.

Esta Congregação foi fundada por Pedro José de Clorivière e Adelaide de Cicé. Ele entrou no noviciado da Companhia de Jesus em 1756. Seis anos depois a Companhia dos Jesuítas passou a sofrer perseguições e foi proibida de continuar atuando na França. Muitos estudantes tiveram que sair da Companhia. Clorivière que conhecia a língua inglesa foi para a Inglaterra, onde concluiu a sua formação e foi ordenado sacerdote no colégio de Liège. Atuou como sacerdote em Londres, Bélgica e Paris, “As provações por que passou a Companhia de Jesus prepararam-no para compreender que daí por diante não deveria ligar a vida e os votos de religião á aprovação legal do poder civil.” (TRADIÇÃO VIVA, 1985, p.5)

Em 1790, em plena Revolução Francesa, quando se preparava para vir exercer a atividade religiosa na América do Norte, segundo relatos deixados por ele foi surpreendido por uma inspiração que

No decorrer de 1790, vendo o rumo que a revolução tomava [...] pensava muito no que poderia fazer para a Glória de Deus ... quando... em 19 de julho [...] ao término da oração da manhã, fui repentinamente tocado por um pensamento que polarizou toda a minha atenção : foi-me revelado como num abrir e fechar de olhos, e no entanto de forma bastante pormenorizada, um gênero de vida [...] Esta visão era ao mesmo tempo acompanhada de vivo sentimento de que Deus tiraria dele Glória e queria servir-se de mim para o difundir. (TRADIÇÃO VIVA, 1985, p.10)

Redigiu inicialmente o plano de uma sociedade para homens : Sociedade do Coração de Jesus e depois outra para mulheres, a Sociedade das Filhas do Coração de Maria. Estas ordens diferiam de outras existentes na forma:

O essencial do estado religioso comum a todas as ordens, consiste no compromisso assumido pelos votos de castidade, pobreza e obediência para viver plenamente e sem entraves o Evangelho no seguimento de Cristo, no quadro de regras, necessárias para imprimir carácter próprio a cada ordem e unir os membros entre si (cf. memorial aos bispos, 1798) Tudo isso pode fazer-se sem vestuário, uniforme e sem habitação obrigatória sobre o mesmo tecto. Daí a conclusão tirada pelo fundador : nas novas sociedades é preciso suprimir todos os sinais distintivos e é possível manter a vida familiar e profissional . (TRADIÇÃO VIVA, 1985, p. 11)

Cloriviére faz contato com Adelaide de Cicé, uma mulher de antiga e tradicional família que tendo ficado sozinha após a morte dos pais, aspirava a viver a vida religiosa, sem porém as limitações impostas pelas ordens católicas. Conhecendo a proposta de congregação pensada por ele , ela funda primeiro na Bretanha e depois em Paris a Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

Durante o período chamado de Terror na França, as duas sociedades “ vão desenvolver-se lentamente nas sombras” (TRADIÇÃO VIVA, 1985, p.16). A sociedade masculina devido às perseguições acabou se extinguindo, só ressurgindo em 1918. Já a Sociedade feminina permaneceu, e inclusive através das informações mantidas por uma de suas adeptas é que foi possível o conhecimento do projeto da sociedade masculina.

A Doutrina da Congregação segundo o histórico mantido pelas irmãs da Sociedade é

Como corpo religioso, temos a preocupação de estar atentas às diferentes culturas e meios em que nos inserimos. Não temos nenhuma obra específica. São as circunstâncias históricas que nos levam a decidir as possíveis inserções pessoais e comunitárias. O espírito de desapropriação pode levar-nos a passar para outras mãos trabalhos ou obras já começadas. A pluralidade e a diversidade de inserção são tais que se torna impossível apresentar exemplos. Obedecemos a toda autoridade como toda gente, mulheres cidadãs, como as outras mulheres e homens do tempo em que vivemos. (TRADIÇÃO VIVA, 1985, p. 28)

Atualmente a Sociedade das Filhas do Coração de Maria mantém obras em 31 países. No Brasil a Congregação chegou em 1937, instalando-se no Rio de Janeiro , depois em Salvador onde fundaram o ISBA - Instituto Social da Bahia, cujo colégio de Educação feminina é comparado ao Colégio dos Jesuítas fundado pelo padre Vieira . Em 1944 a Congregação foi instalada também em Curitiba.

Na comemoração dos 50 anos no Brasil foram lembradas as características básicas da Congregação : “é portanto sem nenhum sinal exterior distintivo, mulheres entre as mulheres, que as Filhas do Coração de Maria se inseriam na sociedade civil, exercendo as mais diferentes atividades profissionais.”

(50 ANOS DA SOCIEDADE DAS FILHAS DO CORAÇÃO DE MARIA NO BRASIL - 1987)

Atualmente a Congregação forma uma Província com 16 casas em diversos estados brasileiros . Em Curitiba mantém o Instituto Social de Curitiba, na Rua Bento Viana, no Prédio onde, por trinta anos, funcionou o Colégio de Educação Familiar e uma casa de assistência social na Vila Guáira.

O Colégio de Educação Familiar foi durante as três décadas de sua existência uma das obras mais conhecidas da congregação na cidade. O colégio não teve interferência direta da Igreja Católica de Curitiba, pelo que foi possível observar nas falas das irmãs e nos documentos pesquisados. Destinava-se a atender a camada

alta da sociedade, mas também oferecia bolsa de estudo a moças de outras camadas sociais. Após a pesquisa nos arquivos da CNBB e Cúria Metropolitana, concluiu-se que a Escola foi fundada para atender aos objetivos da Congregação, a qual tinha uma postura diferenciada das demais Escolas Católicas de Curitiba. Todas as alunas entrevistadas destacam as diferenças. Citando um dos relatos

Eu lembro com carinho das irmãs. Elas eram dedicadíssimas, atenciosas, nos tratavam pelo nome. Eram dedicadas, era um clima bom e que tinha a ver com a condição das irmãs. Era completamente diferente do que eu sentia lá no Divina Providência, lá as freiras eram turronas, ríspidas eram rigorosas, autoritárias. Eu que estudei em duas escolas de freiras, no Divina Providência eu não gostava das freiras; no Educação Familiar, eu adorava as irmãs. Elas eram freiras modernas, elas não usavam hábito; lá no Divina elas usavam aqui eram modernas aquelas freiras bonitinhas, arrumadinhas eram gente como a gente não eram aquelas coisas que a gente não podia tocar como no Divina que era uma congregação horrorosa. Eu detestava aquelas freiras do Divina e no Educação Familiar elas eram uns amores. (Elisa)

O Concílio Vaticano II permitiu uma renovação na organização das congregações que repercutiu nas instituições mantidas por religiosas . De acordo com NUNES

Algumas das alterações marcantes da época foi a troca da veste religiosa - o 'hábito' por roupas comuns e a separação do local de residência e de trabalho. As religiosas passaram a morar em pequenas casas, ou em apartamentos, diferentes do modelo tradicional da vida religiosa, em que a residência e trabalho realizavam-se no mesmo espaço físico. Também certos comportamentos tradicionais foram alterados. (1997, p.497-498)

Na Sociedade das Filhas do Coração de Maria esta ação diferenciada já historicamente caracterizava a congregação. Como já foi visto a origem da mesma

se deu num momento revolucionário e a não identificação por hábitos ou símbolos religiosos foi o que garantiu a sua continuidade.

Ao longo de sua trajetória o Colégio de Educação Familiar desenvolveu um ensino e práticas religiosas, estas porém estão vinculadas aos objetivos da congregação a que pertenciam. No documento de avaliação que objetivava a continuidade ou não da escola, em 1967 a Superiora emitiu o seu parecer afirmando que :

a) Se devemos atender, de preferência ao pobre, como deseja o Concílio, não quer dizer, que devemos abandonar as almas dos ricos, por vezes mais necessitados, espiritualmente do que os pobres. [...]

Formar verdadeiras mães de Família, cristãs, impregnadas de caridade, que saibam por em prática a doutrina social da Igreja, não será um meio de ordenar o mundo, segundo a *Populorum Progressio* ? E o que temos procurado fazer. A encíclica foi comentada com as alunas ; várias turmas visitaram as favelas de Curitiba, costuraram para os pobres, etc. A maioria das alunas nunca tinham entrado em contato com os pobres, etc. no contato nos estágios elas adquirem esta experiência e esperamos se tornem, menos egoístas . Certos fatos presenciados nas favelas causaram grande impressão nas meninas . [...] outra coisa que precisamos fazer para democratizar a escola é receber maior número de alunas bolsistas.

b) É a única escola no gênero, existente na Zona (Paraná, Santa Catarina e São Paulo)

c) A reunião de Curitiba não mantém apenas obras deste tipo; temos várias obras que atendem aos pobres.

d) A escola serve ainda para manter as demais obras : Serviço Social, Ephetas e Vila Guáira.

Pelos motivos expostos, acho que a obra deve ser mantida e sempre melhorada, pois é um ótimo campo de apostolado. (Maria da Conceição Castro- Superiora, 1967 p.2)

Esta avaliação demonstra que a atuação da escola apresenta coerência com a proposta de ação da igreja para aquele momento que é a opção pelos pobres de acordo com os encaminhamentos do Concílio Vaticano II, mas também retoma o princípio doutrinário da Congregação que é a atuação em meio as demais atividades

da vida civil. A formação numa perspectiva religiosa fazia parte da proposta curricular e da ação pedagógica do estabelecimento e será analisada no item 3.2.1.

Discutida esta relação entre a Igreja Católica, a congregação e a ação do Colégio de Educação Familiar o próximo capítulo vai apontar elementos da origem e da consolidação deste estabelecimento escolar em Curitiba.

3. Colégio de Educação Familiar do Paraná : origem e consolidação

3.1 A relação entre a Escola de Serviço Social e as origens do C. E.F.

Como foi visto as escolas de Formação Familiar que existiam em diversos estados brasileiros, vinham atender a uma solicitação da época que exigia uma formação específica para a mulher. As escolas foram fundadas por Congregações Religiosas (Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza) ou por entidades sociais ligadas à Igreja Católica (Castro e Londrina - PR) ¹

Em Curitiba, há uma estreita ligação entre a fundação da Escola de Serviço Social do Paraná e o Colégio de Educação Familiar . Retomando inicialmente a Escola de Serviço Social, esta foi fundada em 1944 pela professora Irene Teixeira de Freitas, formada pelo Instituto Social do Rio de Janeiro . Ela foi auxiliada por um grupo de senhoras da sociedade paranaense que

Nesta mesma ocasião institui-se a Ação Social do Paraná, sociedade civil, destinada a manutenção da Escola de Serviço Social como ainda de todo o trabalho de promoção social. Dom Ático Euzébio da Rocha foi o Presidente de Honra. O desembargador Dr. Lacerda Pinto – presidente. Pe. B. Fallarz - Assistente Eclesiástico (FATOS MARCANTES PARA A HISTÓRIA DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA - s/d)

¹ A Escola de Formação Familiar de Londrina foi fundada por Rosa Shizuka Mykizaki o ESTADO DO PARANÁ de 19/03/1957 ao comentar a fundação afirma que “ A primeira Escola de Formação Familiar, no Paraná foi fundada em Curitiba. Dali saíram as primeiras educadoras, das quais, muitas começaram, já a dar amplitude a idéia, disseminando-a também no interior. (...) [saudações à sua fundadora] imbuída daquele mesmo espírito de moral elevada, da disciplina e de respeito que são dotados os nipônicos, quanto a formação do lar, verdadeiro alicerce da família, por ter implantado entre nós uma escola de cuja modalidade há muito Londrina vinha precisando”.

Quanto a Escola de Castro a mesma foi fundada pelo Instituto Cristão de Castro que em parceria com a Secretária de Agricultura do Estado abriram o curso de Economia Doméstica , além dos cursos normais que a escola já oferecia “Para satisfazer os anseios das jovens provenientes da zona rural que procuram aprimorar seus conhecimentos sobre administração do lar, puericultura, enfermagem, oleocultura, ajardinamento, corte e costura.” (O ESTADO DO PARANÁ –31/06/1969)

O curso de formação prévia que precedeu a fundação oficial da escola funcionou no porão da Residência da Família Abreu, situada a rua Presidente Faria, n.º 23. Em 1945 funcionou durante quatro meses no prédio da Faculdade de Filosofia dos Maristas, naquele mesmo ano se instalou no prédio do Círculo Bandeirantes . Lá permaneceu até 1949, quando se mudou para o atual prédio da Cúria Metropolitana que foi cedido pelo arcebispo por um período de nove anos.

O Arcebispo de Curitiba estabeleceu como condição para a ocupação do prédio pela obras de Ação Social e da Congregação das Filhas do Coração de Maria que o prédio fosse restaurado e adaptado a nova finalidade, sem porém fazer alterações na sua estrutura. Para este fim a Congregação conseguiu que as despesas fossem custeadas pelo Estado, que também no governo de Moyses Lupión doou à escola todo o material necessário.

Em 1954 a Cúria solicitou a devolução do prédio, porém o mesmo só ocorreu em 1957 quando finalmente a Escola de Serviço Social ² mudou-se para o prédio próprio situado na Rua Bento Viana, 765, onde passou a concentrar todas as obras da Congregação, inclusive o Colégio de Educação Familiar ³, que estava funcionando com a segunda turma de alunas.

² Em 1952 foi fundada a Associação de Educação Familiar e Social do Paraná, a qual assumiu a responsabilidade financeira e de direção dos trabalhos da Ação Social do Paraná. Esta Associação foi a mantenedora da Escola de Educação Familiar do Paraná , que a partir de 1974 se tornou o Colégio de Educação Familiar.

³ Escola Epheta (fundada em 1950 para atender crianças com deficiência auditiva); Pensionato para abrigar alunas vindas de outras cidades para estudar na Escola de Educação Familiar e moças estudantes carentes.

A Escola de Serviço Social de Curitiba , oferecia o curso de Serviço Social o qual ficou a cargo da Congregação da Sociedade das Filhas do Coração de Maria até 1958, quando então passou para a Universidade Católica do Paraná.

Durante o período que ficou sob a tutela da Congregação a Ação Social atuou em diferentes níveis de realização com a abertura de práticas de assistência social que mais tarde se configuraram também em campo de estágio para as alunas do Colégio de Educação Familiar. Entre estas ações podem ser destacadas :

- a organização com subsídios e dados para a criação do Departamento de Assistência Social da Secretária do Trabalho e Assistência Social;
- criação do Serviço Social de casos para assistência às Famílias na Fábrica;
- criação do Serviço Social no Grupo Escolar Xavier da Silva para atendimento às crianças;
- criação do serviço social no Grupo Escolar Júlia Wanderley.
- criação do Serviço social na Escola Maternal da “ Sociedade Socorro aos Necessitados”
- criação de campo de estágio nas Instituições : Abrigo de Menores, Escola de Preservação, Escola de Reforma do Asilo São Vicente, Abrigo Provisório de Santa Felicidade, Escola de Formação Profissional para Menores, Serviço Social da Indústria (SESI) ; Serviço Social do Comércio (SESC), Penitenciária do Ahú, Departamento de Assistência Social, Instituto de aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, Juizado de Menores, Departamento Estadual da Criança.
- criação de centros sociais para formação e ensino nos bairros Mercês, São João, Água Verde , Portão, Cristo Rei e Vila Guaíra

O currículo do Curso de Serviço Social incluía matérias de formação para o lar, ministradas por Stella Missino Guérios, a qual havia concluído no Rio de Janeiro o Curso de Educação Familiar e passou a aceitar em suas aulas moças que desejavam apenas preparar-se para o lar. Em 1949 Stela Missino Guérios organizou um curso específico denominado “Preparação para o Lar” com duração de um ano.⁴ Por solicitação de três alunas, que constituíram a primeira turma, o curso se tornou profissionalizante⁵. D. Irene Teixeira de Freitas e Stela Missino Guérios percebendo a necessidade local, a completa ausência de formação para o lar e “que os programas de ensino secundário eram em geral elaborados para o sexo masculino e que matérias como, trabalhos manuais e educação doméstica eram dadas em caráter secundário, pouco importando, iniciou um curso que aliava cultura humanística e formação específica para o lar.” (INFORMAÇÃO APRESENTADA AO COMITÊ INTERNACIONAL DE CORRESPONDÊNCIA – EDUCAÇÃO FAMILIAR). Encaminharam a proposta de fundação da escola, que num primeiro momento visava complementar a formação das Assistente Sociais na parte referente ao lar e oferecer esta possibilidade de formação para outras moças da sociedade que assim o desejassem. Este curso começou a funcionar regularmente em 1953 com as disciplinas teóricas de Moral, Psicologia, Cultura Religiosa, Pedagogia, Metodologia, Serviço Social, Decoração de Ambientes, Alimentação Familiar, as disciplinas práticas de Vestuário subdividido em costura,

⁴ O currículo do curso era composto das seguintes disciplinas: Molde e Costura, Economia Doméstica, Higiene (noções), Puericultura, Culinária e Alimentação Familiar, Enfermagem, Indústria Doméstica, Lavagem e Conservação de Roupas.

⁵ Em 15 de dezembro de 1955 colou grau esta primeira turma composta pelas alunas: Josélia de Faria Amorim, Rosa Shisuca Miyasaki, Lorinette Scaramuzza.

molde, passar a ferro, Cozinha e Indústria Doméstica, e a realização de Estágios em centros sociais ou junto às igrejas. Para que o curso se adequasse a legislação vigente, garantindo a terminalidade no 2º grau e permitindo o acesso ao curso superior foram introduzidas as matérias do núcleo comum : português, matemática, história, geografia, física, química e biologia.

Através da Portaria nº 347 de 21/06/1954 da Secretaria Estadual de Educação foi autorizado o funcionamento como a Escola de Educação Familiar do Paraná com o curso regular de Educadora Familiar com três anos de duração, tinha em vista:

- 1º - aprimorar a formação pessoal da aluna, preparando-a para a vida no lar.
 - 2º - capacitá-la a transmitir a outros, a orientação segura, baseada nos conhecimentos teóricos e práticos duma profissão essencialmente feminina;
 - 3º - trabalhar junto a Assistente Social nas atividades que dizem respeito a família;
 - 4º - exercer cargos de monitoria, magistério, nas Escolas de Educação Familiar e de Economia Doméstica;
 - 5º Dirigir atividades referentes à vida Familiar e doméstica em centros Sociais.
- (HISTÓRICO DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DO PARANÁ . 31/10/56 p.8)

A Escola continuou ofertando o curso de Dona de Casa que “visa essencialmente a formação prática das alunas proporcionando –lhes conhecimento e habilidades que lhe permitam desempenhar melhor a sua futura missão no Lar, como donas de casa e mães de família.” (HISTÓRICO DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DO PARANÁ. p.9) Neste curso a Escola começou a desenvolver a atuação de assistência social : “Com o fim de despertar nas alunas o desejo de auxiliar as pessoas menos favorecidas pela sorte e procurando fazê-las conhecedoras das necessidades e da vida miserável que leva esta gente, promovem-se visitas às favelas, existente nos arredores da cidade.” (HISTÓRICO p.9)

Outra modalidade de ensino ainda era o curso para meninas carentes, principalmente para alunas com deficiência surdas-mudas que recebiam orientação com professoras especialistas na própria escola e também aprendiam o serviço doméstico e trabalhos manuais como , costura e bordado.

Em março de 1961, pela Portaria n.º 81 do Ministério de Educação e Cultura, a Escola , foi considerada de nível Colegial, permitindo ingresso de suas concluintes aos cursos superiores. Em 1964 pelo Decreto N.º 13.878 a escola recebeu licença para funcionar como Escola Normal Colegial de Educação Familiar do Paraná.⁶ E passou a ter duas modalidades de curso o de Magistério e o de Educação Familiar. A partir daí as finalidades do Colégio são definidas como:

- 1º - A educação integral para o desenvolvimento através da formação da responsabilidade do educando como ser livre e social.
- 2º - Preparação de professoras para o ensino das primeiras séries do primeiro grau.
- 3º - Proporcionar um desabrochar completo da vocação feminina específica de mãe e educadora, através das práticas educativas de Educação familiar.
- 4º - Formar Educadoras Familiares capacitadas a lecionarem Educação Doméstica no 1º grau e no meio popular. (FATOS MARCANTES PARA A HISTÓRIA DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA – 1976 p.3)

No primeiro ano todas as alunas assistiam às mesmas aulas, a partir do segundo ano poderiam fazer a opção por um dos cursos ou poderiam fazer os dois cursos simultaneamente desde que fizessem a carga horária específica de estágio das duas modalidades de estágios em três anos recebendo assim os dois diplomas: o do Magistério e o de Educadora Familiar.

⁶ Em 1974 o nome oficial da escola passou a se Colégio de Educação Familiar do Paraná-Ensino de 2º grau, para se adequar as exigências da lei 5692/71.

3.2 Proposta Pedagógica do Colégio de Educação Familiar

Como foi visto o Colégio de Educação Familiar na suas origens surgiu como um curso de preparação para o casamento, depois como escola de formação de educadora familiar e posteriormente se consolidou como um curso de formação para o Magistério, aliada à formação familiar para o casamento.

Dar conta desta formação ampla foi uma das metas traçadas pela sua direção:

Naquele tempo a escola tinha sete alunas [início de 1957] Já era no prédio da Bento Viana, onde também funcionava a Escola de Serviço Social do Paraná . Havia já um início do curso de Educação Familiar. As alunas eram da alta sociedade e iam quando queriam, faziam o que queriam, assistiam ao que queriam, saíam na metade da aula. Eu sempre pensando em arrumar uma escola 100% já pus um edital que quem entrasse lá era da nossa responsabilidade, e que eu não permitiria saída na metade do período escolar. As matérias continuavam poucas. No ano seguinte eu continuei a tentar aperfeiçoar e vi que o que seria interessante seria formar uma escola que desse uma preparação de 2º grau. Naquele tempo era científico, algo assim, mas que desse uma formação que elas pudessem continuar, não só para casar, mas uma formação para elas poderem entrar em faculdade. Aos poucos foi começando português, matemática, toda aquela base que era mesmo exigida pelo Ministério de Educação. Procuramos inscrever a escola na SEED pedindo licença para o Ministério da Educação, para funcionar. Começamos com um currículo de 2º grau, português matemática, e assim por diante. Então eu notei que muitas alunas tinham tendência para fazer um curso Normal. [...] Foi combinado com os professores de matérias básicas que os programas seriam dados de acordo com as exigências do vestibular da época. (Josélia)

Nos panfletos de propaganda do colégio após a implantação do curso de Magistério , a mensagem dirigida aos pais faz uma articulação entre a preocupação com a formação considerada integral – a de professora e o preparo

para maternidade além da inserção social das alunas de acordo com a recomendação de Puebla⁷

Visa a levar a jovem a desenvolver a sua formação integral e habilitar-se ao desempenho do magistério.

Convida-a a se converter em sujeito, não só do seu próprio desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade : educação para o serviço. (cf. Puebla 1030)

Toda a organização curricular e administrativa está voltada a consecução destes objetivos.

O curso de Magistério do Colégio de Educação Familiar do Paraná- Ensino de 2º grau prepara :

- a professora de 1ª a 4ª série do 1º grau
- o ingresso às faculdades
- à exercer a função de Educadora

como Mãe, Professora e Educadora Familiar e Social.(COLÉGIO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ – Anexo 3)

Visando a uma exposição didática da proposta pedagógica da escola, a mesma será analisada em quatro aspectos: a formação religiosa, a formação familiar, a preparação para o curso superior e para o magistério.

3.2.1 Formação Religiosa

Sendo uma escola católica o ensino religioso fez parte da formação das alunas desde o início , a denominação deste ensino obedecia aos fundamentos filosóficos da proposta curricular do estabelecimento. Assim como outras escolas religiosas trabalhavam com um conteúdo curricular, que na sua base perpassa um

⁷ O documento de PUEBLA , México (1979) onde se realizou a III Assembléia Geral da Conferência Episcopal Latino –Americana (CELAM) reafirma o compromisso da igreja com os pobres e com a educação, já estabelecido pelo Concílio Vaticano II (1963) e pelo documento de Medellin (1968 – II CELAM)

modelo de educação católica feminina que foi sendo construído de acordo com um projeto traçado para a mulher em que

O progresso do sentimentalismo religioso no século XIX está em estreita relação com o sentimentalismo familiar : o modelo feminino católico é exclusivamente o de esposa e de mãe. À esposa a igreja pede submissão e espírito de abnegação. Se o mundo é para todos um vale de lágrimas, é o em especial para as mulheres. Os aspectos afetivos – e ainda menos os aspectos sexuais do amor conjugal não são abordados pela púdica literatura católica oitocentista. Um silêncio que se prolonga até as primeiras décadas do século XX. Raramente, e sempre em poucas linhas, se faz referência aos “ deveres conjugais” a que a esposa não pode negar-se, mesmo se para “ praticar a virtude”. O marido é uma dádiva de Deus que conduz a mulher através do sacrifício , a santidade.” (GEORGIO, 1991, p.206)

Este modelo católico de certa forma se mantém no século XX, principalmente até a década de 60, num trabalho sobre um colégio de educação feminina, em um outro contexto LEAL e CUNHA discutem os modelos nos quais a imagem feminina tem se colocado : o de Maria – submissa, abnegada, pura e cândida ou da Eva – leviana, fria, sedutora. Esses modelos de certa forma estão presentes também no processo pedagógico e na organização curricular.

Inicialmente o ensino religioso no Colégio de Educação Familiar fazia parte de uma disciplina denominado de Cultura Religiosa, sendo ministrado em duas aulas por semana; no início dos anos 70 constituiu a disciplina Cristianismo . Com a adequação do Currículo Escolar à Lei 5692 /71 passou a ser Ensino Religioso, e assim permaneceu até o fechamento da escola.

A análise dos relatórios anuais permitiu compreender a preocupação com este ensino, em todos foi registrado as atividades desenvolvidas que constam de estudo da Bíblia numa perspectiva de compreensão e aplicação no cotidiano, de palestras e atividades práticas desenvolvidas através da proposta de assistência social da Escola, além das alunas assistirem a missas todas as primeiras sextas-feiras do

mês e participarem de retiros espirituais ao longo do ano letivo. Citando o RELATÓRIO das ATIVIDADES APOSTÓLICAS DE 1966, este registra que as alunas participaram naquele ano ativamente da campanha da fraternidade coordenadas pela professora regente de classe, da Procissão de Corpus Christi, uma das principais festas religiosas da época. As alunas ainda ministravam aulas de catequese em diferentes locais como Grupo Júlia Wanderley, Colégio Bom Jesus, Escola Maternal Anette Macedo, Dispensário Santa Lúzia.

Durante o ano de 1966 o Colégio realizou ainda diversas programações para divulgação do Concílio Vaticano II, o relatório destaca as reuniões de Pais e Mestres, estudos e palestras a respeito do “Documento sobre educação”. Palestras às alunas sobre o Concílio Ecumênico e seus documentos, realizada por, D. Jerônimo Mazzarotto e a elaboração de uma exposição sobre os documentos do Concílio Vaticano II na comemoração do 25º aniversário da Paroquia de Santa Terezinha.⁸

O relatório de 1972 destaca a adequação da escola a nova legislação, estabelecendo como objetivo geral “Descoberta de Deus em nós ‘ como elemento de auto realização ‘ objetivo integrante da Lei 5692/71” (RELATÓRIO ESCOLAR - 1972). Este ainda destaca a metodologia de trabalho de forma a ministrar um ensino que atendesse a todas as alunas independente de credo religioso conforme a lei determinava.⁹

⁸ A carta Pastoral de D. Manuel D’Elboux, recomenda que “os católicos em outubro promovam atos de piedade, exposições de quadros, murais elucidativos e palestras sobre o concílio.” (Boletim eclesiástico, n.º 38, 1962). Não tendo acesso aos relatórios de 62 á 65 , pelo depoimento das entrevistadas é possível concluir que desde aquele ano eram desenvolvidas estas atividades.

⁹ Estudarm no colégio alunas de outras religiões. Josélia lembrou em sua entrevista de duas ex-alunas evangélicas e Maria de Fátima fez referência a uma colega de família judaica.

Segundo MARIA DE FÁTIMA, esta formação religiosa era bastante ampla e vinha ao encontro de sua expectativa porque lhe permitia questionar e emitir opiniões

Apesar de ser um colégio católico tinha pessoas de vários credos. A formação não era voltada só para o catolicismo. Era mais uma vivência de valores. O interessante é que minhas colegas eram de outras religiões. Às vezes a gente reclamava das aulas, brigava com o padre. [...] ele tinha um pensamento meio radical. Achava que só os católicos iam para o céu que não havia comunidade nas outras religiões. Para mim, que estava numa fase de questionamento, isto chocava. Neste aspecto eu achava negativo, para mim tudo estava integrado. A forma de pensar é que é diferente.

Já CLAUDIA via o ensino religioso como parte do currículo , sem maiores mudanças na vida cotidiana das alunas que muitas vezes tinham outros interesses e a missa era mais uma das atividades pedagógicas.

Nós tínhamos que ir na missa, tinha aula de religião e a gente era quase obrigada a ir, quer dizer não obrigada, mas é que valia nota, fazia parte do currículo. As irmãs estavam sempre preocupadas em nos fazer ir à missa. Houve uma ocasião em que o padre numa missa, a conversa era tanta, a dispersão era tanta que o padre interrompeu a missa e disse que não tinha clima para missa. Tinha uma capela lá dentro muito bonita, e aconteceu até este fato porque estávamos mais interessadas em fofocar, contar novidades, do que prestar atenção na missa, mas havia uma boa orientação religiosa, com aulas, nós podíamos perguntar, questionar, acho que valeu.

O ensino religioso atendia às determinações da Igreja Católica, da legislação, mas mantinha os objetivos próprios da congregação que se manifestavam principalmente na proposta de assistência social desenvolvida pela escola.

3.2.2 A formação familiar e a economia doméstica

A proposta de educação familiar¹⁰ desenvolvida pela escola era em grande parte baseada na proposta educacional norte-americana, várias apostilas utilizadas com as alunas foram elaboradas a partir da tradução de material norte-americano. Inclusive o estabelecimento participou como colaborador no Congresso do Comitê Internacional de Correspondência - Educação Familiar, através de relatório amplamente detalhado sobre as atividades do colégio. Este documento informa que

Educação familiar é um trabalho educativo social, que visa adaptar a família às suas finalidades básicas. Atendendo a este objetivo, a Escola de Educação Familiar do Paraná, diretamente ou através das alunas por ela diplomadas, vem mantendo cursos de “ Aperfeiçoamento do Lar” em diversas entidades particulares, governamentais ou autárquicas.

Possuindo o curso nos moldes dos “ Home-economics” dos Estados Unidos, mas atendendo as dificuldades específicas brasileiras, tem procurado formar as donas de casa atuais e futuras para desempenhar com eficiência sua missão.

Considerando o papel da dona de casa essencial para a construção de uma sociedade estável e equilibrada, pois delas dependerá o aparecimento de personalidades úteis, problemáticas ou nocivas no futuro. No entanto constatamos que pouquíssima atenção tem sido dada a formação específica para o lar mesmo em colégios femininos. A começar do relacionamento humano nas famílias, da psicologia masculina e feminina, de modo dos esposos se tratarem entre si, da educação dos filhos, até as noções práticas de culinária, costura etc. raríssimamente tais ensinamentos são transmitidos às moças. Além de ensiná-lo às suas alunas, em programas formais e completos a escola exige que tais conhecimentos sejam transmitidos em estágios realizados em diferentes obras sociais. (INFORMAÇÃO APRESENTADA AO COMITÊ INTERNACIONAL DE CORRESPONDÊNCIA EDUCAÇÃO FAMILIAR, p.1)

A preocupação com essa formação nos Estados Unidos, na década de 50, contexto marcado pela Guerra Fria vinha ao encontro a uma discussão da época

¹⁰ Diferenciando os termos do título desta sub-unidade é necessário destacar que Educação Familiar é a proposta ampla de formação do curso. Economia Doméstica constitui as disciplinas específicas voltadas para a família e o casamento, como acabou permanecendo na lei orgânica de 1942 e ficou incorporada à proposta do estabelecimento.

que era a da necessidade de manutenção da família, da moral e dos costumes, assim como o retorno da mulher para o lar 'liberando' o mercado de trabalho para a mão-de-obra masculina. Anteriormente a Segunda Guerra a preocupação com o trabalho feminino já era constante. Como afirma Rose-Marie LAGRAVE

São pesados os prós e os contras : por um lado a indústria seria liberta dos subsídios da maternidade, por outro lado haveria que pagar aos homens salários mais elevados. As medidas radicais estão longe de ser evidentes; acaba-se portanto num consenso mínimo : todos os patrões católicos deverão doravante recusar "ocupar" as mães de família. A esta ofensiva falta um pouco de habilidade; é preferível encarregar as mulheres de procederem à sua própria eliminação do mundo do trabalho. Trata-se de opor a retirada passiva o regresso entusiástico e valorizado ao lar. Os instrumentos desta nova política familiarista não escasseiam : inventa-se a mãe educadora, a dona de casa racional e taylorizada, figura de proa da nova economia doméstica. Abrem-se mais escolas e cursos para intensificar a educação doméstica, que se torna altamente burguesa ou populista, para se adaptar às diversas expectativas de classe. Para as classes laboriosas, ela deve ser um meio de luta contra o esbanjamento e um método para fazer maravilhas 'com o que se tem' (1991, p.509)

Nas décadas de 40 e 50 "[...] os discursos familialistas já não constituem receita; entram demasiado em contradição com os interesses do mundo do trabalho e com as aspirações de ascensão social que as mutações estruturais tornam doravante possível. Aquela tentativa temerária não impede as mulheres de se manterem no mundo do trabalho." (LAGRAVE,1991, p.509), porém esta manutenção ou abertura para o mundo do trabalho é realizada como "emancipação tutelada", ou seja a mulher vai permanecer ou adentrar ao mundo do trabalho nas áreas feminizadas : " a escola quer-se emancipadora quando ela é conservadora, no sentido que inventa novas áreas que, ao abrigo de uma diversificação dos saberes, 'instauram' opções destinadas a manter o afastamento das diferenças entre rapazes e raparigas. "(LAGRAVE, 1991, p.523)

A escola assim como as demais instituições neste contexto tinha como papel orientar e formar a família, visto que esta atua na sociedade modificando-a . Como é possível perceber na Conferência de Economia Doméstica realizada em 1955 “O objetivo da economia doméstica no círculo das relações humanas é ajudar as pessoas a se entenderem e a se apreciarem em suas relações em sociedade. Ela aspira ajudá-lo a agirem da melhor maneira possível como membros de famílias, como colegas na escola e como adultos na sociedade. “ (GOBLE, Eva. OBJETIVOS DE UMA ECONOMIA DOMÉSTICA. Trad: Josélia Amorim. 1955. p. 1)

Por outro lado o documento descreve ainda a preocupação com a aplicação dos conhecimentos teóricos na realização das atividades dentro da família.

A Economia doméstica é uma área da educação aplicada e deve necessariamente incluir disciplinas científicas. Se uma Economia Doméstica vai adaptar e interpretar a ciência, ela deve necessariamente ter um conhecimento dela Para adaptar os princípios da Química a nutrição, uma pessoa deve entender alguma coisa da mesma, mas, não será necessário ser um especialista em química. Para relacionar os fatos da bacteriologia, com o saneamento e saúde da família, não precisa ser bacteriologista mas deve entender princípios de bacteriologia. Precisa também saber apreciar cores e desenhar sem ser necessariamente um artista. (GOBLE, p.1)

No depoimento de Berta é possível perceber esta relação

No trabalho de Administração do lar incluía tudo do lar, de casa, desde limpeza do chão, parede, tudo. Tinha prática e teórica. Na teoria doméstica entrava até contabilidade doméstica, enxoval de noiva, enfim, tudo o que uma moça precisava para se preparar para o lar. [...] No primeiro ano era noção, o básico, arrozinho, feijão. Tudo que é simplesinho. Segundo ano já especializava, salgadinho, doces bolos. Na Indústria caseira, tudo que se relaciona com frutas, cervejas, aproveitamento de coisas, compotas, vidros de compotas. [...] E elas tinham que fazer um prato bem feito, bonito e com o valor nutricional balanceado. A função da culinária era para aprender a fazer pratos com um equilíbrio entre beleza, valor nutritivo e apetitoso é claro.

Josélia relata também a relação entre a teoria e a prática, bem como a transmissão social dos conhecimentos aprendidos explicitando a função da formação para o lar ministrada pela escola

Formar boas donas de casa e além disso formar pessoas para ajudar outras pessoas a serem boas donas de casa também, principalmente as mães. Por isso é que havia o estágio, porque não se lecionava só a parte de culinária, costura, mas também a parte moral de orientação da vida no lar, de educação familiar, de educação dos filhos. Quando era um estágio com senhoras mais pobres se davam as orientações junto. Quer dizer não sei se falavam mas o princípio era este. Enquanto se faziam o bordado, os trabalhos manuais se dava orientação moral para a vida familiar e se discutiam os casos os problemas familiares das senhoras, e aí elas se orientavam lá na escola, para poderem dar uma resposta em casos mais sérios.

Esta proposta de atuação baseada na visão norte americana-proporcionou a realização de eventos de nível estadual para promover divulgação da formação familiar e da preparação para o lar. Em Curitiba foi realizada em 1957 a Primeira Semana de Educação Familiar do Paraná, com a colaboração de norte-americanos, através do Escritório Técnico de Agricultura (ETA) noticiada pela imprensa local como

A 1ª semana de educação familiar é a continuação de um movimento que se vem realizando em todo o Brasil através de curso e congressos como os de São Paulo e Porto Alegre conta com o apoio e interesse de personalidades as mais expressivas do nosso estado. Visa a despertar o interesse da mulher paranaense pelo lar dando a conhecer o que se pode realizar:

- a) na educação moral espiritual e física dos filhos.
- b) no conforto e decoração da casa
- c) com o conhecimento de princípios racionais de alimentos e culinária
- d) na economia caseira, vestuário, etc.

A Semana pede a contribuição de todos os paranaenses a fim de que se possa realizar um trabalho fecundo para melhorar o nível de vida familiar brasileira.

(O ESTADO DO PARANÁ, 23/08/57)

A programação da semana foi composta por conferências, palestras públicas e exposições relativas ao tema. Foi aberta com a conferência ministrada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado e a sessão de encerramento foi com a Palestra de Bento Munhoz da Rocha Neto.¹¹

Diferentes documentos demonstram a participação de Josélia Amorim em outros eventos deste nível realizados em outros estados, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, nos quais a escola participou como colaboradora.

A preocupação com a formação familiar não era específica desta congregação religiosa, mas de um contexto político nacional influenciado pela postura norte-americana. Lembrando que nos Estados Unidos no início da década de 40 apenas 14% das mulheres casadas trabalhavam fora, este índice cresceu significativamente chegando a 50% na década de 80. Na década de 40 este crescimento se deu devido as necessidades dos tempos da guerra, porém aos poucos esta “necessidade” provocou transformações sociais que segundo Eric HOBBSAWM “[...]nas décadas de 40 e 50 a própria demanda para romper a esfera doméstica e entrar no mercado de trabalho tinha entre as mulheres casadas prósperas e educadas da classe média uma forte carga ideológica que não tinha para as outras, pois suas motivações nestes ambientes raramente eram econômicas.” (1995, p. 312) Esta ocupação do mercado pela mulher, as mudanças estruturais na família fizeram com que a sociedade norte-americana se preocupasse com a educação feminina e com a garantia de uma formação que permitisse o acesso ao trabalho, mas há um trabalho

¹¹ A Imprensa deu destaque a personalidades que participaram da semana como o arcebispo metropolitano, o governador do Estado e senhora, comandante da 5ª região militar e senhora, presidente do Tribunal de Justiça e senhora, Secretário de Educação e Cultura, Diretora da Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro. (GAZETA DO POVO, 25/08/ 1957)

“ próprio para a mulher” aqui, pode-se justificar a criação dos cursos de magistério aliado à educação para o lar que no Brasil estiveram a cargo de congregações religiosas.

Voltando ao relato da formação para o lar no Colégio de Educação Familiar, este que começará como uma escola preparatória para o casamento adequou-se às necessidades de formação da mulher num contexto mais amplo, no qual o curso de magistério vai contribuir para formar uma mulher melhor preparada para exercer às funções femininas e também para se inserir no mercado de trabalho caso as alunas tivessem esta aspiração.

Após a implantação do magistério a parte de formação familiar foi estabelecida no currículo da escola através das seguintes matérias : Molde e costura, Nutrição e Culinária, Puericultura, Enfermagem, Decoração de Ambientes, Trabalhos Manuais e Educação familiar e Didática Especial.¹² Com a necessidade de reorganização curricular após a lei 5.692/71 a formação familiar passa a compor a parte diversificada e as matérias são : Educação Familiar, Nutrição e Dietética, Arte Culinária, Corte e Costura ; a Didática Especial é incorporada a Didática Geral (disciplina específica da formação para o Magistério)

Os conteúdos trabalhados na disciplina de Educação Familiar envolviam círculos de estudos sobre temas específicos como : A educação da mulher, a mulher como educadora, qualidades de futuro cônjuge, o casamento, o divórcio, atração sexual , a escolha do companheiro, o plano divino da reprodução, a castidade, problemas sobre a conduta da mulher, direitos da criança e diversos outros

¹² A Didática Especial tinha por finalidade preparar as alunas para a atuação no estágio social que será abordado no item 3.3.

referentes à criança. Os temas eram trabalhados a partir de material elaborado pela escola ou baseado em referencial teórico da época . Foi possível analisar um dos livros utilizados Economia Doméstica no Ensino Secundário¹³, o livro contém desde o programas de conteúdos específicos para cada disciplina que eram quatro: Alimentação e Nutrição, Saúde e Puericultura, Vestuários e Têxteis e o Lar; até todo o material , equipamento e mesmo a planta de como deveria ser organizado cada laboratório para ensino das referidas disciplinas.

Na disciplina o lar, são propostos conteúdos que vão desde a importância do lar, forma de limpeza, organização, cores, mobiliário etc. ou seja era uma formação voltada especificamente para a preparação de uma mulher que se dedicasse exclusivamente a família e a manutenção da casa. Assim as demais disciplinas com as suas especificidades.

Da mesma forma o programa da Escola da Felicidade americana:

O programa desta escola de esposas contém este curso: dona de casa, enfermeira, cozinheira, mulher elegante, ação social, mãe e esposa. Durante os quatro anos que duram estes cursos as alunas aprendem a cozinhar, costurar, higiene, decoração de interior, modo de comprar as coisas necessárias para a casa, desde os legumes até os móveis , quadros e objetos de arte; aprende também como organizar o orçamento doméstico, de acordo com as rendas do casal; arte de conversar com os convidados e com o futuro marido. (O ESTADO DO PARANÁ , 15/11/1952)

Outros materiais utilizados pelos professores demonstram inclusive com gravuras as posições corretas para realizar trabalhos domésticos evitando desperdiçar energia . Como realizar a limpeza de um ambiente partindo sempre de um centro , a organização e conservação de cada ambiente de uma casa, dicas de

¹³ Elaborado por Mary Louise Foster da Universidade de Pardue, assessora da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) Viçosa. Escrito em colaboração com a escola Superior de Ciências Domésticas, Escritório Técnico de Agricultura, Agriculture and Rural Development, USAID.

limpeza : couro, mármore, prata, tapete, vassouras, etc, dicas para facilitar problemas como : descascar cebolas, passar gravatas, “ salvar “ comida queimada, a importância e a realização de trabalhos manuais.

Com o tempo os professores das disciplinas referentes a Educação Familiar foram desenvolvendo inclusive uma didática de trabalho que permitia uma interação com as disciplinas do magistério. De acordo com ADELAIDE

“a parte didática do Magistério colaborou muito com as professoras de economia doméstica, porque elas passaram a adotar estas táticas de acordo com a parte didática da metodologia que facilitava a transmissão do conteúdo. Então mesmo na parte de Economia doméstica havia o objetivo de como facilitar a transmissão, a motivação e a assimilação de conteúdos para aprenderem com mais facilidade. “

FLORECITA confirma que ocorreram mudanças na sua disciplina de acordo com a necessidade de planejar o trabalho desenvolvendo técnicas de ensino

No começo era uma coisa meio informal, já havia método, mas era muito indeterminado, quase que as meninas escolhiam o que iam fazer, sabe aquele tipo de coisa mais comum. A sala de costura fazia parte da escola, então eu sei que Josélia foi estudando uma maneira de tornar o curso mais determinado [...] foi criada a didática de cada matéria, eu criei a minha, da costura e ai ficou uma coisa mais séria, o ensino era para a classe e não particular, eu peguei bem este começo da mudança, a gente dava aulas em salas bem grande, distribuimos as alunas em volta da mesa, dávamos uma parte teórica e depois a aula prática da confecção. A Josélia pediu que eu escrevesse como deveria ser, para criar a didática, então se mostrava a peça pronta e depois as partes separadas, até os detalhes, bolso, cinto, enfim qualquer coisa que fizesse parte da peça depois então os moldes seria em ordem do primeiro o molde inteiro é claro depois como se fazia para tirar o molde era no quadro negro ou então em álbum seriado. Então era mostrado o modelo e as alunas iam fazendo juntas.

As alunas em geral eram de classes economicamente privilegiadas, havia porém alunas bolsistas e cursos destinados a noivas no período da tarde e às empregadas domésticas realizados no período noturno que abrangia os mesmos

conteúdos das disciplinas práticas de educação familiar das turmas regulares do curso de Magistério.¹⁴ Por se tratar de uma elite muitas alunas não viam a necessidade daquele aprendizado. Irmã BERTA conta que “Elas diziam que sempre teriam empregada. E eu dizia que ‘quem não sabe fazer, não sabe mandar’ [...]” Esta frase é relembada por praticamente todas as entrevistadas. CLAUDIA afirma que

E na parte de culinária tinha nota por limpeza da pia, do chão, do fogão tudo isso nos tínhamos que aprender. Tinha que deixar a sala como encontrou, tinha que arear panela e mostrar para a professora. Ela é que determinava se estava bom ou não. E no final quem não tivesse atingido os objetivos tinha recuperação tanto na culinária quanto em corte e costura. E a professora sempre dizia que para ser uma boa dona de casa não adiantava ter empregada, tinha que ‘saber fazer para, saber mandar e saber ensinar’. E eu realmente até hoje desde que eu casei, eu só tive duas empregadas. Sou casada a 12 anos e sempre soube mandar, coordenar isso por ter aprendido bem.

Quanto à parte de formação familiar mesmo questionando algumas práticas, as alunas elogiam e reconhecem o trabalho da escola

A escola foi decisiva, eu tenho meus livros de receita do Educação Familiar completos que eu uso até hoje. Era tudo muito organizado. A cozinha da escola era enorme, muito limpa equipada com todo tipo de mantimentos, de utensílios. Era a aula que eu mais gostava, era muito eficiente. Foi um ensino realmente consistente, ali a gente aprendia mesmo a cozinhar. Agora a costura eu não suportava e não suporte até hoje. Fui suspensa da escola por conta da Florecita porque eu aprontei na aula de costura, porque eu não gostava de fazer aquilo. Eu era irreverente, e me lembro de fazer de má vontade, mas me lembro impressionante que nos costurávamos nossas camisolas. Costurava mesmo, a aula ensinava tudo, a cortar, alinhar fazer ponto cruz e colocar botão, eu até pouco tempo tinha guardado todo esse material, um capricho enorme, ensinava a pregar zíper embutido eu tinha até há pouco tempo as apostilas que ensinavam a pregar zíper embutido, depois joguei fora, não tinha mais sentido guardar aquilo de 50 anos atrás. Mas eu aprendi. Eu me lembro das aulas de educação artística ai era mais voltado para o estágio,

¹⁴ Os cursos destinados às empregadas domésticas tinham como objetivo a qualificação profissional, mas com o mesmo conteúdo que as alunas regulares do colégio aprendiam nas disciplinas práticas de culinária e de corte e costura além das atividades específicas como limpeza e arrumação da casa; portanto as alunas do curso Normal Magistério aprendiam para “saber fazer” (garantia da autonomia da dona de casa) ou “saber mandar” (autonomia da patroa), as empregadas tinham que “saber fazer”, aquelas atividades de acordo com a solicitação das patroas.

pegávamos a lata de leite condensado, cobríamos com feltro colocávamos orelhinhas de cartolina pintávamos um coelhinho para dar de presente para as crianças, dia dos pais, das mães, lembrancinhas etc. tinha apostilas inteiras com as lembrancinhas que poderíamos fazer. Nas aulas de puericultura eram levadas banheiras para dar banho no bebê, vários bebês, ensinavam como segurar para a criança não se afogar como levantar o bumbum, como lavar o meio das pernas, como lavar as orelhas sem entrar água, como secar para não deixar provocar assadura como passar pomada, que tipo de pomada passar e assim por diante, como punha a fralda, a gente aprendia tudo eu aprendi na escola, neste aspecto era muito forte eu diria que a formação para o lar foi muito mais consistente do que para o magistério. (Elisa)

Ao final da terceira série as alunas preparavam um almoço para pessoas convidadas, as quais também participavam da avaliação, caso não atingissem a nota necessária deveriam repetir o almoço. A avaliação era dividida em três partes em que era considerado:

- I – 1) Organização do cardápio.
- 2) Confeção e sabor dos alimentos.
- A nota será até 5.
- II – 1) Apresentação, modo de servir, modo de receber e de orientar a conversa à mesa.
- A nota será até 2,5;
- Estas notas são dadas pelo observador.
- III – 1) Elaboração dos alimentos.
- 2) Ordem na cozinha.
- 3) Ordem na sala de jantar após o almoço.
- A nota será 2,5 e será dada pela professora de culinária.
- (NORMAS PARA A AVALIAÇÃO DOS ALMOÇOS DO 3º ANO)

Esta formação de educação familiar era específica para o casamento e para a formação da Educadora Familiar, tarefa vista como primordial para a mulher, mas que também perpassava a formação para o curso de Magistério.

Quanto a formação de Educadora Familiar, na década de 50 houve um movimento para reconhecimento da profissão, a escola criou inclusive O Código de Ética da Educadora Familiar, neste é estabelecido como dever fundamental no seu parágrafo 1º “Cumprir os compromissos assumidos, respeitando a lei de Deus, os

direitos naturais dos homens, inspirando-se sempre em todos os seus atos profissionais, no bem comum e nos dispositivos da lei, tendo em mente o juramento prestado diante do testemunho de Deus.” (p.1). Na década de 60 e 70 a profissão era mantida por diversas instituições públicas, nas quais as alunas do Colégio de Educação Familiar atuavam.

3.2.3 A Formação para o Magistério

A implantação do curso de magistério na escola começou pela iniciativa de sua diretora que acompanhando o contexto da cidade percebeu que o Magistério vinha atender aos anseios da camada social que freqüentava a escola. A escola era exclusiva de formação feminina e o Magistério era entendido como curso adequado a mulher que quisesse ter um trabalho além do lar. Segundo Michael APLE “ [...] o conceito de feminilidade idealizado para as mulheres da classe média se centrava na imagem da ‘ esposa e mãe perfeita’ . “ (1988, p.20) Mesmo para as poucas mulheres que desde o início do curso secundário procuravam uma formação destinada ao curso superior o magistério era recomendado pelas famílias. Ninon Puppi, professora do estabelecimento cursou universidade no início dos anos 50 demonstra no seu depoimento

Eu sempre quis fazer Psicologia. Quando eu entrei na Federal eu fiz Pedagogia porque na época ainda não existia o curso de Psicologia, que só começou bem depois quando eu estava na metade da faculdade de Pedagogia. Mas eu sempre estudei muito o conteúdo de psicologia, porque eu achava fundamental. [...] E eu senti dificuldades no estágio porque fui direto para pedagogia. Meu pai queria que eu fizesse o normal e o científico ao mesmo tempo, mas eu achava que era muita coisa, depois me arrependi, vi a falta que fez.

O magistério era uma opção aceita pelas famílias como demonstram estes depoimentos

Eu acho que atendeu principalmente às expectativas da minha família, porque desde a primeira série eu já comecei a atuar como estagiária no 'O Meu Cantinho' que era a escola de mais nome que tinha na época, era uma pré escola que atendia crianças da classe A . E a escola dava preferência para professoras que tinham se formado no "caça". Então minha mãe estava assim super satisfeita porque desde o primeiro ano eu estava trabalhando, não pela parte financeira mas por mim, por eu estar convivendo num ambiente super-bom. (Claudia)

Segundo Claudia a formação para o magistério oferecida pela escola

Foi ótima, nos fazíamos bastante estágio e nos fazíamos estágio tanto em escola pública quanto particular, em clube de mães, em posto de saúde. No primeiro ano já comecei como auxiliar e quando eu me formei já tinha trabalho. E nos éramos muito requisitadas para trabalhar assim com jardim, com pré escola.

Para ALBANIZE a escola atendeu suas expectativas, pois ela " pretendia seguir a carreira dentro da educação e as aulas práticas eram maravilhosas. "

THAIS fez a escolha pelo magistério contra a vontade paterna , mas com o apoio da mãe. "Na família da minha mãe todas são professoras. Então minha mãe não opinou, você vai fazer o que você quiser. Quando eu disse eu quero ser professora. Ela falou : - Então você vai ser professora. Eu sou a única, a minha irmã não tem magistério." Ela relata a formação recebida comparando com a formação atual

Melhor do que hoje com certeza. Era dado ênfase, você aprendia a trabalhar tanto com escola pública como com a particular. Eu atendo hoje enquanto supervisora, alunas estagiárias do magistério. Eu tenho que ensinar a confeccionar um cartaz, eu tenho que ensinar a escrever no stencil. Elas não sabem nem fazer um plano de aula. Então eu digo, eu fui felizada por ter passado por lá. Era gente muito preparada. Era gente especial com qualidade mesmo. [...]

Eu comecei a atuar no último ano numa escola particular, depois eu fui para a Secretária de Educação trabalhar com o magistério. Fiz concurso na prefeitura em 80 e entrei no Bom Jesus. Depois eu acabei saindo do Bom Jesus e fiquei só com a prefeitura. Então me sentia pronta preparada para dar aula e hoje não, as alunas

saem do quarto ano do magistério totalmente cruas. Lá não, claro que tinha prova, aquela coisa a gente não gostava, aluno nenhum, nesta idade gosta.

ELISA entrou no Colégio com uma opção clara pelo magistério, motivada por uma convivência familiar “ Minha mãe era professora, minhas irmãs eram professoras. Eu convivia com escola, até substituía minha irmã quando ela faltava, quando faltavam outros professores, eu já tinha familiaridade com o magistério.” Porém ela faz uma análise bastante crítica da formação recebida ali

Nós tínhamos uma boa orientação, bons professores de Didática, de Fundamentos, ainda que a escola tivesse feito um grande esforço. Nós éramos terríveis, estudávamos pouco, nós não estávamos preocupadas com a formação, nós nos preocupávamos era com o namorado, com outras coisas. Nós tínhamos bons professores e na medida do possível tivemos um bom aproveitamento. E na questão dos estágios que foi muito importante, quando você entra na sala de aula é que mergulha na realidade, para mim não foi a primeira experiência, pois como minhas irmãs eram professoras de escolas públicas eu já tinha ido muitas vezes com elas, já ajudava a apagar o quadro, a corrigir caderno a passar coisas no quadro. Pra mim não foi o primeiro contato, mas para muitas foi, mas ainda o que acontecia no estágio nos tínhamos um enfoque de ficar fazendo pirulitinho para as crianças, nós escolhíamos um tema - o circo por exemplo e decorávamos a sala toda como se fosse uma festa de aniversário, isto ainda era reforçado pelos professores da escola. Nós não tínhamos uma discussão, uma preocupação com a escola pública, com as gerações. Éramos, eu volto a palavra alienadas, fomos formadas para sermos professoras carinhosas, compreensivas, amiga das crianças, afetiva, esta era a concepção.

Num depoimento de Josélia Amorim , discutindo a implantação do curso de magistério pela escola é possível perceber a referência a esta visão do papel da professora “ A obra não mudou os seus objetivos iniciais, apenas os ampliou, de acordo com a vocação atual da mulher para a vida dentro e fora do lar. Assim, dá a ela a possibilidades de além de ser uma dona de casa, seguir um curso superior ou a carreira do Magistério, que muito se coaduna com as suas inclinações femininas.” (AVALIAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR – set 1967)

No Relatório de pesquisa já citado LEAL e CUNHA afirmam que “o trabalho, a profissão da mulher não são encarados como algo que, da mesma forma que para o homem, deve visar a sua realização pessoal.” (1991, p.57), mas que há discurso social de valorização do trabalho feminino apenas quando este vem ao encontro de papéis previamente determinados como o de professora ou enfermeira, profissões, nas quais são manifestadas “qualidades femininas” tais como renúncia, abnegação, carinho e dedicação. Esta naturalização do papel da mulher como mãe e como professora foi reforçada pela Igreja :

[...] o discurso à Juventude Feminina da Ação Católica “, proferido pelo Papa Pio XII, em 1843 : Pio XII destina a mulher à maternidade; tudo que lhe for permitido fazer além de ser mãe é secundário e conserva sempre o caráter de atividade complementar das atividades masculinas. É como mãe e como esposa que ela poderá realizar-se na Terra assim como, somente como mãe ela salvará sua alma do terrível pecado que pesa sobre seu destino. (SAFFIOTI, apud : LEAL e CUNHA, 1991, p.57)

Quanto ao magistério este é considerado uma “ extensão de uma atividade que já ocorria dentro de casa, uma forma de maternagem simbólica”. (CUNHA, 1999, p.97).

De acordo com ELISA a concepção de ensino trabalhada, o currículo e a própria estrutura da escola ajudavam a construir a formação profissional no padrão da “ tia”,¹⁵ ou seja ajudavam a reforçar a maternagem simbólica. Jane Soares de ALMEIDA tendo entrevistado professoras primárias formadas na década de 50 afirma que

¹⁵ Comparando o relato de Elisa com o das demais entrevistadas percebe-se, que ela tendo seguido a carreira na universidade e trabalhando com a formação de professores faz uma leitura crítica de sua própria formação a partir do referencial teórico crítico construído na universidade.

Quanto a questão da maternidade inserida no magistério feminino, as professoras ao acatar a feminilidade, incorporam seus atributos, mas rejeitam a idéia da desigualdade. Consideram que as mulheres tem uma determinada maneira de ser que as faz diferentes, mas nem por isso seus direitos devem ser desiguais, o que atualmente, configura-se como um dos princípios básicos dos estudos de gênero e da crítica feminista mundial: a igualdade na diferença. Ter filhos e constituir família são desejos inerentes a todos os seres humanos, com raras exceções, sejam eles homens ou mulheres, e explicitar esse desejo não é motivo de vergonha; concordar que muitas vezes eles interferem no trabalho, também é uma realidade. Por que então não concordar com as professoras quando imputam ao magistério os atributos de afetividade? As mulheres pelos papéis sociais que inexoravelmente desempenham, o cerceamento de suas vidas e seus desejos nas relações que estabelecem entre os sexos, acabam por realizar escolhas que não conflitam com as estruturas de poder e as questões afetivas com as quais convivem cotidianamente. (ALMEIDA, 1998, p.212)

Acredita-se que pela discussão pedagógica desenvolvida na escola este referencial da formação da “tia” questionado por ELISA, mas resgatado por ALMEIDA, não era claro para os professores ou mesmo para a equipe pedagógica. O currículo¹⁶ escolar segundo o Regimento Escolar propunha

Art.62 - Os métodos didáticos adotados pela escola, visarão a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento do raciocínio, do julgamento e do desabrochar das aptidões pessoais do aluno [...]

§ único a escola adotará de preferência o ensino por unidades didáticas e o estudo dirigido, permanecendo atenta às inovações pedagógicas.

Art. 64 – As práticas educativas constituem parte essencial do currículo, correspondendo ao ideal pedagógico de equilíbrio entre o trabalho intelectual e as atividades da vida. A Escola por ser para o sexo feminino, mantém de preferência aquelas relacionadas à Educação familiar. (REGIMENTO INTERNO DA ESCOLA NORMAL)

¹⁶ O currículo do curso do Magistério do estabelecimento acompanhou as sugestões propostas na legislação vigente. Década de 60 e início de 70: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Geografia Geral, História Geral, OSPB, Matemática, Estatística, Ciências Físicas e Biológicas, Educação moral e Cívica, Educação artística, Educação Física, Programa de Saúde, Didática, Fundamentos da Educação, Legislação e organização do Primeiro grau. Após a reformulação exigida pela lei 5692/71 passou a ser composto de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Inglês, Geografia, História, OSPB, Matemática, Física, Química, Biologia, Educação Moral e Cívica, Educação Artística, Educação Física, Programa de Saúde, Ensino Religioso, Didática Geral e Especial, Biologia Educacional, Psicologia Geral e Social, Psicologia do desenvolvimento, da Aprendizagem, Sociologia da educação, Filosofia da Educação, História da Educação Estrutura e Funcionamento 1º grau, Didática da Comunicação e Expressão, Didática da Matemática, Didática da Integração Social, Didática das Ciências Naturais, História do Paraná e Geografia do Paraná.

Percebe-se que a preocupação com a relação cotidiana trabalhada está presente nos materiais didáticos. Uma das apostilas analisadas de Educação familiar intitulada *Culinária em Parque Infantil* propõe

Atividades de culinária ajudam a dar a pré - escolares confiança em si próprio e senso de orgulho, servem de canal para iniciá-los em nutrição e alimentação, bem como para transmitir-lhes habilidades escolares básicas como matemática e vocabulário. A culinária [...] é uma experiência feliz para crianças e professores. Por outro lado a participação ocasional dos pais é de grande significado para as crianças que tem orgulho e satisfação em mostrar sua capacidade para proverem uma necessidade básica e reconhecida – a alimentação. (APOSTILA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR - 3º ano s/d, p.1)

O material sugere diferentes formas de trabalhar conceitos, noções e conteúdos a partir de atividades culinárias . Ou seja é uma proposta de atividade interdisciplinar que utilizava os conhecimentos da parte de formação para o lar para ser trabalhado também pelo magistério. Outra apostila sobre técnica de ensino e participação trabalha por passos desde a definição de objetivos, o planejamento a execução e avaliação de uma atividade.¹⁷ O material encerra com uma palavra de ordem às professoras : “ Se o aluno não aprendeu é porque o professor não soube ensinar.”

Para PERRENOUD

[...] a formação nunca se limita aos momentos explicitamente designados como tal. A formação é constantemente consolidada ou pelo contrário enfraquecida pelos feedbacks que o professor recebe no dia a dia. Cada vez que a sua fidelidade à formação recebida lhe causa aborrecimento, complicações administrativas ou o coloca em situações difíceis de resolver, põe em causa a sua credibilidade. Cada vez que práticas estranhas ao espírito ou a letra da formação recebida o fazem ser aceitos pelos colegas, felicitando sua autoridade ou apreciado pelos pais, a mensagem da formação é enfraquecida. Os resultados são evidentes. *Uma política da formação,*

¹⁷ Este material especificamente é numa proposta tecnicista.

para ser consequente, deve ter em conta o conjunto das mensagens que os professores recebem. (PERRENOUD, 1993, p. 103)

A escola tinha uma preocupação com a qualidade do trabalho dos professores, principalmente os do magistério. Todo o início de ano eram feitos cursos de atualização, inclusive com profissionais vindos de fora o que repercutia na prática dos professores. Sobre esta prática tem-se os seguintes relatos :

Ah! mudou muito neste tempo todo, no início eram as aulas expositivas, mas depois mudamos muito, eram trabalhos em grupo, trabalhos em equipe, discussões que elas apresentavam, a minha matéria dava muita chance e o que era possível a gente fazia. Visitas fora, já não fazíamos não dava muito, porque elas já tinham os estágios. Mas a gente fazia muito trabalho e elas davam as aulas, quer dizer aula mesmo, a gente fala aula mas eram apresentações de trabalho, elas que falavam, eu acho que a gente fazia de toda forma, oralmente, discussões, por escrito, arguições. Tudo o que a gente sabia. No início do ano a gente fazia reciclagem e tudo o que aprendíamos colocávamos em prática. Naquele tempo na faculdade a gente acabava não aprendendo muito, tinha uma base, mas o que eu fui aprender mesmo foi na prática, foi dando aula, aí que fui estudar mesmo. (Ninon)

Porque aquilo era uma equipe que queria trabalhar em conjunto, ninguém estava cobrando de ninguém por cobrar, mas querendo um trabalho como resultado, os professores sentiam que aquele planejamento estava direcionando o seu trabalho, o seu plano de curso, a sua disciplina e, mesmo, seu plano de aula, buscando os recursos. Nós procurávamos então ter os recursos que eles sugeriam, todos os equipamentos necessários, projetor de transparências e outros equipamentos que precisavam para facilitar a realização daqueles objetivos que ele colocava nos seus planos de curso e como isso foi ajudando o professor foi sentindo que ele não fazia por fazer, mas que ele fazia para obter um resultado e aquilo foi se tornando satisfatório pra ele, as aulas foram ficando mais motivadas, mais interessantes e as alunas gostavam mais, tinham mais atenção, mais dedicação. E tudo isso deu um resultado melhor ao trabalho em conjunto de toda equipe da escola. [...]

A escola exigia um planejamento integrado. Inclusive nós criamos na supervisão pedagógica num entrosamento entre as disciplinas, todas as disciplinas correlacionadas, então nós procurávamos fazer, por exemplo, que a aula de história, uma de educação artística, uma de português e além de tudo integrado com as disciplinas de educação doméstica. Então a preocupação era fazer um planejamento integrado entre as matérias usando elementos de todas para integrar. Por exemplo se você fosse dar aula de história da educação, você usava elementos de história, elementos relacionados com matemática, com português. Em Português usava também os recursos e os elementos da História, os fatos históricos dentro de suas aulas, nas redações, enfim dentro de assuntos dos temas que eram tratados em

literatura. [...]Tudo isso fazia com que a escola fosse muito ativa, muito atuante, muito dinâmica. (Adelaide)

Eloah cuidava da parte de orientação educativa e a D. Adelaide Maria Souza, da parte de educação pedagógica. Nós tínhamos reuniões mensais com os professores para estudar os novos métodos de pedagogia. Nós estudávamos a avaliação, discutíamos a avaliação, dava muito trabalho, naquele tempo surgiram novas formas de avaliação, que não era só dar nota em prova, mas avaliar o aluno em texto tudo isso a gente estudava, fazia sessão uma semana de estudo com os professores antes das aulas começarem. Todos os métodos, mais modernos eram apresentados. Então com isso eu acho que a escola evoluiu bastante. (Josélia)

Percebe-se que a preocupação com o preparo das alunas para atuarem como professora era bastante exigido. As alunas só eram aprovadas se realmente tivessem domínio do conteúdo , de acordo com NINOM

A gente procurava exigir bastante, até tinha algumas alunas que não queriam cobranças, que ficavam revoltadas que queriam nota mais fácil, eu na minha matéria sempre exigí. Eu corrigia tudo, até os erros de Português, claro que eu não descontava nota, mas que eu anotava tudo, anotava, porque claro que uma professora tem que sair sabendo fazendo tudo muito bem, principalmente escrever.

Durante os três anos do curso de magistério eram realizados estágios em escolas públicas e particulares

As alunas iam dar aulas nos grupos escolares nas escolas primárias nos tínhamos professores que acompanhavam as alunas nestes locais e acompanhavam as aulas para ver como foi o comportamento delas? Como se saíram? Inclusive tinha fichas didáticas nas quais anotavam as dificuldades e conversavam com as alunas para melhorar. Então eram 3 professores que faziam a parte de prática de ensino; o primeiro acompanhava as alunas de primeiro ano, quando elas ainda não tinham muita atuação iam para escola conhecer e observar aulas, mais para adquirir conhecimentos. No segundo ano elas ainda faziam uma parte de observação e as vezes já tinham atuação em 1 ou 2 aulas. E no terceiro ano já era totalmente prático, desde o início do ano elas já tinham a prática de ensino como uma disciplina que elas tinham que cumprir atuando como professora mesmo, que elas iam ser avaliadas no final do ano e receber o título de professoras. O terceiro ano principalmente que estavam terminando o Magistério que elas tinham que dar aula com material e recursos didáticos e tudo muito bem, porque elas tinham que assumir uma sala pôr uns momentos, alguns dias para fazer o seu teste como professora, atuando já. Elas

tinham muito trabalho porque era tudo com motivação destacada, com recursos destacados, que elas usavam nas aulas e nos fazíamos exposição destes trabalhos para dar um sentido para elas também . O valor não só pelo que usavam na escola onde elas tinham atuado, mas para que houvesse uma exposição para todos os professores, a equipe da escola e mesmo para os pais que viessem conhecer estes trabalhos, que elas faziam na parte de didática e na regência atuando com os alunos que era a prova final da preparação delas. (Adelaide)

Na opinião de ADELAIDE a classe social das alunas facilitava a realização dos estágios,

E nós fomos muito felizes porque problemas de recurso aquelas alunas não tinham. E também não usávamos estes recursos a mais que elas tinham para fazer exibicionismo, mas sim para fazer um material que pudesse ficar na escola e que a escola pudesse usar. Elas até presenteavam as escolas. Mas também tinham que fazer os recursos mais simples , porque se fossem trabalhar em escolas mais simples. Quem sabia no futuro onde elas iam trabalhar, muitas ficavam no magistério até por vocação então tinham que usar recursos da realidade, elas faziam aquilo muito bem feito e com muito capricho, até os maridos, namorados ajudavam a fazer cartazes transparências, álbuns seriados. Acabava envolvendo toda a família para a aluna dar conta de cumprir o que elas precisavam para o estágio. A gente fazia o mais real possível. (Adelaide)

Para PERRENOUD, “ mesmo em situações privilegiadas, o problema principal continua a ser o da teoria da prática, o qual está na base do currículo de formação de professores.” (1993, p.105) Como já foi citado em depoimento anterior de ELISA esta elaboração de material não contemplava a realidade das escolas públicas em geral. Ela após formada começou a atuar em escola particular, na qual teve várias facilidades por vir de família onde todas eram professores e ter sempre convivido no meio escolar. Quando foi atuar na escola pública três anos depois é que percebeu as dificuldades, numa escola de periferia, com quarenta alunos, muitos com dificuldades emocionais e de aprendizagem

Embora no Educação Familiar a gente já fizesse estágio em escola publica, mas veja em que escolas publicas nos fazíamos, Tia Paula que é uma escola que hoje é aqui no Batel que nunca foi uma escola de crianças carentes, tinha todo o tipo de crianças,

mas não como o que eu peguei depois numa escola de periferia. Tia Paula era muito mais central. E o Xavier que também é uma escola ali perto da Universidade, ali era mais pobre, mas uma pobreza relativa do centro da cidade. (Elisa)

Em relação a este depoimento de ELISA é necessário analisar que na década de 70 Curitiba ainda não apresentava o crescimento atual em que as camadas miseráveis se concentravam em maior número na periferia , distante do centro da cidade e citando novamente PERRENOUD, retomar que ele aponta em relação à prática de ensino que a escola de formação de professores não tem como prever todas as situações com as quais o futuro profissional vai se defrontar, que de nada valeria a escola listar as dificuldades

A única forma possível de formar os professores a agir eficazmente em tais circunstâncias é fazê-los passar por essas circunstâncias regularmente durante os seus estudos e analisar o que pensaram, sentiram e fizeram. Não para os julgar, para acentuar a diferença com “o que teria sido necessário fazer”. Mas sim para os ajudar a analisar o seu próprio funcionamento, a dominar pouco a pouco os seus impulsos, as emoções excessivas, a hostilidade face a certas atitudes dos alunos, a indiferença perante alguns sinais. Deste modo o habitus pode se construir não em circuito fechado, mas a medida de uma interação entre a experiência, a tomada de consciência, a discussão, o envolvimento em novas situações. (PERRENOUD, 1993, p.109)

As demais formas de estágio propostas pela escola em outras instituições , além das escolas primárias, lembrando que aquelas vinham atender os objetivos da formação religiosa poderiam ser compreendidas hoje como uma tentativa de naquela época desenvolver um trabalho que permitisse

No ensino primário, a profissionalização representa a passagem da aplicação estrita de metodologias, e mesmo de métodos e truques, à construção de processos didáticos orientados globalmente pelos objetivos do ciclo de estudos, adaptados a diversidade dos alunos, ao seu nível, às condições materiais e morais do trabalho, ao modo de colaboração possível com os colegas ou os pais. A formação deixou de ser normalizada, já não pretende dar a resposta certa para cada situação-tipo, mas sim dar recursos com vista a analisar e enfrentar uma grande variedade de situações. (PERRENOUD, 1993, p.138)

3.2.4 A Preparação para o curso superior

Em reportagem da *Gazeta do Povo* em 1957, registrava-se o aumento de moças concorrendo aos cursos superiores. Até então era praticamente mínimo este acesso. “ Somente às vésperas da década de 40 é que se permitiu às normalistas o ingresso em alguns cursos de Filosofia, direito que se estenderia em 1953 aos demais cursos. “ (BRUSCHINI, 1988, p.6).

Na Universidade Federal do Paraná, segundo a matéria da *Gazeta do Povo*

Em nossa Universidade e demais escolas de nível superior a freqüência de alunos do sexo feminino tem sido grande. Resta somente salientar que dos cursos de formação de professores de nível secundário o índice é dos maiores, superando em alguns o número de homens matriculados. Por exemplo em 1955 no curso de Filosofia, dos sete alunos que se formaram, sete eram moças. Dos oito que concluíram o curso de Geografia e História, dois eram homens e, e dos dezessete que foram licenciados pelo mesmo curso, dez eram do sexo feminino. Também nos demais a participação da mulher tem sido acentuada como nos de Odontologia, Medicina, Farmácia e Direito. (GAZETA DO POVO, 26/03/1957)

Segundo Josélia Amorim em 1957 já tinha “ muitas jovens que ambicionavam o curso superior” e durante os anos que ela esteve à frente da direção do Colégio de Educação Familiar “houve muitos testemunhos de alunas que saindo da escola, fizeram vestibular e passaram direto na UFPR e em outras universidades.” Como não existem dados estatísticos referentes a estas aprovações está análise se baseia no depoimento das entrevistadas.

MARIA DE FÁTIMA, passou no primeiro vestibular para Comunicação Social na UFPR em 1968, a escolha pelo curso deveu-se ao fato “que eu gostava muito de escrever, eu tive excelentes professores de português, tanto ali quanto no São José. Foram professores que incentivavam que valorizavam sempre o trabalho escrito,

então eu fui fazer jornalismo. Naquela época o vestibular era por área”. Por outro lado ela analisa que a base de matemática dada pelo colégio foi insuficiente: “depois do Magistério eu fiz cursos na área financeira, então a matemática fez falta. É que eu segui outra linha, não o caminho normal de quem fazia o Educação Familiar que era a educação.” (Mária de Fátima)

As três alunas entrevistadas que estudaram nos anos 70, foram aprovadas também no primeiro vestibular na UFPR, todas em Pedagogia. Elas relatam que

Quem estava lá, estava porque gostava, e olha que não era fácil, nós tínhamos mais de dezesseis matérias, tinha que estudar mesmo: física, química, biologia. Quando a gente não ficava o dia todo para aprender a cozinhar. Quando tinha os jantares, os almoços para os pais, [...] elas preparavam para o vestibular mesmo. Da minha turma, quem não passou foi quem não fez, porque todas passaram sem cursinho. As que fizeram passaram. Algumas não quiseram fazer foram umas cinco ou seis que não fizeram. A gente fazia vestibular e passava. (Thais)

Não nos questionávamos quanto ao vestibular, nós pensávamos: Ah! talvez a gente faça uma faculdade, mas não era a preocupação central. Acontece que quase todas que fizeram passaram, então eu acho que a escola era boa, que tinha uma boa formação, eu não lembro de nenhuma de nós que não tenha passado, mas não era a nossa preocupação principal. (Elisa)

Na minha época o curso de magistério estava passando por uma reavaliação em nível de profissionalização. A nossa foi a primeira turma que teve Física e Química no 2º e 3º ano pensando no vestibular. Foi muito bom porque todas que fizeram passaram. (Albanize)

Já CLAUDIA, que terminou o curso em 1981, avalia que a preparação para o curso superior deixava a desejar, ela atribui a sua aprovação ao fato de prestar vestibular na área humana.

Era super fraco, principalmente matemática, tanto que quem queria fazer faculdade, no terceiro ano fazia um cursinho junto. E eu por incrível que pareça sem ter feito cursinho fui aprovada no vestibular da Universidade Federal do Paraná em Estudos

Sociais. Fui muito bem na redação, em história, geografia, que eu tinha muita base e sem ter feito nenhum cursinho fui aprovada na UFPR só com o Educação Familiar.

Uma pesquisa realizada pelo Departamento Educacional da Fundação Carlos Chagas, em 1975 concluiu que “O padrão de escolha de carreira das mulheres – em que pese estarem cada vez mais presentes em nossas faculdades – não sofreu alterações dignas de nota. Ao contrário, aumentou a concentração de mulheres em carreiras consideradas femininas “(BARROS e MELLO, Cadernos de Pesquisa, 1975, p. 73).

Recentemente Fúlvia ROSEMBERG e Tina AMADO ao analisarem a produção de artigos durante 20 anos, nos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas sobre a temática mulher e educação, concluem que os “artigos mostram então , que estudantes do sexo masculino seguem preferencialmente cursos de conteúdo técnico e científico; as estudantes do sexo feminino seguem trajetórias escolares vinculadas às letras e humanidades, com nítidas vistas à preparação para o magistério. “ (Cadernos de Pesquisa, 1992, p.62)

A ausência de dados impossibilita concluir se a instituição dava conta de fato desta formação nas décadas anteriores e não mais nos anos 80. É evidente que se propunha a preparar as alunas em todos os aspectos estabelecidos : Educação Familiar, Magistério , Ingresso ao curso superior e a vivência religiosa proposta pela filosofia da escola. Este projeto amplo foi se consolidando a partir da iniciativa de JOSÉLIA AMORIM a qual ainda na década de 50 , no início da escola teve como preocupação uma formação mais completa além do casamento e da educação familiar

Então eu vi que as mulheres não eram mais só para casar e ficar em casa. Foi aí que senti a necessidade e resolvi por as matérias do científico. Tinha que ter português, matemática, história, as matérias do curso científico, porque a Secretaria de Educação exigia. Então tinha que ser bem dado, para passar no vestibular. Esse foi o programa que eu exigi e além disso a parte da educação familiar tinha a matéria de didática, cujo objetivo era ensinar como lecionar educação familiar. Além disso o Normal. Enfim, foi um plano bem ambicioso.

Foi esta proposta pedagógica que segundo JOSÉLIA foi a responsável pelo crescimento e manutenção da escola

A primeira turma foi três, depois sete, e quando começou aquela parte do Normal e de científico que as meninas passavam no vestibular, e ainda tinham uma profissão e ainda podiam exercer a educação familiar em locais como o SESC e SESI que pegavam para lecionar as matérias como culinária. Culinária era muito importante. Então tinha bastante interesse, quando eu sai de lá em 1976 tinha mais de 300 alunas. Todo mundo entusiasmado, tinha muita coisa para fazer, poderiam escolher além do Normal, dar aula no SESC e SENAI. Mas elas deram conta. Assim eu acho que na sociedade elas conseguiram ser alguma coisa.

A atuação como Educadora Familiar nas instituições públicas era uma possibilidade a mais de trabalho para as alunas naquele contexto, lembrando que naquele período a Lei 5692/71 incentivava a criação de cursos técnicos em nível médio.

3.3 Proposta de Intervenção Social : Sensibilização das elites

O Colégio de Educação Familiar foi ao longo de sua trajetória, um colégio de elite, filhas das famílias mais tradicionais da cidade ali estudaram. Algumas alunas de classe média que os pais aspiravam aquele tipo de formação e conseguiam arcar

com os custos da escola e uma minoria de alunas bolsistas. A direção do estabelecimento tinha clara qual a camada social predominante

[...] se a escola é freqüentada por meninas das famílias mais abastadas de Curitiba e se tem fama de ser escola “ gran fina” . Será isso um ponto negativo? Temos refletido muito sobre isso e chegamos a conclusão de que não [...] As nossas alunas são de famílias abastadas , mas relativamente poucas são de fato felizes. Não desfrutam de tranqüilidade dentro do lar. São adolescente cheias de problemas, frutos de uma sociedade desorganizada. Há muito esnobismo, é verdade, mas combater isto, formar nelas o verdadeiro espírito cristão, dar-lhes o amor do pobre, ensinar-lhes a praticar a justiça social, não será apostolado? Não será contribuir para que os pobres sejam menos pobres? (AVALIAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ, 1967, p.6)

A educação voltada para a solidariedade já era uma proposta desenvolvida em colégios femininos no século XIX, como foi citado por Arilda RIBEIRO no Colégio Florence de Campinas

as ex-alunas do Colégio Florence, anos mais tarde puderam colocar em prática a solidariedade que aprenderam a cultivar na instituição. Por ocasião da epidemia de febre amarela, por exemplo, quando a população da cidade de Campinas, de acordo com a imprensa, foi reduzida drasticamente, essas mulheres tiveram ocasião de mostrar o quanto aprenderam no colégio Florence. Com um grau de mortandade muito elevado, muitos órfãos ficaram a ermo pela cidade, andando atrás de comida e abrigo, e, nessas circunstâncias, saqueando casas e estabelecimento comerciais. Observando esta situação calamitosa, muitas mulheres originárias das classes abastadas se reuniram e formaram uma comissão para arrecadação dos donativos para a fundação de um asilo. Essa era uma função que elas aprenderam a exercer desde os tempos do Colégio Florence, quando utilizaram as verbas da Revista Trimensal para ajudar na manutenção da Escola Correia de Mello. (RIBEIRO, 1996, p. 148-149)

A preocupação com a assistência social vem desde os primórdios da escola. “ O curso de preparação para o lar iniciado em 1949 já exigia, porém das alunas visitas às favelas e algumas horas de trabalho em obras sociais” (INFORMAÇÃO APRESENTADA AO CONGRESSO DO COMITE INTERNACIONAL DE

CORRESPONDÊNCIA – EDUCAÇÃO FAMILIAR. p.1). O Relatório de 1953 exemplifica uma das ações assistenciais desenvolvidas pelas alunas do colégio

[...] procurou-se por meio de visitas a uma favela situada no alto da Rua José de Alencar , pôr as alunas em contato com os pobres. Na ocasião das visitas reuniam-se as crianças para recreio, pequenas aulas de religião e de civildade; distribuíam-se roupas, mantimentos e brinquedos. Deste modo as alunas , ao levarem um pouco de sua fartura tiveram a oportunidade de conhecer a miséria e o sofrimento de seus semelhantes, recebendo também desses deserdados a quem tudo falta, um exemplo de fé e de resignação admiráveis. (RELATÓRIO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR, 1953 p.1)

A partir deste documento é possível refletir o próprio conceito de caridade trabalhado pela instituição como um dos atributos a serem desenvolvidos nas jovens professoras. Segundo CUNHA uma forma de caridade representada nos romances lidos pelas mulheres da coleção já citada Biblioteca das Moças tinha por finalidade atender a um interesse de controle social

Embora as motivações pessoais para o exercício contínuo da caridade fossem da ordem dos sentimentos já estabelecidos, o dever da caridade obedecia, em última análise a uma finalidade também política. Assim pode-se pensar que a caridade fazia parte de um arsenal de medidas utilizadas pela classe dominante para exercer sua dominação sobre o povo. As classes trabalhadoras, embora pouco visíveis, eram consideradas perigosas por natureza. Uma estratégia para tentar acalmá-las era os maridos reservarem gastos especiais para que as esposas pudessem ser caridosas com os pobres. (1999, p.104)

Os campos de estágios iniciados pela Escola de Serviço Social foram também transformados em campos de estágio social para as alunas do Colégio de Educação Familiar. No documento: INFORMAÇÕES ao COMITE INTERNACIONAL de CORRESPONDÊNCIA e EDUCAÇÃO FAMILIAR, são citadas as obras em que eram realizados estes estágios sociais : “Departamento Estadual da Criança : 5 clubes de mães; Saza Lattes : 4 clubes de mães; Legião Brasileira de Assistência : 5

Postos de Puericultura; Centros Sociais : Vila Guaíra , Coração de Maria e Cristo Rei” (p.1) Além destes nos depoimentos das entrevistadas são citadas outras instituições como Lar dos Meninos do Xaxim, Hospital Evangélico.

As alunas faziam o estágio social¹⁸ atuando durante um período e aplicando na prática os conhecimentos adquiridos nas disciplinas referentes a educação familiar. Em diversas situações organizavam cursos em hospitais, escolas de enfermagem, Centros de Puericultura da Secretária de Saúde e escolas experimentais. Estes cursos eram ministrados por professoras da escola, alunas e ex-alunas e constavam de um programa que abrangia Educação Doméstica, Puericultura, Enfermagem, Decoração de Ambientes, Nutrição e Culinária, Costura, Trabalhos Manuais, Relações Familiares, Higiene e Psicologia Educacional.

O estágio social fazia parte da proposta curricular do Colégio, era desenvolvido durante os três anos do curso tanto em obras sociais da congregação quanto em outras entidades. Sobre esta proposta Josélia fez o seguinte relato :

Elas iam para todas as obras que auxiliassem os pobres. Que tinham serviço social, já que a escola era de serviço social e tinha obras de centro social. Então os centros precisavam de professoras de corte costura elas iam ensinar as mães, as senhoras a aprender coisas que elas pudessem vender e ganhar dinheiro. As alunas aprendiam na escola a fazer coisas como sapatinhos, chinelos, muitas coisas úteis.
(Josélia)

¹⁸ Este estágio além de cumprir com os objetivos do atendimento social da congregação, visava a preparar as alunas para a profissão de Educadora Familiar . Entidade em que já existia a função de Educadora Familiar: Legião Brasileira de Assistência, SESC, SESI, Rede Viação Paraná – Santa Catarina . Os anexos 4 e 5 contém modelo do formulário do planejamento efetuado pelas alunas e o certificado que elas recebiam após a execução de cada curso ministrado através deste estágio.

Este estágio era também uma forma de articular a reflexão teórica dos temas estudados em educação familiar e também na disciplina de Psicologia, já que muitas vezes “as alunas traziam muito dos problemas que aconteciam nestes estágios, então discutíamos em sala.” (Ninon). A reflexão objetivava subsidiar as alunas para enfrentar os desafios.

O acompanhamento do estágio era realizado pela equipe pedagógica e pela parte de assistência social da congregação.

Eu acompanhei como supervisora pedagógica para avaliar o trabalho dos professores da escola, não tão diretamente porque esta parte era ligada com a parte assistencial da escola. E as alunas eram orientadas nesta parte, a prestar assistência social e a auxiliar porque eram meninas que tinham mais recursos podiam colaborar e aprender a dividir com os que não têm. [...]Elas gostavam muito, faziam as visitas para as famílias carentes e voltavam penalizadas, então elas juntavam o que tinham e iam levar mais porque elas tinham sobrando. Elas iam fazer a visita normal programada pela escola dentro das disciplinas ligadas à assistência social . Que elas queriam colaborar mais, repetir a visita às vezes elas iam espontaneamente, com elementos da família pra levar mais doação. Isto despertava muito a solidariedade e a sensibilidade nelas. Eram coisas que elas não conheciam que nunca tinham passado por isto. E isto deu muito crescimento para elas. Era ligada com a parte de religiosidade da escola. Tinha religião era pregado o amor ao próximo, a caridade. [...] Então esta parte da assistência social era feita pela parte da religião e pela programação da formação familiar, porque tinha a puericultura, atividades domésticas, ensinar as mães mesmo. Então além daquela parte que elas faziam o almoços e que eram luxuosos para as famílias, onde elas caprichavam o máximo, elas atuavam também nestas áreas mais simples ensinando e praticando a parte de culinária, de costura, de trabalhos manuais. Elas faziam exposição, doações para as feiras de natal, para pessoas carentes. (Adelaide)

Na opinião de ADELAIDE este trabalho colaborava para a formação integral das alunas que era a proposta pedagógica da escola “ Era um trabalho muito bonito delas , por isso que eu acho que a escola procurou dar uma formação globalizada, uma formação integral para o ser humano em todos os seus aspectos da pessoas

humana, formação psicológica, religiosa enfim em toda a sua estrutura emocional.”
(Adelaide) .

Quanto a experiência vivenciada do ponto de vista das alunas é possível perceber como cada uma sentiu a proposta. THAIS e ALBANIZE assimilaram a experiência de forma a refletir na sua prática no Magistério

No início fiquei um pouco chocada, e achava que nunca iria conseguir trabalhar com as comunidades carentes. Mas aos poucos fui verificando que a nossa recompensa enquanto educadora era bem maior atuando com os mais necessitados, pois todo o nosso trabalho era valorizado e curtiam tudo que levávamos de diferente do que conheciam no seu dia a dia. Por esse motivo quando atuei com Magistério, fazia questão que minhas alunas fizessem os estágios em escolas carentes. Pois hoje eu sei que você só percebe a sua real vocação quando tem que tornar sua aula interessante, independente do que o ambiente te oferece. (Albanize)

Eu fiz em creches, em orfanatos, fiz no São Luiz e fiz no Lar dos Meninos do Xaxim. Por isso que eu digo, eles preparavam você para todas as realidades. Como o Sagrado que fazia o estágio no próprio Sagrado [...] eram poucas que saíam para fazer fora. Nós fazíamos com crianças carentes. A vida era isso mesmo e a gente ia encontrar isso pela frente. Muitas iam trabalhar na escola pública, por isso a gente fazia estágio mais em orfanatos. Então havia uma fundamentação teórica para preparar as meninas para atuar em diferentes segmentos da sociedade. Não era só para preparar para atuar com aquele aluno que não tinha piolho, não tinha nada. Era para trabalhar com aluno que também não tomava banho, que tinha problema em casa, que não tinha pai, não tinha mãe. (Thais)

Para MARIA de FÁTIMA o estágio é considerado uma das experiências mais marcantes de sua formação

A oportunidades de estágio que eu tive em LBA e em postos de saúde, me fez entrar em contato com outros mundos que as vezes a gente esquece, e tarimba a gente um pouco mais. Não sei se a gente tão jovem percebia isso. Nós estávamos recebendo informações da sociedade o tempo todo. Nas aulas de costura, nos fazíamos roupas , vestidinhos até que era para atender creches, então foi algo produtivo. Nós tínhamos também informações sobre primeiros socorros, eu fiz um curso de uma semana naquela escola Catarina Laborré foi por causa disso que depois eu estagiei no posto

de saúde e na LBA. Eu não esqueço até hoje, teve uma senhora na qual que eu tive que dar injeção. Ela era tão magrinha, tão franzina que bateu a agulha no osso. Outra vez dois gêmeos de um quilo e pouco cada um e tinham que tomar injeção, eu não dei, foi a atendente do posto, então são cenas que marcam, que eu não esqueço depois de tantos anos, de tantas experiências. A gente vinha com uma carga de informações bem seletas de manhã, e a tarde a gente era chumbada com a realidade isto foi muito bom, a gente aprende a dosar.

Já para CLAUDIA um dos aspectos mais significativos do estágio social era o respeito que os grupos com os quais trabalhava demonstravam

Eu fiz estágio no clube de mães da Rondinha, da nossa turma nos atuamos também no pequeno Cotelengo, na Associação Sazza Lates, e no Hospital Evangélico. Eu acho que era bem diversificado e as irmãs sempre procurando variar, onde nos deveríamos atuar. Na época nós éramos muito novinhas, mesmo assim nós tínhamos muito respeito por parte das pessoas onde nós íamos atuar.”

ELISA analisa o estágio social como mais uma tentativa da irmãs de criarem um compromisso social,

Nos fizemos na Associação Saza Lattes. Passamos algumas tardes lá. Nós íamos ajudar as mães a ensinar a fazer bordado, pano de prato, sapatinho, mas também foi um contato pequeno. Não foi uma coisa que tenha marcado significativamente, que tenha revertido meu compromisso social. Foi muito superficial. Eu acho que até que conseguiam nos sensibilizar, mas muito limitadamente. Porque o que eu disse, para mim, individualmente, para eu ter me dado de cara com a realidade efetivamente difícil da pobreza, da miséria, do enfrentamento, do que é uma sociedade capitalista de 3º mundo como é a nossa foi mais tarde quando eu fiz concurso para a Prefeitura. Passei e fui dar aulas no Conjunto Itatiaia, lá na Cidade Industrial, antes disso a escola não conseguiu dar conta de fazer uma inserção mais violenta de aproximação com esta realidade. A escola tentava tanto assim que nós fazíamos estágio em escola pública, em associações.

É possível concluir que esta proposta de estágio social está diretamente relacionada com os objetivos da Congregação, nos quais a assistência social era vista como uma das formas de vivência religiosa, além da visão inicial da escola

baseada na educação norte americana que entendia a ação social como forma de manter o equilíbrio da sociedade.

A prática da caridade freqüentemente esteve associada a grupos religiosos. Natalie Zemon DAVIS ao tratar da ajuda aos pobres no início da França moderna narra o surgimento de organizações com este fim

A nova organização envolveu uma dramática mudança de fundos e de poder das mãos eclesiásticas para as leigas, e uma alteração no ato da caridade. Era uma *reformatio* de certa forma, mas que tinha sido criada não por um partido religioso, mas por uma coalizão de notáveis : católicos e simpatizantes dos protestantes, e todos eles estimulados pelos humanistas cristãos que , como Vives acreditavam que as cidades tinham sido fundadas “ para o crescimento da caridade e da camaradagem entre os homens.” (1990, p.33)

A prática da caridade é historicamente uma das formas de interação social entre leigos e religiosos , por outro lado “ [...] tanto na Idade Média como no século XVI, as autoridades clericais e seculares não tinham a intenção de mudar a ordem social por meio do auxílio aos pobres” (DAVIS, 1990,p.38).

O estágio social desenvolvido pela escola pode ser também associado a um espaço de atuação da mulher nas instituições religiosas e na sociedade. Ressalvando a influência norte-americana e religiosa na realização do estágio social, este fazia parte da organização da prática pedagógica da escola. PERRENOUD discutindo a prática pedagógica afirma que

A fé na formação de professores nunca é mais forte do que a fé no discurso reformista sobre a educação : introduzir as novas tecnologias, democratizar o ensino, diferenciar a pedagogia para melhor lutar contra o insucesso escolar, renovar os conteúdos e as didáticas, desenvolver as pedagogias activas, participativas, cooperativas, abrir a escola à vida, partir da vivência dos alunos, reconhecer a

diversidade das culturas, alargar o diálogo com os pais, favorecer a sua participação na vida da escola : tudo isso conduz-nos sempre a conclusão de que é preciso formar os professores! Esta fé revela um duplo optimismo.

- suponhamos que a formação inicial ou contínua tem um certo peso nas práticas dos professores; ninguém diz que basta formar os professores para mudar as práticas, mas a formação parece ser um meio privilegiado de acção;

- pensamos que ao transformar as práticas pedagógicas, acabaremos por mudar a escola, e talvez até o homem e a sociedade... (PERRENOUD, 1993, p. 93)

Na seqüência serão discutidos aspectos do cotidiano das alunas no colégio a partir dos relatos e das experiências vivenciadas por elas.

4 O cotidiano e as memórias do processo educacional no “ caça”

4.1 As representações e o cotidiano das alunas no “caça-marido “

Foi com Durkheim, em 1897 que o conceito de representações coletivas começou a ser utilizado quando ele escreveu que “a vida social é feita essencialmente de representações”. (STEVEN, 1993, p.18) Anteriormente, Durkheim já usava o conceito de consciência coletiva , entendida por ele como “conjunto de crenças e sentimentos comuns aos comuns dos membros de uma determinada sociedade, que forma um sistema determinado com vida própria.” (1993, p. 16) Ele passou a utilizar o termo representações coletivas para especificar estados da consciência coletiva, diferentes da consciência individual. O conceito de consciência coletiva é abrangente e não permitia a inter-relação entre a concepção do grupo e das suas relações com as demais estâncias sociais como a cultura e a religião. O Conceito de representações coletivas de Durkheim exprime o “modo pelo qual o grupo se concebe a si mesmo em suas relações com os objetos que o afetam.” (1993, p.18)

O uso do conceito de representação coletiva gerou na reflexão das ciências humanas (especialmente na Sociologia e na Psicologia) a discussão sistemática entre a idéia de individual e de coletivo. Foi o próprio Durkheim que, em 1898 fez uma primeira distinção estabelecendo que representação coletiva era do âmbito de estudo da Sociologia, visto que representava a sua preocupação com a compreensão da sociedade e representação individual do âmbito da Psicologia Social. A partir daí a obra de Durkheim é um estudo sistemático das representações

coletivas. Assim sua sociologia do conhecimento examina a origem social , a referência social e as funções sociais das formas de pensamento.

A teoria das representações sociais que tem a sua gênese no conceito durkheimiano foi a partir da década de 60 deste século, aprofundada por Moscovici , que tem seu campo de estudo classificado por GUARESCHI como uma “ forma sociológica de Psicologia Social. “ (1994 p. 31)

Atualmente representações sociais é um conceito que perpassa diversas áreas do conhecimento humano. Tudo o que se diz, acredita-se, constrói-se, produz-se, é manifestação da ação humana, são representações da realidade e não a realidade propriamente dita, pois não é possível ao pesquisador da ciência humana apreender a realidade, ele se relaciona com as representações produzidas desta realidade. As representações estão presentes em todos os campos da cultura humana.

As representações sociais, segundo Denise JODELET são importantes nas interações sociais, pois elas estão presentes nos diálogos, nas imagens produzidas pelos meios de comunicações. Porém, são distintas do conhecimento científico, mas permitem através de seu estudo compreender melhor os processos sociais e de produção cognitiva. Segundo a autora a própria comunidade científica concorda que as representações sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 1989 p.1).

A narrativa das entrevistadas constitui também representações sobre o período vivenciado. E algumas lembranças sobre aspectos específicos do colégio são comuns ao conjunto das entrevistadas e também à sociedade curitibana, como

por exemplo o apelido como o Colégio de Educação Familiar até hoje é conhecido “caça-marido” . Com o tempo passou a ser simplesmente “caça” como em geral as pessoas ainda se referem a ele . Em todas as entrevistas realizadas o apelido foi muito presente nos depoimentos. Para CLAUDIA “Educação Familiar era o nome colocado no cabeçalho de provas, porque para nós era o ‘caça’ sem qualquer restrição, sem qualquer constrangimento, nós assumíamos que estudávamos no “caça”.

ADELAIDE confirma esta posição “às vezes não sabiam nem o nome da escola, mas conheciam o apelido, principalmente entre os jovens. Essa escola foi criando tanta fama que as mães , boa parte da alta sociedade às vezes às 5h ou 6 horas já estavam lá para serem as primeiras da fila para conseguir vaga na época da matrícula, porque as vagas eram limitadas.”

Esta representação estava associada ao currículo escolar, às disciplinas de formação familiar. Tanto pelas professoras entrevistadas quanto pelas alunas o apelido era visto com muito bom humor.

Ah! justamente porque as moças eram preparadas para o lar para o casamento, tinha tudo que se relacionava com a vida social, relação social, etiqueta, tudo. Elas tinham alta culinária trabalho de servir à francesa, servir à brasileira, à americana. Tudo isso elas tinham. Então elas saíam preparadas para enfrentar a vida, além de serem professoras. Porque elas aprendiam, aprendiam tudo. Os rapazes ficavam esperando, porque quando elas saíam da escola eram boas candidatas, estavam preparadas em tudo para o casamento. (Irmã Berta)

JODELET, afirma que

Certamente existem representações que nós tocamos inteiramente ou as que “atravessam” os indivíduos. Aquelas que impõem uma ideologia dominante, ou aquelas que são ligadas a uma condição definida no seio da estrutura social. Mas neste caso, a partilha implica numa dinâmica social que leva em conta a especificidade das representações. (p.6)

O apelido “caça” como uma representação ficou associado à prática pedagógica da escola. No início de fato a escola teve como preocupação central a preparação de meninas e moças para o casamento. Num artigo publicado em 1956 Josélia Amorim declarava :

Os cursos de Educação Familiar existentes no Brasil são de 3 anos. Os assuntos estudados vão desde cozinha, costura, remendos, economia doméstica até moral, psicologia, pedagogia, etc. Os conhecimentos são todos imediatamente formado pela experiência pois ao lado da teoria está a prática. Já o esforço exigido daquelas que freqüentam os cursos é uma preparação para a vida desenvolvendo justamente qualidade essencial da mulher que é abnegação. Eis o significado da Educação Universitária para o lar se as mulheres *não manifestam entusiasmo especial, posso afirmar que quase todos os rapazes que chegaram a conhecer ou ouvir falar do curso, acharam que é o ideal para suas futuras esposas. Não será essa uma razão suficiente?* (VOZ DO PARANÁ , 18/11/1956) (grifo nosso)

O artigo prossegue mostrando a importância de um curso de formação universitária para o lar. Curso este existente na época no Rio de Janeiro e em Viçosa (MG), porém em Curitiba não chegou a ser efetivado. O Colégio de Educação Familiar todavia se consolidou e permaneceu mesmo após os cursos de nível secundário e superior em outros estados terem cessado. Naquele momento havia a necessidade de sensibilização da sociedade curitibana para o crescimento da escola. É necessário observar como na década de 50 e 60 alguns termos específicos caracterizavam a figura feminina : “abnegação, renúncia, inclinações naturais”, estes aparecem tanto na imprensa como nos documentos da escola ,(no exemplo já citado na página 80 – Avaliação da Escola) e que uma das representação predominante quanto à mulher na sociedade era o ideal do casamento, representação esta incorporada pelas próprias alunas. Mesmo a escola ampliando seu projeto, da preparação do casamento e de educadora familiar para o curso Normal a representação quanto ao interesse masculino que a

formação poderia atrair permaneceram. Representações estas, provavelmente também das mães que buscavam vaga na escola para as filhas

A origem da escola foi realmente preparar as moças da sociedade para o casamento, isso quando começou lá na Rua Jaime Reis. Não tinha outro ideal. Então todo mundo sabia que a moça que queria casar ia para a escola, para aprender a cuidar da casa administrar um lar, ensinar a empregada, a passar roupa, culinária. Essa era a finalidade de quando começou o curso e como estas matérias permaneceram então ficou como “caça” marido, preparar para o lar. [...] Para as pessoas que colocavam as filhas na escola era um pouco surpreendente. Elas pensavam que era para as moças aprender culinária, costura e ao mesmo tempo ter uma base suficiente de segundo grau para ir para a faculdade e também lecionar normal. Elas achavam que o ênfase era a preparação para o casamento, daí que vem a história do “caça marido”. Eles pensava que era só preparar a moça para o casamento mas na verdade era para dar uma segunda profissão, três até. Preparar para a universidade, preparar para o Normal e prepará-las para a vida delas mesmo. (Josélia)

Comparando este depoimento com o de Irmã Berta citado anteriormente é possível perceber que para esta “enfrentar a vida” para a mulher era de fato o casamento, que a preparação das moças para esta finalidade era o objetivo principal da formação da escola, já Josélia vai além afirmando que a “preparação deveria ser para a vida delas mesmas” na qual um dos objetivos poderia ser o casamento, mas também a atuação profissional através do magistério, da atividade de educadora familiar ou da formação universitária. Aqui é possível identificar a “emancipação sobre tutela” conforme LAGRAVE “A instrução exerce um efeito estimulante sobre o trabalho das mulheres, mas exerce simultaneamente um efeito de censura limitando-lhes as possibilidades de emprego aos setores já feminizados, que por isso se feminizam ainda mais” (1991, p. 526)

NINON que permaneceu na escola até o fechamento confirma esta visão generalizada em relação à escola, mas reforça a posição de Josélia que a

preocupação era com uma formação mais ampla do que em geral as pessoas viam a escola

Sabe que a gente exigia muito, chamavam de “ caça” . Ah! porque o “ caça”, o “caça!” Mas não era só isso, porque além do magistério elas eram preparadas para atuarem como educadora familiar, trabalhar nos postos de saúde, clube de mães e ainda a formação para o lar. Então era meio puxado para elas e a gente não se descuidava desta parte do magistério. Eu que era professora só do magistério exigia mesmo, porque as alunas não podiam sair de qualquer jeito, afinal elas iriam dar aula.

A preocupação com uma educação que permitisse a mulher exercer atividade profissional, no caso o magistério, mas mantendo uma representação que vinha da família - o ideal do casamento fez com que as alunas incorporassem essa formação em que

A escolarização do doméstico, não iria se constituir, no entanto, numa mera transposição de conhecimentos do mundo doméstico para a escola; implicaria sim uma reelaboração de tais saberes e habilidades. Na verdade o que vai ocorrer, será um aumento da complexidade e parcelarização dos conhecimentos, apoiando-os em conceitos científicos, desdobrando-os em etapas sequenciais, dando-lhes enfim uma roupagem escolar e didática. (LOURO, 1997, p.458)

Retomando o relato de Irmão Berta que “ quando as moças saiam da escola eram boas candidatas, estavam preparadas em tudo para o casamento” os depoimentos a seguir ajudam a compreender este raciocínio em que a representação de família e a escolarização do processo de exercício do papel da mulher no lar ajudavam a formar

No Sagrado, era diferente. O Sagrado não tinha um apelido e nós tínhamos. [...]Mas a gente gostava até do apelido. Porque a gente estava aprendendo tudo mesmo. Aquilo era coisa de vó. Aprender a bordar, costurar. Era coisa de vó. De repente a gente estava mesmo sendo preparada para aquilo. Hoje eu acho que todo mundo que estudou lá dá graças a Deus por ter passado por lá e consegue dominar bem tudo. (Thais)

Nós mesmos usávamos este apelido, nós não éramos uma geração politizada, nós éramos completamente alienadas, preocupadas conosco mesmo, muito pouco voltadas para as questões sociais, preocupadas com as questões do mundo nós éramos ensimesmadas, voltadas para o nosso mundinho então não nós ofendíamos ser chamadas de “caça marido”, porque no fundo era isso mesmo. Todas as meninas aprendiam a lavar, cozinhar e cuidar de bebê, que iríamos casar, era este o objetivo - casar. Não lembro de nenhuma que tenha ficado solteira. Não casar era um horror, imagine uma balzaquiana. Um dos projetos de vida era o casamento a gente já aprendia isto com as mães. (Elisa)

Maria Teresa dos Santos CUNHA analisa com exemplos como a literatura na década de 50 passava a idéia do casamento

Era concebida diferentemente nos romances de M. Dely e Concórdia Merrel. Em M. Dely, as heroínas castas e puras não exerciam atividades fora dos limites privados do lar, nem antes, nem depois do casamento, Todos os enredos encaminhavam-se para forjar “uma esposa de Deus antes de ser do homem”, uma mãe cristã, enfim uma imagem viva da Virgem Maria. Em Concórdia Merrel, a cena era outra : as mulheres trabalhavam fora antes e depois do casamento e a própria noção de casamento era diferente Ana protagonista do romance de Concórdia Merrel [...], via o casamento sob outro ângulo e explicava isso a suas amigas :

“Uma noiva do século passado encarava o casamento como a solução necessária do problema da sua vida. Casar era vencer, ficar solteira era o desastre. As mocas de nossos dias não casam mais por necessidade. A mulher conquistou uma situação social e econômica em que pode deliberar sobre questões de sentimento com a liberdade que outrora era privilégio dos homens. (O casamento de Ana, p.130)” (CUNHA, 1999, p.102)

Maria Teresa CUNHA questiona se este exemplo não vinha demonstrar certa crise quanto ao casamento e que os livros de M. Dely procuravam reforçar mantendo padrões de mulheres do século anterior ? ELISA que foi aluna do Colégio de Educação Familiar na segunda metade da década de 70, trás à tona em seu relato uma representação de casamento do período inicial da escola, quando aquela foi de fato criada com uma finalidade específica de preparação das mulheres para o papel de esposa. No período que ELISA estudou, a escola já estava consolidada na formação para o Magistério, poderia-se questionar se a forte

representação de ELISA, diferentemente das outras ex-alunas entrevistadas é decorrência também de uma influência familiar?

Jane Soares de ALMEIDA ao discutir as relações de poder que perpassam a inserção feminina no magistério afirma que a própria formação foi assumindo um caráter de preparação da jovem para a vivência do casamento até a metade do século XX, segundo a autora essa opção era clara para as classes privilegiadas

Disciplinadas pelos homens, a educação das mulheres continuou um prolongamento da educação familiar e, enquanto estudavam, as jovens aguardavam o casamento – o que realmente importava em suas vidas. Deixaram de ser as procriadoras incultas, para se tornarem futuras esposas educadas, conhecedoras das necessidades dos maridos e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico . Nesse ideário para onde convergiam os mais variados interesses, uniram-se a sociedade e a igreja católica. Para as mulheres, romper com tais estruturas significava o degredo e a condenação social. (ALMEIDA, 1998, p.35)

O depoimento de ELISA confirma esta afirmação de ALMEIDA, do casamento como a finalidade essencial da formação naquele momento histórico. O fato do Colégio ser um ponto de referência para o público masculino era considerado um dos aspectos atrativos para as alunas. Uma das características lembradas por todas era a saída do Colégio, inclusive para algumas é a lembrança mais marcante de sua vida estudantil “ Era um colégio da moda, onde passavam os rapazes mais interessantes da cidade ao término das aulas. A saída do colégio era um dos ‘ pontos de encontro’ mais esperados por nós alunas.” (Albanize)

Para CLAUDIA também

Os rapazes iam lá para pegar a saída, eles terminavam as aulas do cursinho ou da faculdade e corriam ali para a saída, ficavam ali no muro ou dando volta de carro na rua. [...] Era super divertido e de repente até facilitava para uma aproximação masculina, eles já sabiam que a gente era do “caça”, a gente acabava conhecendo os rapazes já na saída do colégio. Com certeza aquele xadrez da saída do “caça” era famosíssimo, e as vezes nós íamos em mais moças andando inclusive o Sagrado era

a três quadras do “caça”, mas na saída não tinha concorrência para o “caça”. O “caça” tinha a melhor saída de Curitiba.

CLAUDIA conta que além do uniforme outro fator que despertava a atenção masculina para a escola era os pratos e doces preparados na aula de culinária

Era muito comum a gente acabar as aulas de culinária e levar o que tinha feito para saborear em casa. Eu me lembro que a gente levava bolo na mão e já ali na saída dava para os rapazes. A gente fazia os bombons famosos que agora tem em qualquer lugar, mas há 20 anos atrás era novidade não tinha na cidade, nós fazíamos no “caça”, a gente sempre trazia os bombons de chocolate e distribuíamos. E ficávamos ali conversando.

O trânsito de carros na saída da escola provocava congestionamentos na Rua Bento Viana, num período em que isso era raríssimo em Curitiba. Em 1981 a diretora do estabelecimento a pedido do DETRAN mudou a saída das alunas para o portão secundário localizado na Avenida Iguaçu, que até então era usado só pelos alunos da Escola Epheta. Este assédio dos rapazes ia além dos muros do colégio, segundo depoimento das alunas até o início da década de 80 nos bailes de carnaval nos clubes de Curitiba era comum a presença de rapazes fantasiados de “estudante do caça” .

4.2 Cotidiano escolar - relação professor - alunos e a questão da disciplina

Foi um colégio católico, durante 19 anos dirigido por uma religiosa Josélia de Faria Amorim que nos últimos anos deixou a congregação, mas continuou à frente da direção, porém a maior parte dos professores eram leigos, mesmo na parte de formação para o lar. No início somente Irmã Berta lecionou culinária e Irmã Florecita

lecionou corte e costura, a medida que ex-alunas foram preparadas para atuarem nestas funções e a escola aumentava o número de alunas, professoras leigas dividiam também as aulas destas disciplinas. As irmãs da congregação atuavam muito em atividades de apoio na escola. Todas as entrevistadas fizeram referências a atuação de professores homens, nomes como Dr. Jaime Drumond de Carvalho, Pe. Evaristo Debiasi atuaram na escola como professor

Sendo uma escola na qual o corpo docente era só de mulheres a relação professores-alunas era, segundo depoimento das alunas, tranqüila, com exceção da última aula em que dificilmente um professor conseguia ministrar a aula, pois a preocupação das alunas era apenas com a saída

Ainda tínhamos a maravilha do horário de saída da escola. Isto então era o charme da escola. Dava-meio dia, onze horas os professores já não conseguiam mais dar aula porque a gente começava a fazer a unha, a maquilagem o cabelo, a passar creme. Nós passávamos a última aula inteira nos arrumando e o professor gritando para que a gente prestasse atenção, nós pulávamos na janela para ver quem já tinha chegado, nós conhecíamos os carros e ficamos vendo quem já tinha estacionado na frente da escola. Ah! o fulano chegou. E o professor dando aula. Imagine o que era a bagunça da meninada, a irreverência toda. (Elisa)

Em todos os depoimentos é possível constatar este espírito de irreverência e união entre as turmas. De acordo com THAIS “ Todo mundo entrava na bagunça igual. Eu lembro uma vez que foi tirada a massa do vidro da sala, todo mundo sabia porque queriam que caísse na cabeça da professora. “

Como permaneciam as mesma turma desde o primeiro ano, criava-se uma união que garantia as atitudes de rebeldia

Uma vez nós fizemos na aula de corte e costura uma camisola de flanela, daí combinamos de sair com a camisola em cima do uniforme. E o mais engraçado no

“caça” era que quando uma dava a idéia todas acatavam. Combinávamos de gazear aula para ficar ali pela frente, todas gazeávamos. Combinávamos de sair de camisola todas iam. Éramos bem unidas. Isto é uma coisa bem típica a união das alunas pelo fato de só sermos mulheres éramos bem mais unidas ainda. Tinha o negócio do comprimento da saia que as freiras regulavam o comprimento que elas queriam que fosse pelo joelho então para entrar tinha uma fiscal que era a tia Anastácia, super-famosa ela fiscalizava o comprimento da saia. Passava por ela nós já puxávamos o cós e deixávamos na altura que nós queríamos. (Claudia)

CLAUDIA analisa este comportamento como uma permanência da escola, ao comparar sua turma com as anteriores “a Elisa estava a três anos na minha frente eu não cheguei a conviver com ela e o espírito continuava o mesmo : a saia curta, a união e a saída do “caça”.

As atitudes de rebeldia próprias da idade permeavam todas as atividades da escola inclusive as religiosas “ Quando tinha missa, a gente sempre queria tomar o vinho do padre, aquela coisa de adolescente.” (Thais) A escola mantinha uma sala com música suave , num ambiente aconchegante para oração e meditação chamada pelas alunas de Shalon, onde muitas vezes elas gazeavam aula para se esconder.

Outras atitudes como fumar escondidas enquanto uma aluna ficava vigiando para evitar serem pegadas de surpresa são relatadas por todas as entrevistadas. Gazear aula em conjunto e ficar na frente da escola ou nas lanchonetes próximas também tinha um esquema de vigilância montado, assim como as histórias em colaboração que as alunas criavam para a família quando a escola ligava comunicando a falta. O uso do uniforme era um meio de identificação das alunas com a escola. ELISA lembra que

Nós tínhamos o uniforme de saia xadrez, camisa branca e casaco azul e nós passávamos o dia com ele, tínhamos orgulho de usar o uniforme, íamos para a escola de manhã e tarde a gente ia para o curitibano, passávamos a tarde fazendo esporte, ou conversando, ou então íamos para a casa de uma do grupo e passávamos a tarde conversando e a noite íamos para algum lugar, em lanchonetes

sempre de uniforme, nós amávamos o uniforme e amávamos nos vestirmos iguais.
(Elisa)

Dos relatos das entrevistadas é possível apreender a construção de uma identidade entre as alunas e entre elas e o colégio. Para Michel POLLAK, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”(1992, p. 204).

Portanto ao trazer a tona as lembranças individuais , são sempre retomadas pelas entrevistadas as lembranças coletivas o que reafirma o elemento continuidade citado por Pollak. Na semelhança entre os relatos está presente também a idéia de que “ cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção de coerência, de unidade, de continuidade, da organização.” (POLLAK, 1992, p.206)

A manutenção desta memória do “caça” se dá através dos freqüentes encontros entre as alunas, onde o tema principal das conversas é relembrar o “que aprontavam”, apesar do controle exercido pelas irmãs.

A escola criava mecanismos de controle disciplinar em que o último estágio era segundo o REGIMENTO ESCOLAR “ a transferência ex-officio para outros estabelecimentos.” De acordo com o RELATÓRIO ESCOLAR de 1974, naquele ano “ A Regência de Classe do 1º ano acompanhou atentamente as alunas, tendo feito seleção e encaminhado as que não se adaptavam para outros colégios. Marisa Tortato trabalhou muito bem. Das 93 matriculadas, restaram 76.”

A Regência de Classe era constituída por uma das professoras que ficava responsável pela turma, que ouvia as queixas, problemas e sugestões das alunas e trazia para a orientação pedagógica da escola e quando necessário participava de reunião junto a turma a orientadora pedagógica e a diretora do estabelecimento.

Por outro lado hoje as ex-alunas entrevistadas analisam que estas atitudes eram rebeldia própria de adolescentes, pois a escola fazia parte do projeto de vida e da visão de mundo que estavam construindo.

Tínhamos um elo muito forte que nos ligávamos. Lógico que tudo isso era um trabalho da escola eu não tenho duvida, nós nos orgulhávamos da escola porque ela era boa, mas também nos identificávamos como classe, tínhamos os mesmos valores, nos agregávamos ali porque tínhamos os mesmos valores, os mesmos interesses, éramos todas meninas do mesmo nível social e gostávamos do que tínhamos na escola, porque atendia aos nossos interesses, porque nos adorávamos aquela preparação para o lar e a preparação para o magistério completava isto.
(Elisa)

JOSÉLIA avalia que no geral foram poucas as vezes que foram necessárias atitudes mais extremas. A escola tinha inspetoras além do serviço de orientação educacional ,mas durante seu período na direção acompanhava de perto as alunas pois “Não era um ambiente rígido, havia muita compreensão era só na questão de fugir da escola, que eu não tinha dúvida, quando eu era severa e fazia cumprir o regulamento. Hoje é diferente, mas como elas eram menor de idade. Se fosse hoje eu seria completamente diferente. Mas naquele tempo a gente tinha aquela responsabilidade. “ JOSÉLIA lembra ainda que

Elas eram muito unidas e mantêm ainda uma ligação de amizade. Outro dia encontrei uma que disse que quando fizerem uma reunião vão me convidar. Elas dizem que eram tão unidas porque faziam muitas coisas juntas. O estágio, ia para lá e para cá. Outras me mostram as malandrices que elas faziam. Outro dia uma me falou que tem uma fotografia das quatro no passeio público, não vou falar os nomes. Eu achava que

elas eram uns anjos, os exemplos da escola. A foto do Passeio Público é com o uniforme enrolado na cintura, para a saia ficar curtinha. A gente nunca podia confiar muito em adolescente, por trás tem sempre o diabinho tentando!

Analisando o relato das alunas e de Josélia Amorim é possível retomar Jane Soares de ALMEIDA, quando discutindo a educação da mulher ela demonstra que esta era uma forma de disciplinar o corpo e o espírito para a adequação ao projeto católico

Do princípio até a metade do século, a vida social, as expectativas sobre a conduta feminina, as doutrinações religiosas da igreja católica, as implicações na sexualidade, o controle da feminilidade e as normatizações sociais, aliadas às exigências de casamento religioso, batismo dos filhos e a confissão dos pecados significavam uma exacerbada vigilância do corpo e da alma das mulheres. (ALMEIDA, 1998, p.33)

Esta normatização e controle do corpo feminino já foi uma das discussões do século XIX e que permaneceu no XX articulado ao papel que a sociedade destinava à mulher : a maternidade e a negação da sexualidade

Até um médico compreensivo tinha que declarar, ao escrever em 1900, que, “ para a mulher, a maternidade é a função mais importante e mais nobre; é, por assim dizer, a sua única função. Por isso, é com boa razão que os fisiólogos e médicos afirmaram correta e sucintamente : ‘ a mulher não passa de um ventre [...], um útero.’ A mulher não é um cérebro, é um sexo.” Evidentemente, como uma mãe do século XX advertia sua filha na véspera de um casamento : “ Uma mulher deve aceitar tudo o que o marido deseja. É duro, porque há homens que querem todos os dias.” (WEBER, 1988, p.113)

LEAL e CUNHA relatando o cotidiano de um colégio religioso feminino de Florianópolis destacam o controle exercido sobre o corpo da aluna, como parte do projeto católico que considera a “ diabolização da sexualidade feminina” em que

Assim a postura do corpo era objeto de constante vigilância das freiras, que exigiam por exemplo, que, sentadas durante as aulas, as alunas jamais cruzassem as pernas mantivessem as mãos corretamente sobre as carteiras e as costas perfeitamente eretas. Ao descer uma escada nunca apoiassem as mãos sobre o corrimão; se isso

acontecesse, a aluna deveria voltar a subir a escada para descê-la novamente de modo correto [...] precisavam também exibir os sinais dessa ordem interna, verdadeira codificação do modelo feminino estabelecido pelo colégio : joelhos cobertos pela saia (e em dúvida alguma aluna se ajoelhava para que a freira verificasse o cumprimento adequado : a barra da saia devia dobrar-se sobre o chão); nenhum traço de pintura no rosto (mesmo um remoto vestígio de baton no rosto lavado era motivo para impedir que a aluna entrasse na sala de aula); mangas de blusa de verão obrigatoriamente até o cotovelo, decotes e transparências banidos. (1991, 66-68)

Sendo uma escola católica com a especificidade da preparação para o casamento percebe-se pelo relato de Josélia que as questões disciplinares não eram vistas de forma tão rígida, mas que a preocupação com o corpo estava implícita no processo pedagógico, conforme lembrou CLAUDIA que passando pela Tia Anastácia que controlava a entrada já enrolavam a saia na cintura para deixar no cumprimento que queriam. MARIA de FÁTIMA, também se lembrou do padre que chamava a todas as alunas de “Maria” ou seja dentro da perspectiva católica, também discutida por CUNHA (1991, p.58) de considerar as mulheres Evas ou Marias, levantando a possibilidade de que a formação do Colégio de Educação Familiar também era a de Maria, como pode ser observado neste extrato do texto de uma conferência proferida por Josélia Amorim em 1960

Se o coração dominar a razão, ele está invertendo o seu papel. Era o mesmo que cortamos nossa cabeça para pormos no lugar do coração e vice-versa. Na moça o perigo é ainda maior. É que ela é mais sensível e romântica. Com alguns elogios do rapaz vai se comovendo. O único modo de se evitar isso é manter uma discreta reserva especialmente nos carinhos. Compreendamos que não é por estar à frente de outros que deixamos de fazer carinhos, mas, justamente para deixar ao casamento aquilo que não tem outra razão de ser, a não ser no casamento. Então a medida do carinho é: só fazer àqueles que podem ser vistos por todos. (NAMORO OU NOIVADO, 30/05/1960, p.2)

4.3 Processo educacional e as permanências resultantes da formação

O livro de Betty FRIEDAN - *Mística Feminina*, que ajudou a desencadear o grande movimento feminista das décadas de 60 e 70 demonstrou como a mulher norte-americana que nas décadas de 20 e 30 participou ativamente da economia, conquistando espaço nas universidades e em diferentes áreas do mercado de trabalho, nos anos 50 foi reconduzida ao papel de dona de casa. A autora discutia como as mulheres atribuíam à educação recebida nos colégios americanos a indução pela luta de seus direitos, passaram a pensar a educação como a responsável por outro lado da desmotivação feminina quanto ao lar e ao casamento.

Este é o verdadeiro mistério : por que tantas americanas com capacidade e educação para criar e fazer descobertas, voltaram para o lar em busca de 'algo mais' nas tarefas caseiras e na criação dos filhos ? Pois paradoxalmente, nesses mesmos quinze anos em que a decidida *nova mulher* foi substituída pela feliz *dona de casa*, as fronteiras do mundo ampliaram-se , e o ritmo da vida acelerou-se, e a própria natureza da realidade humana libertou-se cada vez mais das necessidades biológicas e materiais. A mística impedirá a americana de crescer com o mundo. [...] A mística feminina é tão poderosa que a mulher não mais cresce sabendo possuir os anseios e a capacidade que forma negados. Mas esta mística não penetra uma ação inteira em tão poucos anos, invertendo a corrente de um século, sem uma causa. Que lhe dará força? Por que a mulher voltou ao lar? (1971, p. 61)

Esta volta ao lar, questionada por Betty FRIEDAN, foi resultado de uma política do período pós-guerra de retorno aos valores tradicionais e à moral. Durante a Segunda grande guerra a mão de obra feminina foi importante na liberação da mão-de-obra masculina para as frentes de batalhas em vários países e principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Jane Soares de ALMEIDA, afirma que com a crise de mão de obra que a Guerra provocou exigindo a participação feminina nas fábricas, no comércio e nos setores de produção “ emergiu

uma mulher mais independente e foram dados os primeiros passos na direção de uma real emancipação feminina.” (ALMEIDA, 1998, p.38)

O Brasil que no início dos anos 50 vivia uma fase de expansão e modernização, onde as mulheres também participavam ativamente do mercado de trabalho sofreu influência da postura norte-americana e também retoma a preocupação com os papéis femininos e masculinos e a educação neste contexto. O trabalho para a mulher passou a ser aceito somente até o casamento ou o nascimento do primeiro filho. O homem gradativamente recuperou seu papel de chefe da família e a “mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno pureza, resignação e doçura.” (BASSANEZI, 1997,p. 608). As propostas educacionais voltadas para a formação da mulher sem dúvida são características desta visão de sociedade, este é um fator motivador da origem do Colégio de Educação Familiar.

Como já foi visto em depoimento de Josélia ela com o tempo , porém percebeu que a mulher tinha outras ambições, além do casamento, foi quando a escola passou a se preocupar com uma formação para o ingresso no curso superior , além do magistério. A formação para o lar na concepção de Josélia vinha garantir à mulher até mesmo a condição de independência e organização, caso a mesma não se casasse. A parte de preparação para o lar acabou sendo incorporada pelas alunas que hoje expressam as permanências que ficou do período

Tenho um arquivo com todas as receitas culinárias do tempo do colégio (que por sinal são deliciosas), e as uso com frequência. As aulas de etiqueta também me foram muito úteis. Hoje dou muito valor a tudo que aprendi no colégio, mesmo sabendo que foi e ainda é muito criticado pelo papel de “preparar a mulher para o

lar.” Mas acredito que na nossa geração já havia uma conscientização maior do nosso papel de mulheres postas à frente com o homem do mundo dos negócios. Pois o fato de aprendermos educação para o lar, não significa que não possamos desenvolver os dois papéis. Na época tive colegas que saíram do colégio por isso ; que não queriam ser preparadas para casar e ser uma ‘Amélia’ , queriam ser independentes, trabalhar e ter o seu lugar garantido como grandes profissionais, sem depender de homens. E por incrível que pareça algumas delas hoje não trabalham e são ‘dona de casa’ por opção. (Albanize)

MARIA de FÁTIMA também incorporou no seu cotidiano as práticas aprendidas no colégio

Foi muito importante, ajuda na formação da pessoa, direciona o seu comportamento. Foi positivo. Em certas ocasiões ,certos procedimentos de etiqueta no jantar. Em casa você não vai comer com 20 talheres deste, 30 daqueles, 80 copos, claro que estou exagerando, mas partindo do simples, eu hoje tenho o hábito do uso correto dos talheres, faca do lado direito com a serra para dentro a colher de sopa do lado direito, garfo do lado esquerdo sempre em qualquer que seja a ocasião para mim é automático, já automatizou. São coisas interessantes que realmente marcaram pela praticidade e pela forma. As vezes eu vejo que eu faço tudo tão ajeitadinho. Então se eu vou fazer uma salada para a minha família, eu faço aquelas rodelinhas tudo ajeitado, é automático. Então os conhecimentos interessantes de etiqueta e culinária foram incorporados. Às vezes eu me flagro arrumando enfeitando então mesmo no corre, corre eu ainda paro para arrumar. É uma permanência porque em casa era tudo mais a vontade, eu assimilei e ficou. Tem pratos que eu aprendi naquela ocasião e que eu faço até hoje, embora eu fosse proibida de entrar na cozinha, a minha mãe era a dona. *Estrogonofe* eu faço daquele jeito. Bordado eu tenho habilidade manual e eu faço até hoje. Sempre gostei de tapeçaria, mas eu sei que a minha origem de bordado foi lá. Eu tive alguma coisa no São José, mas foi lá que eu aprendi bordado e costura. Hoje quando eu avalio, e agora tenho condições de avaliar perfeitamente, posso não estar fazendo hoje, mas aquilo que eu aprendi me permite avaliar, analisar um acabamento, isto está mal cortado, etc. encaminha você para ser mais seletiva. Não é a questão de preço, mas de qualidade, de durabilidade, está bem feito, não importa a loja ou a marca, importa é o produto final.

THAIS avalia como positiva a formação recebida no colégio. Apesar de na época, não ter este mesmo posicionamento, ao contrário, aulas como culinária acabavam sendo um momento, às vezes, difícil e em outras engraçado

Na época a gente achava uma chatice, hoje eu enxergo que foi ótimo. Me lembro quando a gente fez a calça comprida que a minha mãe disse :- Eu não compro uma calça comprida, você aprendeu, você fez, agora você tem que usar. Eu tive que ir com a calça que eu fiz no colégio. Eu não gostava de costura, mas eu gostava de

mexer na cozinha. Era assim tudo contado, se você fosse mexer com presunto eram cortadas as fatias. Não havia desperdício. Se você queria um pedaço a gente roubava quando a professora olhava para o lado. Hoje a gente entende que era tudo muito caro, mas na época a gente ficava louca da vida, que você não podia comer. Quando você confeitava um bolo você tinha que levar para casa. Eu ia e voltava de ônibus, eu e uma outra colega, eu lembro que meu bolo foi branco com roxo, horrível. Pense em levar no ônibus um bolo daquele... ridículo.

Hoje se vê que era maravilhoso, mas na época todo mundo achava uma chatice, uma besteira, a minoria é que gostava. Ai tinha almoço, eram sorteadas as mães vinham e daquele almoço dependia a nossa nota do bimestre. O nosso almoço foi o máximo. Nós na hora da sobremesa passamos a calda do ponto e grudou na dentadura de uma mãe e a mãe começou a dar risada, a tentar tirar e não saía e foi o máximo. Foi o melhor almoço. Houve uma descontração geral então nós tiramos dez. A minha mãe participou deste almoço ela foi sorteada. Você tinha que além de fazer, servir à francesa, aquelas coisas. Você ficava lá atrás. Mas tudo a gente preparava desde o aperitivo até o licor, o copinho com açúcar, tudo, tudo de aventalzinho, tudo o que estava aprendendo ali. Então a gente achava chato, mas com certeza não foi. Com certeza, acho que todas utilizam. Teve uma amiga nossa que levava para a costureira fazer. Era a costureira que fazia. Ela roubava da sala de costura, não mostrava para a professora e levava para a costureira terminar. Mas mesmo assim acho que ela sabe fazer alguma coisa. Da mesma forma na cozinha. Como tem amigas nossas que cozinham maravilhosamente tudo o que aprenderam lá. Não é aquele negócio que esqueci. O alicerce foi muito bom, se você for fazer, você vai saber fazer. Por mais que você não tivesse jeito, você aprendia, tinha meninas que não davam para a coisa, que não gostavam mesmo do bordado, que coisa chata ficar bordando... era chato essa parte. Mas você entrou lá, talvez algumas eram rebeldes por isso que não gostavam e os pais achavam que tinham que passar por aquele colégio. Bem por isso que eram as diferentes da sala, porque eram obrigadas. A nossa turma o pessoal que a gente encontrou recentemente está todo mundo bem. Problemas todo mundo tem. Mas você vê que era uma época muito boa. Que hoje a gente se encontra e da risada do que acontecia. (Thais)

A avaliação de CLAUDIA, aluna dos últimos anos da escola é semelhante às alunas que estudaram na década anterior. Ela também destaca o preparo para a formação familiar

Eu gostava bastante, nós fazíamos um álbum, um caderno que agora não sei onde foi parar, quando eu casei fui morar fora do Brasil, e quando voltei não encontrei, mas até hoje eu sinto ter perdido. Até hoje eu aplico o que aprendi. Me lembro das aulas e ponho em prática. O meu marido é judeu, estou sempre recebendo pessoas, a gente tem muita convivência, nas recepções que eu faço sempre recebo elogios. Isto é devido ao Educação Familiar, até nas recepções que eu fiz no exterior fui bem sucedida e isto eu devo ao colégio. Gostaria que a minha filha tivesse na sua educação esta parte, tivesse esta formação. Eu acredito que até hoje deveria ter uma escola feminina assim, uns 6 meses de intensivo para as meninas aprenderem tudo o que a gente aprendeu no "caça". (Claúdia)

Estes depoimentos demonstram as representações que as alunas tinham quanto ao papel feminino a ser desempenhado por elas na sociedade. Segundo Jean ANYON,

Para as profissionais de classe média e oriundas de famílias ricas, a definição de feminilidades e de papéis sexuais femininos é menos rígida do que para as mulheres da classe trabalhadora, mas ainda limita o livre desenvolvimento de traços de personalidades e papéis. Para as meninas que crescem em famílias ricas e de classe média, por exemplo a expectativa de sucesso no mundo público do trabalho é apenas uma parte do rol de expectativas de suas respectivas famílias. Famílias da classe média normalmente esperam que suas filhas vão para a escola secundária e para a universidade e, em muitos casos, que sigam uma carreira e que ‘desenvolvam seus potenciais’ enquanto seres humanos [...] Assim embora se espere destas jovens sucesso no mundo do trabalho, espera-se também que sejam femininas e desempenhem papéis domésticos “ (1990, p. 15) .

Acredita-se que estas expectativas das famílias quanto a formação de suas filhas , uma formação considerada ampla no sentido de conteúdo curricular, profissional, já que preparava para o Magistério, mas ao mesmo tempo carregada de conteúdos específicos para o preparo da mulher foi um dos fatores que garantiu a permanência da escola por mais de três décadas, visto que em outros estados este modelo de educação feminina não se manteve por tanto tempo. Para ELISA, a expansão do colégio em Curitiba na década de 70 é também resultado de uma forma de pensar própria da sociedade curitibana. Segundo ela sua geração que vivia a adolescência naquele período não sofreu a influência das mudanças de comportamento “[...]é uma geração posterior a minha. Na minha geração você não percebia a preocupação em questionar os valores , embora o mundo questionasse, a Betty Friedan já estivesse a mil por hora no mundo inteiro, a burguesia Curitibana estava muito alienada.”

4.4 Avaliação das alunas e fechamento do colégio.

Um aspecto ficou evidente em todas as entrevistas a relação afetiva com a escola, mesmo pertencendo a momentos diferentes e algumas a classes sociais menos favorecidas que a maioria da escola, as alunas criaram entre si um vínculo de convivência que ainda hoje é mantido. É comum reunirem toda a turma para comemorarem aniversário de formatura, além daquelas que se encontram freqüentemente e segundo depoimento de Elisa, Albanize e Claudia o assunto preferido ainda são as lembranças do “caça”. Os relatos nos permitem perceber a avaliação das alunas quanto ao colégio:

Eu sempre me senti muito bem no colégio. Nossa turma era muito unida e animada. Ainda hoje temos um grupo de alunas que reúnem uma vez por mês. Até hoje quando nos referimos ao colégio somente o tratamos como “caça”. Quanto ao estágio nós éramos preparadas para isso. Nossos estágios eram acompanhados pela professora desde o seu projeto até sua aplicação. Adorava as aulas para o lar. Claro que nos aprontávamos em muitas das aulas, mas ainda lembro de muitas coisas que eu aprendi. (Albanize)

Acho que a seriedade é uma coisa que destacou, muita preocupação. Não era uma escola massificada, nós éramos tratadas pelo nome havia uma preocupação com a individualidade. Era um ensino individualizado. Uma preocupação com cada uma das alunas. As irmãs eram carinhosas, educadoras. Acho que o melhor adjetivo para elas é educadoras de fato. Isto foi o grande charme e o que sustentou de fato a escola. Se ela sobreviveu tanto foi grande parte pela dedicação delas. Era uma boa escola e eu só tenho a agradecer pela colaboração que deram na minha formação e tenho certeza que se eu tivesse sido menos alienada eu teria aproveitado muito mais, foi uma boa instituição. (Elisa)

Agora por ser uma escola elitizada, que todo mundo sabia pelo valor, eu não me sentia discriminada por meus pais não terem poder aquisitivo. Você estava numa sala e se dava bem com todo mundo. Eu estudei numa época com meninas de família de tradição de Curitiba. Trombini, Hegg. Pessoas de famílias tradicionais. As alunas não ficavam sabendo quem era bolsista, quem não era. E se atrasava uma mensalidade ninguém ficava sabendo. Não tinha esse negócio de expor, isto não existia, nós éramos tratadas todas iguais. (Thais)

MARIA de FÁTIMA analisa que a escola contribui muito para sua formação, porém destaca que tudo foi resultado de uma soma positiva, que inclui a formação anterior do primário e ginásio, a base dada pela família e a sua personalidade individual

Foi uma época muito interessante. As vezes a gente olha para trás e pensa que se podia ter aproveitado melhor, mais do que nos foi passado. [...] Estes dias a gente se encontrou especialmente a nossa turma e a gente nota que algumas seguiram caminhos tão diferentes, mas no geral para todas a formação foi importante. De repente você se vê voltando no tempo e percebe como o tempo marcou as pessoas de uma forma ou outra. Pelo que eu senti, uma das meninas que era uma moça extremamente inteligente, preparada, ela era um ou dois anos mais velha do que eu, está só ficou em casa. A gente pensa um potencial enorme que ficou desperdiçado. Talvez pelas circunstâncias até dentro daquele conceito que mulher tem que ficar em casa. Eu já fui mais arrojada, achei que tinha que ir para frente. A Escola de Educação Familiar por tudo de bom que me passou, não foi o meu teste mais foi marcante em um certo período da minha vida. Me marcou em certas situações. Me embasou para outras, mas não foi o final, pois eu fui em frente. Senti que muitas não foram em frente. Logo se tornaram mãe, depois avós, não sei se foi porque eu casei bem mais tarde, acho que hoje eu sou melhor mãe do que eu seria naquela época consigo entender mais a minha filha.

Nestes depoimentos é possível perceber que no processo de lembrar e avaliar o passado “um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência [...] quer seja interrogado por um historiador (tornando-se assim testemunha ou ator da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre este passado, que ele pretende recuperar [...]” (ROUSSO, 1996, p. 98) Principalmente o relato de Maria de Fátima exemplifica esta afirmação, a clareza de sua avaliação, trazendo a tona lembranças que lhe permitem pensar a partir do presente a sua relação com o passado sem a preocupação de racionalizar este

passado, mas de viver a emoção da recordação e da saudade que perpassa este ato de lembrar.

O Colégio de Educação Familiar funcionou até 1986 quando encerrou suas atividades. No Parecer n.º 534/87 consta que “ A direção do Estabelecimento solicita a cessação definitiva da citada habilitação [Magistério] pela crescente dificuldade financeira e pela falta de pessoal leigo capaz de encarnar os objetivos educacionais propostos pela Entidade Mantenedora; a partir do início do ano letivo de 1987.” (PARECER n.º 534/ 87 22/04/1987) ¹

Na opinião da professora NINON que trabalhou até o encerramento do Colégio o principal fator que levou a esta cessação foi a diminuição das turmas , “ as moças passaram a ter maior interesse pelos cursinhos para fazerem faculdade em outras áreas já que a profissão de professora passou a ser muito desvalorizada pela sociedade, não havia mais motivação para cursarem o magistério.”

Todas as alunas entrevistadas afirmaram que lamentaram quando souberam do fechamento do colégio, e as que tem filhas relataram que se o mesmo existisse era ali que queriam que suas filhas fossem educadas no Ensino Médio. ELISA fez um relato analisando a cessação por diferentes razões desde o econômico até a questão da mudança de mentalidade feminina e masculina.

A questão do espaço que a mulher começou a procurar mais objetivamente o ensino de 3º grau. Coisa que na minha época a gente até pensava, mas se desse deus, se não ia ser esposa e dona de casa e tudo bem. Hoje é inconcebível, ninguém pensa mais assim, seja de que classe social for. Tem que fazer um terceiro grau sob pena de ficar fora do mercado de trabalho, ainda que se não for por uma necessidade financeira e por uma realização pessoal. As mulheres não querem mais ficar em casa cuidando dos filhos que é uma coisa que frustra, que ninguém agüenta e a escola

¹ No Diário oficial 24/04/1987 foi publicada a RESOLUÇÃO n.º 1874/87 da SECRETARIA DA EDUCAÇÃO que estabelecia a cessação do curso de Magistério no Colégio de Educação Familiar do Paraná e como tratava-se de habilitação única a extinção do referido estabelecimento.

deveria ter percebido isto. A escola não acabou percebendo esta evolução que hoje as mulheres querem uma vida ativa, querem ser profissionais. Eu não tenho idéia de quanto era a mensalidade, nunca ouvi meu pai se queixando, mas barato a escola não era pelo nível das pessoas que estavam lá. Então eu acho que a questão de preços e mensalidade também se tornou uma coisa incompatível, não tenho idéia mas acho que não tinha como competir com os cursinhos que colocavam 300 em cada sala, nós tínhamos turmas com 30 em cada sala. Imagine o custo. Então esta massificação que aconteceu com os cursinhos, na escola não poderia ter ocorrido, a escola não tinha essa concepção. Então eu acho que foram vários fatores, além de que também na verdade os meninos começaram a se desinteressar por aquele tipo de mulher. Isto também era uma pressão forte, os meninos não queriam mais o tipo de menina que nós éramos, meninas dondocas, preparadas para ser donas de casa, os meninos começaram a ver que pelo amor de Deus - eu não quero sustentar uma dondoca pelo resto da vida. Que elas vão a luta. Então as meninas do Positivo e do Dom Bosco começaram a ser mais interessantes. Tantos outros motivos que podem ter. E me parece que existem razões da própria congregação. Mas acho que era muito difícil manter a escola e elas mesmas foram enxugando até fechar.

Pelos documentos analisados e pelo relato das entrevistadas sem dúvida a mudança de conceito sobre o papel feminino foi um fator que pesou, por outro lado percebe-se que esta mudança vinha desde a década de 60 com a Revolução Sexual e com o movimento feminista.

Todavia se o Colégio permaneceu por quase mais duas décadas, após a revolução sexual outros fatores estão presentes nesta continuidade. Uma das razões era o preparo e dinamismo de Josélia Amorim que durante vinte e um anos conseguiu manter um grupo unido, com avanços pedagógicos e adaptando continuamente uma educação feminina voltada para contemplar plenamente uma formação que se propunha integral. Josélia deixou a congregação e continuou a frente da escola até 1976, quando situações internas da Congregação solicitaram o seu afastamento. A congregação preparou outras irmãs para substituí-la. Aliada as questões sociais do alto custo da escola num período em que o país passava por situações de aumento exagerado dos índices inflacionários fez com que a procura de alunas de fato diminuísse mesmo para a alta classe média. (vide anexo 6)

Somado aos fatores anteriores a dificuldade da própria congregação em manter um estabelecimento de ensino seletivo, não havendo mais professoras habilitadas pela congregação nas especificidades do colégio, visto que o curso de formação de professoras para a Educação Familiar existente no Rio de Janeiro, também cessou.

O objetivo que norteou este trabalho foi a partir da memória traçar elementos da trajetória do Colégio de Educação Familiar. Tendo claro que a memória é coletiva, como sugere HALBWACHS e que a memória “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo, ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 1990, p.81)

A identidade percebida nos relatos tanto das professoras quanto das alunas constitui este elemento vivo, esta permanência que segundo ROUSSO

seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros . Mas essa percepção difere segundo nos situemos na escala do indivíduo ou na escala de um grupo social, ou mesmo de toda uma nação. (1996, p.94-95)

A leitura e interpretação destes elementos da memória trazidos pela pesquisa de acordo com Vani KENSKI, “influenciam diretamente não apenas a memória pessoal, mas principalmente, a memória coletiva, refletida na cultura, no conhecimento científico e na forma como a sociedade identifica seus valores e comportamentos, sua ideologia.” (1997,p.88)

As entrevistadas presentes neste estudo demonstraram, em seu depoimento, uma expectativa de relatar favoravelmente a instituição na qual estudaram ou trabalharam, estando aí presentes os valores das camadas sociais e realidades nas quais estão inseridas, bem como a sua afinidade e identificação com a formação recebida e com o magistério.

Vani KENSKI, afirma que

As trilhas formadas pelas vivências individuais são originais e únicas. Cada professor molda através de suas diferentes vivências e apropriações intelectuais, o seu estilo. Conexões entre o objetivamente aprendido e o afetivamente vivido. Um outro tipo de lembrança formada pelos somatórios desses recortes cognitivos e vivenciais, apresenta-se e transforma a prática docente do novo professor em algo inteiramente individual, particular, pessoal. [...] O mergulho nas experiências anteriormente vividas, a sua explicitação e a reflexão posterior sobre o que foi lembrado, pode levar o professor a compreensão das influências que tiveram em sua prática docente, alguns aspectos subjetivos. Fatos acontecidos em diferentes fases de sua vida, as mudanças, as crises, as rupturas, os sucessos, e os fracassos ocorridos no ambiente escolar e fora dele. Fatores determinantes originários da sua forma particular de olhar o mundo a partir das características pessoais de raça, gênero e classe social. (1997, p. 94-95)

Portanto ao relembrar as experiência , o cotidiano, a ação da prática pedagógica vivenciada no Colégio de Educação Familiar, as entrevistadas além de trazerem a tona suas memórias, expectativas, avaliações , também puderam pensar sobre a sua própria formação e atuação no Magistério.

Considerações Finais

No início da década de 50 quando a cidade de Curitiba passava por um período de modernização e crescimento em diferentes aspectos, foi fundada a Escola de Educação Familiar, que começou como um curso de preparação para o casamento e foi se consolidando como uma escola de elite na formação feminina direcionada para as camadas médias e altas. Alunas de outras classes sociais em pequeno número também foram atendidas pela escola através de bolsas de estudo.

A década de 50 é um período marcado por um movimento internacional pelo retorno da mulher ao lar e pelo resgate da proposta de família em que o marido é provedor da casa e a autoridade. O trabalho fora de casa, naquele momento só é aceito para as mulheres que precisam colaborar ou manter o sustento da família, as mulheres das camadas privilegiadas são preparadas para manter o modelo tradicional de família. O casamento é o ideal de vida, destas mulheres e as famílias já preparavam as suas filhas desde a infância. Em Curitiba, as moças da elite já estudava em colégios católicos ou no Instituto de Educação. Cursar o magistério fazia parte das representações femininas e dos ideais da época.

Pode-se concluir que o fator que levou estas elites a matricularem suas filhas no Colégio de Educação Familiar é exatamente a formação específica para o lar, o preparo para o casamento que vem ao encontro do projeto social religioso estabelecido para a mulher na época. Evidente que para as alunas havia motivos diferenciados dos ideais da família, para muitas era a escola da moda, era bem vista pelos rapazes da classe média e alta que faziam da escola ponto de encontro para

conhecer as alunas e futuras candidatas ao casamento; o que em síntese retoma o projeto de vida direcionado para o casamento.

Quanto a relação entre a Igreja Católica de Curitiba é a formação feminina, é possível perceber que a Educação oferecida pelo colégio estava voltada para atender os objetivos da Congregação. Quanto à hipótese inicialmente levantada de que o Colégio de Educação Familiar constituía um possível projeto da Cúria para a formação do tipo ideal de mulher curitibana é necessário retomar algumas questões para reflexão, mas num primeiro momento não é possível chegar há uma conclusão mais objetiva.

Algumas evidências demonstram uma certa indiferença da Arquidiocese quanto à escola, primeiro a ausência de referências ao CEF no principal jornal católico *A Voz do Paraná*. A leitura do jornais do período de 1956 até 1975 traz inúmeras matérias e reportagens destacando a proposta educacional de outras escolas católicas de Curitiba como o Sagrada Família, o Divina Providência, o Colégio Cajuru e o Colégio Bom Jesus. Os documentos pesquisados da CNBB e da Cúria Metropolitana também dão destaque a estas escolas e não fazem referências ao Educação Familiar, do que é possível concluir que o Colégio não é tão bem aceito pela própria Cúria, como se pensou inicialmente. A isso se atribui a sua proposta mais aberta, que mesmo correspondendo a um projeto traçado pela igreja para a mulher tinha preocupação com as questões da individualidade e da integração numa perspectiva que extrapolava o próprio colégio. Outro ponto é o colégio pertencer a uma congregação que não seguia o padrão tradicional imposto pela igreja: da obediência e submissão como as demais ordens.

Este aspecto porém deve ser objeto de futuras pesquisas que possam esclarecer melhor esta relação, e explicar porque uma escola que começou no próprio prédio da Cúria aos poucos se distancia desta de forma a não ser nem citada nos documentos a não ser nas estatísticas eclesiais como escola católica.

Desde o início o colégio teve como preocupação a concretização dos ideais da congregação fundadora que era a melhoria do nível de vida das famílias. Através da educação da elite era possível atingir as demais camadas visto que esta elite seria sensibilizada pelas condições sociais que tomavam conhecimento no estágio social que desenvolviam junto á comunidades carentes . Esta proposta de assistencialismo vêm também ao encontro dos objetivos do Concílio que era não só atender o pobre, mas também educá-lo para a vivência da cidadania. Outro aspecto a ser aprofundado em futuras pesquisas é exatamente esta relação da Arquidiocese de Curitiba com a renovação do Concílio Vaticano II, que a princípio parece não ter sido tão bem aceito pela Igreja Católica de Curitiba.

O Colégio procurou viabilizar uma proposta curricular propondo uma formação entendida como integral que consistia no preparo para o casamento, através da formação da educadora familiar, no preparo para o ingresso na universidade , no magistério e na formação de valores católicos, mesmo a escola diferindo de outras ordens católicas na forma , no conteúdo seguia o ideário católico.

Esta proposta foi garantida principalmente durante o período que Josélia Amorim foi diretora do estabelecimento. É possível concluir pelos documentos analisados e pelo relato de quase todas as entrevistadas que a atuação de Josélia era a de uma pessoa bem à frente da sua época e com uma visão que objetivava ampliar os horizontes femininos, por isso buscava a construção de uma proposta

diferenciada de educação feminina, procurando dotar a mulher de uma certa independência e não a visão tradicional de submissão aos valores tradicionais e impostos pelas campanhas de retorno ao lar. Tanto que todas as alunas entrevistadas valorizam a sua formação no Colégio e obtiveram destaque em suas carreiras profissionais , quatro delas no magistério.

É interessante perceber que a formação da escola criou vínculos de integração e amizade entre as alunas que todas as entrevistadas mantém até os dias atuais. Esta integração é atribuída a proposta pedagógica da escola, sem porém deixar de lado a questão da identificação de classe social.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

FONTES ORAIS

- AMORIM, Josélia de Faria. Entrevista. Curitiba, 08 de jun. 1999.
- BONA, Elisa Maria Dalla. Entrevista . Curitiba, 28 de set. 1999.
- BOZZA, Thais Maria T. Gusso. Entrevista. Curitiba, 09 de jul. de 1999.
- CARNACIALI, Florença. Entrevista. Curitiba, 22 de set. 1999.
- FREITAS, Adelaide Maria de Souza. Entrevista. Curitiba, 14 de out. 1999.
- GLASER, Ninon Puppi. Entrevista. Curitiba, 08 de dez. 1999.
- LOBO, Berta Sampaio. Entrevista. Curitiba, 02 de jun. 1999.
- LOBO, Maria de Fátima Silva. Entrevista. Curitiba, 05 de ago. 1999.
- REICH, Claudia Moreira Sales. Entrevista. Curitiba, 01 de nov. de 1999.
- WAGNER, Albanize ZAnon . Entrevista - Via Internet. ORLANDO/ EUA, agosto .1999

FONTES DATILOGRAFADAS , MANUSCRITAS e IMPRESAS

Arquivo do Instituto Social – Congregação da Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

- 1953 - Relatório do Curso de Educação Familiar
- 1957 - Boletim Interno da Congregação
- 1966 - Relatório das atividades apostólicas
- Normas disciplinares extrato do regimento escolar
- 1967 - Avaliação da Escola de Educação Familiar do Paraná
- 1968 - Planejamento do Apostolado – E. E. Familiar
- 1972 - Relatório da Escola de Educação Familiar
- 1973 - Informativo do Curso de Puericultura.
- Informativo: Condições de matrícula, grade curricular
- 1974-75 - Relatório do Colégio de Educação Familiar do Paraná
- 1976 - Fatos marcantes para a História da Arquidiocese de Curitiba
- 1977 - Regência de Classe- objetivos
- 1981 - Normas Gerais de Funcionamento
- 1983 - Sistema de Avaliação

- 1983 - Regimento Interno
- 1987 - 50 Anos da Congregação da Sociedade das Filhas do Coração de Maria, Elba Randow. (Doc. Datilografado)
- S/d - Colégio de Educação Familiar do Paraná -Panfleto de propaganda
 - Normas para avaliação dos almoços
 - A Sociedade das Filhas do Coração de Maria (folder)

Arquivo Pessoal de Josélia de Faria Amorim

- 1955 - Boletim da 1ª aluna
 - Convite de formatura
 - Diploma da 1ª aluna de educação Familiar
 - Discurso de formatura da 1ª turma
 - Posições corretas nos trabalhos caseiros
 - Texto : Quais os objetivos de uma economia doméstica – Eva Goble
- 1957 - Conferência para o curso de Preparação para o casamento: Missão social da Mulher
 - Discurso de Formatura
- 1958 - Palestra proferida : A mulher de hoje
- 1960 - Conferência : Namoro e Noivado
- 1965 - Palestra para a abertura do curso de treinamento de professoras para a Educação Doméstica: Rede Estadual
- 1966 - Convite de formatura
 - Declaração de participação : Evento no RS
- 1967 - Programa de Educação Familiar da 3ª Série
- 1975 - Declaração do MEC
- 1976 - Declarações de cursos
- s/d - TEXTOS E MATERIAIS DIDÁTICOS :
 - Administração do Lar: Técnicas de Limpeza
 - A linguagem na Formulação dos objetivos
 - Apostila de Administração do Lar
 - Apostila de Conceito : Relação com a economia doméstica
 - Apostila de Educação familiar: Estudo programado
 - Apostila de Educação Infantil : Culinária no Parque
 - Apostila de Organização e Conservação geral da Casa
 - Associação Saza Lattes : Controle da Estagiária
 - Auto avaliação das alunas : Futuras – Esposas
 - Auto avaliação das alunas : Professoras
 - Código de ética Profissional da Educadora familiar
 - Conteúdo programático de Educação familiar
 - Didática de Trabalhos manuais
 - Didática especial da costura
 - Ficha de Avaliação de palestra
 - Guia para demonstração do método para economia doméstica
 - Modelo de planejamento de Estágio

- Notas sobre Educação sexual
- Planejamentos de aula de Educação familiar
- Programa de Círculos de Estudos
- Programa de Didática Especial
- Programa de Educação Familiar do 3º Ano
- Programa de Ética Profissional
- Programa para o curso de preparação para o lar
- Técnica de participação para ensinar um trabalho

S/d - Informação apresentada ao Comitê Internacional de Correspondência Educação Familiar.

S/d - Missão norte americana de Cooperação Econômica e Técnica para o Brasil :
ETA / UREMG Economia doméstica no ensino secundário

Arquivo da Cúria Metropolitana

Documentos Citados :

1956 - Resumo histórico da Escola de Serviço Social do Paraná e Escola de Educação Familiar do Paraná.

- Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Curitiba Paraná

Ano XXI 1957 n.º 34

Ano XXIV 1961 n.º 37

Ano XXV 1962 n.º 38

Documentos Consultados:

1940 - Congregação da Sociedade das Filhas do Coração de Maria _ pasta com histórico, atas e organização.

- Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Curitiba Paraná

Ano XII 1948/49 n.º 25

Ano XIV 1950 n.º 27

Ano XV 1951 n.º 28

Ano XVI 1952 n.º 29

Ano XVII 1953 n.º 30

Ano XVIII 1954 n.º 31

Ano XX 1956 n.º 33

Ano XXII 1958/59 n.º 35

Ano XXIII 1960 n.º 36

Ano XXVI 1963 n.º 39

Ano XXVII 1964 n.º 40

Ano XXVIII 1965 n.º 41

Ano XXIX 1966 n.º 42

Ano XXXI 1968 n.º 44

- Arquidiocese de Curitiba Anuário Estatístico.

Ano 32 1969 n.º 45
 Ano 33 1970/71 n.º 46
 Ano 34 1972 n.º 47
 Ano 35 1973 n.º 48
 Ano 36 1974 n.º 49

- Arquidiocese de Curitiba Anuário 1975- 1977 Ano 37 –n.º 50
 - Arquidiocese de Curitiba Anuário 1977- 1980 – n.º 51
 - Arquidiocese de Curitiba Anuário 1981- 1982 – n.º 52
 - Arquidiocese de Curitiba Anuário 1983- 1984 – n.º 53
 - Arquidiocese de Curitiba Anuário 1985- 1986 – n.º 54
 - Arquidiocese de Curitiba Anuário 1987- 1988 – n.º 55

Arquivo da CNBB - Curitiba

- Primeiro Congresso Eucarístico da Província do Paraná. Curitiba, novembro de 1953.

Documentos Consultados:

- Secretaria Regional Sul- CNBB . Planos Bienais da Igreja no Paraná

JORNAIS, REVISTAS e PERIÓDICOS, LIVROS

Arquivos : Círculo de Estudos Bandeirantes, Biblioteca Pública do Paraná e UFPR

BISCAIA, Evaristo. Coisas da cidade : crônicas. Curitiba : Fundação Cultural, 1996. (Original escrito em 1953 e editado pelas Papelarias Requião.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Edição comemorativa do Centenário do Paraná, Rio de Janeiro, Ano XLIV, n.º 224,dez de 1953.

LINHARES, Temístocles. Paraná vivo. Um retrato sem retoques. Rio de Janeiro : José Olympio, 1953.

- Revista Atualidades Pedagógicas :
 Feminismo ou Masculinismo ? março/ abril de 1950
 Como ensino Economia doméstica. maio/ junho de 1950
 Feminismo ou Masculinismo ? maio /junho de 1950
 Devem ser abolidos os trabalhos manuais ? agosto de 1953

- Jornal O Estado do Paraná

- O Estado do Paraná* . Curitiba, 15 de nov.1952. Prepara futuras esposas : A escola da Felicidade.
- O Estado do Paraná* . Curitiba, 03 de jan.1954 . Responsável a mulher pelo aumento da criminalidade.
- O Estado do Paraná* . Curitiba, 15 de ago.1954. O Comportamento da mulher em Público
- O Estado do Paraná* . Curitiba, 31 de jul.1955. Assuntos femininos
- O Estado do Paraná* . Curitiba, 19 de mar.1957. O Brasil precisa de Escolas de Educação Familiar
- O Estado do Paraná*. Curitiba, 02 de jun.1957. A Instrução feminina
- O Estado do Paraná* . Curitiba, 23 de ago.1957. Primeira Semana de Educação Familiar no Paraná
- O Estado do Paraná* . Curitiba, 25 de ago.1957. Primeira Semana de Educação Familiar : programação.
- O Estado do Paraná*. Curitiba, 31 de jun.1969. Moças da zona rural tem curso.
- O Estado do Paraná*. Curitiba, 21 de maio 1972. A mulher de hoje.

- Jornal Gazeta do Povo

- Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 de jan. 1954. Você está preparada para o papel de esposa?
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 24 de jan. 1954 . O lugar da Mulher é no Lar.
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 21 de nov.1954. Principais ambições da mulher.
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 01 de maio 1955. A alternativa dos nossos dias: ser dona de casa ou exercer uma profissão.
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 de jun. 1956. Caminho certo para o sucesso no casamento.
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 26 de março 1957. Afluência da mulher aos cursos de nível superior
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 21 de março 1957. Você acertou ao escolher o marido?
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 25 de ago.1957. I Semana de educação familiar no PR.
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 22 de maio 1958. Criada numa escola da Holanda a cátedra de Artes Domésticas.
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 19 de maio 1960. A mulher é a base do casamento
- Gazeta do Povo*. Curitiba, 11 de fev.1961. Devem as mães preparar as meninas para suas futuras tarefas no lar.

- Jornal católico : A Voz do Paraná

- A Voz do Paraná*. Curitiba, 18 de nov.1956. Educação universitária para o Lar.
- A Voz do Paraná*. Curitiba, 18 de maio 1957. A ajuda da esposa.
- A Voz do Paraná*. Curitiba, 09 de abril 1961. Atitude Feminina
- A Voz do Paraná*. Curitiba, 09 de maio 1965. Ser Mãe.
- A Voz do Paraná*. Curitiba, 12 de dezembro 1965 . Mensagem às mulheres

A Voz do Paraná. Curitiba, 22 à 28 de set. 1974. A felicidade no lar.
A Voz do Paraná. Curitiba, 11 à 17 de ago. 1974. A mulher e o hoje.
A Voz do Paraná- Documento 2 / Encarte jun 1970 Carta Apostólica de Paulo VI

FONTES ICONOGRÁFICAS

Turma da 3ª série –1975

Turma da 3ª série - 1978

Formatura na Igreja São Francisco de Assis – 1975.

Entrega de Diploma a aluna da 3ª série, 1975

DOCUMENTOS OFICIAIS - SEED

- Secretaria do Estado da Educação. Parecer 534/87 .Curitiba, 22 de abril de 1987.
- Secretaria do Estado da Educação. Resolução. 1874/87.Curitiba, 24 de abril de 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências citadas:

1. ABBADE, Marinel Pereira. Uma trajetória singular : a instituição Sagrada Família e a educação de meninas e moças. São Paulo, 1995. (174p.) Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo.
2. ALBUQUERQUE, Mario Marcondes de. Curitiba que o meu tempo guardou : História. 2ª edição. Curitiba : Gráfica e Editora Rocha , 1989.
3. ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e educação : a paixão pelo possível. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1998.
4. ANYON, Jean. Interseções de Gênero e classe : acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. Cadernos de Pesquisa. Paulo : Fundação Carlos Chagas ,n. 73, p.13-25, maio 1990.
5. APPLE, Michael. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da História e da ideologia. Cadernos de Pesquisa. São Paulo : Fundação Carlos Chagas n. 64, p.14-23. fev.1988.
6. ARCHANJO, Léa Resende. Relações de gênero e educação escolar : Colégio Estadual do Paraná. (1950-1960) . Curitiba, 1996. (140p.) Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.
7. BARROS, Carmen Lúcia ; MELLO, Guiomar Namó de . A mulher e o acesso ao ensino superior brasileiro. Cadernos de Pesquisa. São Paulo : Fundação Carlos Chagas, n. 15, p.47-77, dez.1975.
8. BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORY, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo : Contexto, 1997. p. 607 – 639.
9. BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. Rui Barbosa : a praça na trilha do tempo. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n.119, dez.1996.
10. BOSCHILIA, Roseli T. Condições de Vida e Trabalho : A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.
11. BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo : Edusp,1987.
12. BRASIL. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Decreto-lei n.º 4244. 09 de abril de 1942.

13. BRUSCHINI, Cristina. & AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação : algumas questões sobre o magistério. Cadernos de Pesquisa. São Paulo : Fundação Carlos Chagas ,n. 64, p. 4 -13, fev.1988.
14. BUENO, Wilma de Lara. Curitiba, uma cidade amanhecida : vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Curitiba, 1996 (178 p.) Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.
15. CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In : AMADO, Janaina. (org.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1996.
16. COLLECTION LA TRADITION VIVANTE. Pedro de Clorivière e as suas fundações. Paris : Editions CIF,1985.
17. COSTA, Odah Regina Guimarães. 60 Anos de Caminhada da arquidiocese de Curitiba - 1926-1986. Fundação Cultural de Curitiba , 1986.
18. CUNHA, Maria Teresa Santos. Biblioteca das moças : contos de fada ou contos de vida? Projeto História : Revista Programa de Estudos Pós-graduação em História, n.11, nov.1994.
19. _____. Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte :Autêntica, 1999.
20. DAVIS, Natalie Zemon. Culturas do povo : sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.
21. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e métodos de estudos feministas : Perspectivas históricas e hermenêuticas do cotidiano. In : BRUSCHINI, Cristina & COSTA, Albertina de Oliveira. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992. p. 39-53 .
22. _____. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo : Brasiliense, 1984.
23. FONSECA, Selva Guimarães. Ser professor no Brasil. São Paulo : Papyrus, 1997.
24. FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993.
25. FRIEDAN, Betty. Mística Feminina. Petrópolis : Vozes, 1971.

26. GANZ, Ana Maria. Vivências e falas : trabalho feminino em Curitiba (1925-1945). Curitiba, 1994. (172 p.) Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.
27. GARRIDO, Joan del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica : uma contribuição ao debate. In: Revista Brasileira de História. São Paulo. n. 25/26, p.33-54, 1993,.
28. GEORGIO, Michela de. O modelo católico. In: História das mulheres no Ocidente. Porto : Edições Afrontamento, 1991, vol 4.
29. GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORY, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo : Contexto, 1997. p. 640 – 667.
30. GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra. (org.) Textos e Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1994.
31. HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo : Vértice, 1990.
32. HARTOG, François. A arte da narrativa histórica. In : Passados recompostos: campos e canteiros da história. (org.) Jean Boutier e Dominique Julia. Rio de Janeiro ; Editora UFRJ Fundação Getúlio Vargas, 1998.
33. HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: O breve século XX (1914-199) São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
34. INSTITUTO de PESQUISA e PLANEJAMENTO URBANO de CURITIBA, IPPUC. Memória da Curitiba urbana. Curitiba, 1991.
35. JODELET, Denise. Representações sociais: Um domínio em expansão. Tradução : Serlei Fischer Ranzi, 1998.
36. KENSKI, Vani Moreira. Memória e formação de professores : Interfaces com as novas tecnologias de comunicação. In : CATANI, Denice Bárbara et alii (org) Docência, memória e gênero : Estudos sobre formação. São Paulo : Escrituras Editora, 1997. P.87-97.
37. KUNHHAVALIK, José Pedro. Bento Munhoz da Rocha Neto: Trajetória social e política e sua gestão no governo do Paraná. Monografia de Graduação – UFPR : 1995.
38. LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela : educação e trabalho das mulheres no século XX. In: História das mulheres no Ocidente. Porto : Edições Afrontamento, 1991, vol 5.

39. LEAL, Elisabeth Juchem Machado & CUNHA, Maria Teresa Santos. A educação da mulher : Uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino. Santa Catarina, 1991. (94 p.) Relatório de Pesquisa. UFSC.
40. LOURO, Guacira Lopes. “ A história (oral) da educação : algumas reflexões In: Em Aberto, Brasília : INEP/MEC, 1990. p.21-28.
41. _____. Prendas e Antiprendas : uma escola de mulheres. Editora da universidade, UFRGS, 1987.
42. _____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORY, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo : Contexto, 1997. p. 443 -481.
43. MANOEL, Ivan Aparecido. Igreja e educação feminina. (1859-1919). Uma face do conservadorismo. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
44. MARTINS, Ana Paula. Vosne. “ Um lar em terra estranha”: A aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60. Dissertação (Mestrado em História). UFPR, 1992.
45. MORAES, Maria Lygia Quartin de . Mulheres em movimento : o balanço da década da mulher do ponto de vista do feminismo, das religiões e da política São Paulo : Nobel: Conselho estadual da Condição Feminina, 1985.
46. NADAI, Elza. A educação da elite e a profissionalização da mulher brasileira na primeira república : discriminação ou emancipação. Revista da Faculdade de Educação, v.17, ns.1/2, p.5-34, jan/dez.1991.
47. NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaioti Ribeiro. et. al. A Memória da educação : Campinas (1850-1960) Campinas SP : Editora da Unicamp, Centro de Memória, 1999.
48. NUNES, Clarice. História da educação : espaço do desejo. IN: Em aberto. v. 9, n. 47, p 37-45, jul. /set. 1990 .
49. NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORY, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo : Contexto, 1997. p. 482 –509.
50. PARANATUR - Paraná turístico uma interpretação didática. Curitiba, Secretaria da Indústria e Comércio,1978.
51. PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: PRIORY, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo : Contexto, 1997. p. 278 –321.

52. PERRENOUD, Philippe. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1993.
53. PIERUCCI, Antônio Flavio de Oliveira. Igreja: contradições e acomodação. São Paulo : Brasiliense, 1978.
54. POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In : Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-215.
55. RANZI, Serlei Fischer. Memória e Ensino de História. (Texto Digitado) Curitiba, 1987.
56. RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863 – 1889). Campinas : Área de Publicações. CMU/ UNICAMP, 1996.
57. RONCAGLIO, Cynthia. Pedidos e Recusas : mulheres, espaço público e cidadania. (1890- 1934) .Curitiba, 1994. Dissertação (Mestrado em História) UFPR.
58. ROSEMBERG, Fúlvia & AMADO, Tina. Mulheres na Escola. Cadernos de Pesquisa. São Paulo : Fundação Carlos Chagas , n. 84, p.62-74, fev.1992.
59. ROSEMBERG, Fúlvia : Educação e mulher : um balanço parcial da bibliografia. In:BRUSCHINI, Cristina & COSTA, Albertina de Oliveira. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992. p. 151 – 182.
60. ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina. (org.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas , 1996.
61. SCHWARTZMAN, Simon.et ali. Tempos de Capanema. Rio de Janeiro : Paz e Terra : São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
62. SCOTT, Joan. Gênero : uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez. 1990
63. _____. História das mulheres. In: BURKE, Peter. A escrita da história. São Paulo : UNESP, 1992. p.63 – 95.
64. SANTOS, Antonio Cesar de Almeida do. Memória e cidade: Depoimentos e Transformações Urbanas de Curitiba (1930-1990). Dissertação (Mestrado) UFPR,1995.

65. SOUZA, Maria Cecília & JANOTTI, Maria de Lurdes. O Colégio de aplicação da Universidade de São Paulo. In: SIMSON, Olga Rodrigues (org.) Os desafios contemporâneos da história oral. Campinas : Universidade Estadual de Campinas, 1997.
66. STEVEN, Lukes. Bases para a interpretação de Durkheim IN: COHN, Gabriel. Para ler os clássicos. São Paulo, 1993.
67. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias : Mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba, Fundação Cultural, 1996.
68. WEBER, Eugen. França Fin-de-Siècle. São Paulo : Companhia das letras, 1988.

Referências Consultadas:

1. ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo : Brasiliense , 1981.
2. BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. São Paulo : Círculo do Livro.
3. BEOZZO, José Oscar. Igreja, educação e cultura. In : HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. São Paulo : Boris Fausto, 1978. Tomo III .
4. BARROS, Myriam Moraes & PRADO, Rosane Magalhães. Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
5. FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Cadernos de Pesquisa. n. 15 São Paulo : , Dez. 75.
6. CASTRO, Mary & LAVINAS, Lena. Do feminino ao Gênero : a construção de um objeto. In: BRUSCHINI, Cristina & COSTA, Albertina de Oliveira. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992. p. 216- 251.
7. FEDALTO, Pedro. A Arquidiocese de Curitiba na sua história. Curitiba, 1956.
8. GINES, Jesús. Pedro y Adelaida : Una aventura de Dios entre los Hombres. Santiago, Chile : Editora Salesiana, 1989.
9. IPARDES – . O Paraná reinventado: política e governo. Curitiba : IPARDES/SEPL/ FUEM, 1989.
10. HOERNER, Júnior, Valério. Ruas e Histórias de Curitiba. Curitiba : Artes e Textos, 1989.

11. LEITE, Miriam L. Moreira. A outra face do feminismo : Maria Lacerda de Moura. São Paulo : Ática, 1984.
12. MATTAR, Maria Olga. O preconceito e sua força desagregadora na vida social. Tese de livre docência. Curitiba, 1954.
13. MARCASSA, João. Curitiba, essa velha desconhecida. Curitiba : Refripar, 1989.
14. NICOLAS, Maria. Páginas curitibanas. Curitiba, 1973.
15. PERROT, Michelle. Os excluídos da História : operários, mulheres e prisioneiros Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988
16. _____. (org.) História da vida Privada : da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (vol.4) . São Paulo : Companhia das Letras, 1991.
17. PILLOTTO, Erasmo. A educação no Paraná. Rio de Janeiro : MEC, 1954.
18. RATACHESKI, Alir. Cem anos de Ensino no Estado do Paraná. Curitiba : Biblioteca Pública do Paraná, Sessão Paranaense, 1953 (manuscrito).
19. ROCHA Neto, Bento Munhoz da. O Paraná : ensaios. Curitiba : Coleção Farol do Saber, 1995.
20. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil : 1930/1973. Petrópolis : Vozes, 1986.
21. ROSALDO, Michele Zimbalist e LAMPHERE, Louise. (coor.) A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
22. SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: BRUSCHINI, Cristina & COSTA, Albertina de Oliveira. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215

RELAÇÃO DE ANEXOS

1. Roteiro da entrevista com ex-professoras (religiosas e leigas).
2. Roteiro da entrevista com ex-alunas.
3. Prospecto de propaganda do colégio.
4. Modelo de planejamento para o estágio social.
5. Certificado recebido por uma aluna na instituição que desenvolveu estágio.
6. Levantamento do número de alunas matriculadas.
7. Diploma de Josélia de Faria Amorim, formanda da primeira turma da Escola de Educação Familiar do Paraná. (1955)
8. Boletim Escolar de Josélia de Faria Amorim. (1955)
9. Convite de formatura da primeira turma da Escola de Educação Familiar do Paraná.
10. Histórico Escolar do Primeiro Ano da aluna Maria Tereza Consentino. (1973)
11. Histórico escolar. (1975)
12. Diploma do curso de Magistério . (1977)
13. Fotografias – alunas do 3º ano (1975)
14. Fotografias - Josélia de Faria Amorim entregando diploma à aluna Maria Tereza.
Turma de formandas de 1978, incluindo a ex-aluna entrevistada Elisa Maria Dalla Bona.

ANEXO 1

ROTEIRO da ENTREVISTA COM EX PROFESSORAS

- 1) Quando e como a senhora iniciou seu trabalho no Colégio de Educação Familiar?
- 2) Como a senhora definiria o Colégio de Educação Familiar ?
- 3) Como a senhora percebia a formação de professoras pelo CEF?
- 4) O que era a educação para o lar? Quais as preocupações com esta formação?
- 5) Quem era a clientela do CEF? Havia seleção de candidatas?
- 6) Como eram encaminhado as propostas de estágios nas escolas e as propostas práticas nas comunidades carentes da cidade?
- 7) Como a senhora percebia a visão da comunidade em relação ao trabalho desenvolvido pelo Colégio e pela congregação?
- 8) Na sua opinião por que a escola cessou suas atividades?
- 9) Fale sobre experiências que a senhora considera significativas no seu trabalho com as alunas?

ANEXO 2

ROTEIRO da ENTREVISTA COM EX-ALUNAS

- 1) O que levou você a estudar no Colégio de Educação Familiar de Curitiba?
- 2) Quais os motivos pelos quais você ou a sua família escolheram aquele colégio?
- 3) A proposta de educação desenvolvida pelo colégio correspondeu as suas expectativas ou as de seus pais?
- 4) Como você se sentia enquanto aluna em relação ao nome como a escola era conhecida em Curitiba : “ Caça - marido” ?
- 5) Como você se sentia no colégio? Havia disputas entre as alunas? De que tipo?
- 6) Fale sobre a sua formação como professora normalista.
- 7) Você se sentia preparada para atuar como professora? Justifique.
- 8) Como você via os estágios e os projetos sociais desenvolvidos nas comunidades carentes?
- 9) Você tinha a preocupação em aplicar no estágio o que aprendiam na teoria?
- 10) Como você via as questões do ensino de etiqueta e educação para o lar ?
- 11) Você utilizava ou utiliza o seu cotidiano os conhecimentos adquiridos no colégio sobre a educação para o lar?
- 12) Que lembranças marcantes você tem do período de estudo no colégio de Educação Familiar de Curitiba?
- 13) Na sua opinião porque ocorreu o encerramento das atividades do colégio?
- 14) Há outros fatos que não foram perguntados, mas que você considera importante mencionar?

COLÉGIO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ

Ensino de 2.º Grau

Mantido pela Associação de Educação Familiar e
Social do Paraná.



MAGISTÉRIO

Reg. SEED, n.º 347 em 21/6/54

Mec, Nível Colegial

Portaria n.º 81 de 13/3/61

Normal Colegial, reconhecido:

a) Decreto 13.878 de 10/1/64

b) Decreto 10.677 de 17/6/68

Decreto de Reorganização n.º 6.387
de 29/3/79

Rec. Portaria n.º 131/82

*"A educação será tanto mais
humanizadora quanto mais se
abrir para a Transcendência,
ou seja, para a Verdade e o
Sumo Bem".*

Puebla, 1024

Rua Bento Viana N.º 765

Bairro Água Verde - Fone: 242-1155

80.000 - Curitiba - Paraná

ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO À MATERNIDADE E A INFÂNCIA "SAZA LATTES"

CLUBE DE MÃES

MODELO DE PLANEJAMENTO DE ESTÁGIO

NOME DA ESTAGIÁRIA _____

LOCAL DO ESTÁGIO: CLUBE DE MÃES _____ ENDEREÇO _____

Data	Horário	Matéria	Atividade (prát. e teór.)	Tema	Assunto	Duração	Recursos Complementares (dinâmica de grupo empreg. etc)	Recursos Au- dios Visuais	OBSERVAÇÕES

Cada aluna de 3º ano dará o total de 14 aulas.

Relação: 1. - Puericultura 2. - Nutrição 3. - Higiene 4. - Cultura Religiosa 5. - Educação Familiar 6. - Economia Doméstica -
7. - Relações Sociais 8. - Molde 9. - Corte e Costura 10. - Trabalhos Manuais 11. - Culinária 12. - Recreação Adulto
13.- Recreação Infantil 14. - Decoração.

ANEXO 6

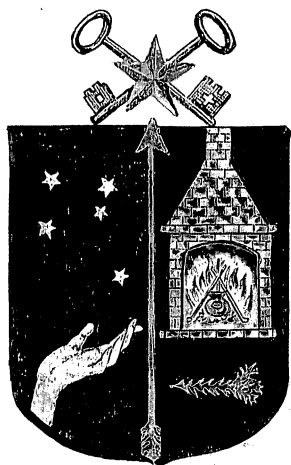
Alunas matriculadas

ANO	Nº de alunas
1957-	59
1959	120
1960	144
1961	231
1963	212
1964	158
1967	206
1971/72	321
1973	318
1974	308
1975/77	277
1977/80	268
1981/82	220
1983/84	150

Fontes:

- Arquidiocese de Curitiba : Anuários Estatísticos 1948 – 88¹
- Estado do Paraná – Listagem dos Estabelecimentos de Ensino Médio (1971)
- Relatório Anuais do Estabelecimento. (1953/ 72/74/75)

¹ O Anuário da Arquidiocese de 1985-86 só cita o último ano de funcionamento do Colégio de Educação Familiar –1986.



ESCOLA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ

DIPLOMA DE

Educadora Familiar

*Stella Missano Quérios
de Faria Amorim
15/12/55*

*Conferido à Senhorita Josélix de Faria Amorim
que obteve pleno êxito nos exames escritos, orais, práticos e pedagógicos de Especialização
em Ciências Familiares e Domésticas.*

Curitiba, 15 de Dezembro de 1955

*Stella Missano Quérios
Diretora*

A ALUNA

Josélix de Faria Amorim

*H. J. Ameghini
Inspetor*

BOLETIM ANUAL

DA ALUNA JOSÉLIA DE F. AMORIM

CURSOS TEÓRICOS	Aulas Dadas	Faltas	Nota 1.ª Prova	Aulas Dadas	Faltas	Nota 2.ª Prova	RESERVAÇÕES
Moral	19	0	8,62	20	4	7,41	
Psicologia	7	0	7,5	5	0	7,75	
Educação Familiar Cult. Rel.	9	0	9	7	0	9,93	
Sociologia Pedagogia . .	8	2	9	19	2	9,15	
Noções de Higiene-Métod.	6	0	9,87	11	0	9,83	
Patologia Serv. Social . .	6	1	8,87	11	1	8,5	
Noções de Puericultura D.E.C. AM.	6	0	9,5	11	0	8,5	
Alimentação Familiar . . .	9	0	10	-	-	-	
Economia Doméstica . . .							
CURSOS PRÁTICOS							
<i>Vestuários:</i>							
Corte e Costura	39	3	8,75	60	3	9,25	
Remendo Molde	22	0	8,37	22	2	6,58	
Lavagem e Conservação . .				-	-	-	
Passar a Ferro	8	0	9,25	-	-	-	
Cosinha				47	0	10	
Enfermagem							
Indústria Doméstica	22	4	10	36	6	10	

MÉDIA GERAL 9

Stella Missino Queiroz
Directora

MOD. 1

ESCOLA
DE
EDUCAÇÃO FAMILIAR

BOLETIM ANUAL

Da Aluna: Josélia F. de Amorim

As alunas da Escola de Educação Familiar, têm o prazer de convidar V. Excia. e Exma. Família para assistirem às solenidades de sua formatura, a serem realizadas no dia 15 de Dezembro de 1955.

8 hs. - Missa em ação de Graça na Igreja do Rosário, celebrada pelo Revmo. Frei Alvaro Machado da Silva

9,30 hs. - Entrega de diplomas no Salão Nobre da Escola de Serviço Social (Av. Jaime Reis, 415).

HOMENAGEADOS

Inspector

Dr. José Alexandre de Moura Negrini

Diretora

D. Stela Missino Guérios

Professores

Paraninfa

D. Leonor Lezan

GRADUANDAS

Josélia de Faria Amorim

Lourete Scaramuzza

Rosa Shisuca Miyasaki

Nome da aluna: MARIA TERESA DE AMORIM CONSENTINO
 Curso anterior: Ginásial
 Estabelecimento: Colégio Nossa Senhora do Sion
 Endereço: Curitiba - Paraná

ESPAÇO RESERVADO AO ÓRGÃO DA S.E.E.C.
 SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
 COORDENAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO EDUCACIONAL

OUTRAS HABILITAÇÕES

O presente Diploma é autêntico e a Vida Escolar do diplomando está em ordem.

Curitiba, 25 / 10 / 1977

J. Machado
 Coordenador

CURSO: MAGISTÉRIO	Nº Horas	1ª série 19 73	2ª série 19 74	3ª série 19 75
FORMAÇÃO GERAL:				
Língua Portuguesa e Lit. Brasileira	210	A	A	B
Geografia.....	60	A		
História.....	90		A	A
Organização Social e Política do Brasil.....	30			A
Matemática.....	180	B	B	B
Física.....	30			B
Química.....	30			B
Biologia.....	120	A	B	
Educação Moral e Cívica.....	60	B		
Educação Artística.....	60	A		
Educação Física.....	180	A	A	A
Programas de Saúde.....	30	B		
Ensino Religioso.....	60		B	A
DISCIPLINAS PROFISSIONALIZANTES:				
Fundamentos da Educação.....	360		A	B
Estrutura e Func. do Ensino do 1º Grau..	120			B
Didática.....	390	B	B	B
Didática (Prática de Ensino).....	210	A	A	A
Alimentação e Nutrição.....	180	A	A	
Arte e Habitação.....	30			A
Puericultura.....	30	A		
Vestuário.....	180	A	A	
Administração do Lar.....	120	A	A	

ESPAÇO RESERVADO AO ÓRGÃO DO M.E.C.

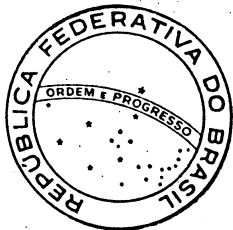
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 SECRETARIA DE AÇÃO ADMINISTRATIVA
 COR - Delegacia Regional do Paraná - DR/9
 Título: Professor de 1º Grau
 Diploma Registrado sob n.º 49927
 livro 83 fol. 93 proc. nº n. 1572/77
 Curitiba, 29 / 12 / 1977
 Registrado por: *Osvaldo J. da Silva*
 Visto: *W. Rosa*
 Chefe do Serviço de Registro

OBSERVAÇÃO

ESPAÇO RESERVADO AO ÓRGÃO FISCALIZADOR DA PROFISSÃO

TOTAL DE HORAS:.....2.760

Registro o presente Diploma no livro.....1.....
 folha.....27.....
 Data 16 / 12 / 75



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

COLÉGIO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ - ENSINO DE 2.º GRAU

CURITIBA — PARANÁ

Registrado na SEEC do Estado do Paraná sob N.º 347 em 21 de junho de 1954

Reconhecido pelo Decreto 10.677 de 17 de junho de 1968 do Governo do Estado do Paraná

Implantação da Lei 5.692 aprovada pelo Parecer 019/73 de 15 de março de 1973 do Conselho Estadual de Educação

DIPLOMA

O Diretor do Colégio de Educação Familiar do Paraná, Ensino de 2.º Grau, de acordo com o Art. 16 e Art. 6.º da Lei 5692, de 11 de agosto de 1971, e com o disposto no Regimento Escolar, confere o Título de Professor de 1.º Grau a

MARIA TERESA DE AMORIM CONSENTINO

NOME

filha de Clemente Consentino Junior e de Maria de Lourdes de Amorim Consentino

natural de Curitiba Estado do Paraná

nascida a 31 de outubro de 1956, por ter concluído no ano letivo de 1975

o Curso de Magistério com direito a lecionar de 1.ª a 4.ª série do 1.º Grau. O presente Diploma outorga os direitos e prerrogativas estabelecidos nas leis do País.

Curitiba, 16 de dezembro de 1975

Maria Teresa Amorim Consentino

Diplomada

Rosa Agnes Laqui

Secretária

Rosinha Lecheta

Diretora

Reginalda Riisto

Inspetor de Ensino

OBSERVAÇÕES :

TRANSFERÊNCIA : Nas transferências será expedido, juntamente com duas vias da ficha individual e do histórico escolar, o seguinte

CERTIFICADO

JOSÉLIA DE FARIA AMORIM, infra assinado, Diretor do Colégio de Educação Familiar do Paraná - Ensino de 2º Grau localizado em Curitiba, município Paraná nos termos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, certifica que o aluno MARIA TERESA DE AMORIM CONSENTINO cursou até 16 de dezembro de 1975, a 3ª Série do 2º Grau. Habilitação Magistério, deste estabelecimento, conforme os resultados constantes do Histórico Escolar, podendo, de acordo com a legislação em vigor, continuar os estudos em qualquer estabelecimento de ensino de 2º Grau oficialmente reconhecido.

Curitiba, 16 de dezembro de 1975

Secretário — Reg. Nº

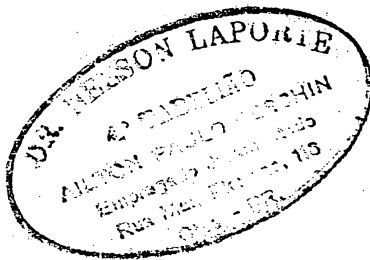
Diretor — Reg. Nº

RESERVADO PARA RECONHECIMENTO DE FIRMA

4.º TABELIÃO - CURITIBA - PARANÁ
Reconheço a firma Alcrista
do que dos 13.

CTBA. 02 SET 1973

Em testemunha da verdade.



Dr. Nelson Laportie



ESTABELECIMENTO Colégio de Educação Familiar do Paraná - Ensino de 2º Grau
 CIDADE: Curitiba MUNICÍPIO: Curitiba
 DATA DE NASCIMENTO: 31 de outubro de 1956
 AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO: 317
 ENTIDADE MANTEDORA: ASS. de Educ. Fam. e S. do Pr.
 ESTABELECIMENTO QUE EXPEDIU O CERTIFICADO DE 1º GRAU: Col. N.ª Sra. Sion
 ESTADO: Paraná

NOME DO ALUNO: MARIA TERESA DE AMORIM CONSENTINO
 FILIAÇÃO: Clemente Consentino Junior - Maria de Lourdes Amorim
 HABILITAÇÃO: MAGISTÉRIO SÉRIE: 3ª TURNO: Diurno
 TOTAL DA CARGA HORÁRIA DO CURSO: 2.840
 ESTABELECIMENTO QUE EXPEDIU O CERTIFICADO DE 1º GRAU: Col. N.ª Sra. Sion
 ESTADO: Paraná

DISCIPLINAS	EDUCAÇÃO GERAL - NÚCLEO COMUM												FORMAÇÃO ESPECIAL													
	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	GEOGRAFIA	HISTÓRIA	O. S. P. B.	MATEMÁTICA	FÍSICA	QUÍMICA	BIOLOGIA	EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	PROGRAMAS DE SAÚDE	ENSINO RELIGIOSO	EDUCAÇÃO FÍSICA	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO	DIDÁTICA	ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO do ENSINO do 1.º GRAU	ALIMENTAÇÃO	NUTRIÇÃO	ARTE E HABITAÇÃO	VESTUÁRIO	ENFERMAGEM	PUERICULTURA	ADMINISTRAÇÃO DO LAR			
TOTAL DA CARGA HORÁRIA DO CURSO - POR DISCIPLINA	110/60	70/30	150/30	30	60/60	30/60	180/30	30	60/60	30/60	180/30	30	60/60	30/30	120/120	60/30	60/30	60/30	30/60							

1ª SÉRIE

CONCEITO	A	A	B	B	A	A	A	A	A	A	A	A	A	B	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A			
CARGA HORÁRIA	30/60	60	60	60	60/60	30	60/30	60/60	60/60	90	60/30	60/90	30															
ESTABELECIMENTO:	Colégio de Educ. Familiar do Pr.-Ens. de 2º Grau												Cidade: Curitiba												ESTADO:	Paraná	ANO:	1973

2ª SÉRIE

CONCEITO	A	A	B	B	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A			
CARGA HORÁRIA	60	60	60	60	60/60	30	60/60	60/60	60/60	120/120	60/30	60/30	60/30	60														
ESTABELECIMENTO:	Colégio de Educ. Familiar do Pr.-Ens. de 2º Grau												Cidade: Curitiba												ESTADO:	Paraná	ANO:	1974

3ª SÉRIE

CONCEITO	B	A	A	B	B	B	B	B	B	A	A	A	A	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B			
CARGA HORÁRIA	60	30/30	60/30	60/30	60/30	60/30	60/30	60/30	60/30	30/60	30/60	30/60	30/60	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120	120/120			
ESTABELECIMENTO:	Colégio de Educ. Familiar do Pr.-Ens. de 2º Grau												Cidade: Curitiba												ESTADO:	Paraná	ANO:	1975

4ª SÉRIE

CONCEITO																												
CARGA HORÁRIA																												
ESTABELECIMENTO:																									ESTADO:		ANO:	

OBSERVAÇÕES: Faltas - 200 horas

DADOS SECRETARIO - REG. Nº *Rosina Paquin* DIRETOR - REG. Nº *Rosina Paquin*

Educação para o Lar compreende:

Administração do Lar

Relações Sociais

Puericultura

Educação Familiar

ARTES FEMININAS COMPREENDE:

Molde e Costura

Nutrição

Culinária

Trabalhos Manuais

Decoração de Ambientes

~~Extensão~~ Prog. de Saúde

A N O S		
1.º	2.º	3.º
9,0		
8,2		
9,3		
9,2		
9,5		
7,2		



ESCOLA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DO PARANÁ, 2º GRAU
CURITIBA — PARANÁ

.....
Maria Teresa de Amorim Consentino

Nome da aluna

31 de outubro de 1956

Data do Nascimento

Curitiba

Cidade

Paraná

Estado

.....
Clemente Consentino Junior

Nome do Pai

.....
Maria de Lourdes Amorim Consentino

Nome da Mãe

HISTÓRICO ESCOLAR

2.º CICLO SÉRIES	Portugues	Matemática	Ingles	Ciências	História	Geografia	Educação Moral, Cívica - Cultura Religiosa	Fund. da Educação	Teoria Prática	Desenho	Ed. Física	Ed. Musical	Média Global
1.ª	8,0	7,5	-	8,3	-	9,0	7,7	-	7,2	9,2	8,3	10,0	8,5

Escola de Educação Familiar do Paraná, 2.º Grau - Curitiba - 19.....73

2.ª													
-----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Escola de Educação Familiar do Paraná, 2.º Grau - Curitiba - 19.....

3.ª													
-----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Escola de Educação Familiar do Paraná, 2.º Grau - Curitiba - 19.....

ESTÁGIOS:

VISITAS ÀS ÓBRAS SOCIAIS:

ANO	HORAS	LOCAL DE ESTÁGIO	DISCIPLINA

.....
Júlia de Faria Amorim
Diretora

.....
Celia Maria Boeira da Siqueira
Secretária

Arquivo particular: Maria Tereza Amorim Consentino



Josélia Amorim entregando o diploma à aluna Maria Tereza Amorim Consentino, 1975

Arquivo particular: Profª Elisa Maria Dalla Bona



Alunas do 3º Ano, 1978



Arquivo particular: Maria Tereza Amorim Consentino

Alunas do 3º Ano no pátio do Colégio, 1975



Arquivo particular: Maria Tereza Amorim Consentino

Formatura na Igreja São Francisco de Paula, 1975